

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na
construção do projeto de vida

Elaine Juncken Teixeira

2005

Elaine Juncken Teixeira

Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na
construção do projeto de vida.

Dissertação submetida ao corpo
docente do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia do
Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessário à obtenção do grau de
Mestre.

Orientadora

Prof(a). Dr(a) Lucia Rabello de Castro

Rio de Janeiro

2005

Juncken, Elaine Teixeira

Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida / Elaine Juncken Teixeira. - Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

138p.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia / Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2006.

Orientador: Lucia Rabello de Castro

1. Jovem pobre. 2. Projeto de vida. 3. Trabalho. 4. Redes de sociabilidade. 5. Participação. I. Castro, Lucia Rabello de (Orient.) II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

Elaine Juncken Teixeira

Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na
construção do projeto de vida.

Instituto de Psicologia da UFRJ

Rio de Janeiro, dezembro de 2005

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a) Lucia Rabello de Castro – Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof(a) Dr(a) Myriam Lins de Barros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof(a) Dr(a) Maria Aparecida Tardim Cassab
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Lucia Rabello de Castro, que com sua dedicação e seu vasto conhecimento, enriqueceu imensamente não só a realização desta dissertação, como também a minha vida profissional e acadêmica.

À CAPES pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

À banca examinadora: professoras Myriam Lins de Barros e Maria Aparecida Cassab pela atenção e disponibilidade.

Aos meus pais por terem me proporcionado todo o instrumental necessário para que eu pudesse chegar até aqui. E principalmente à minha mãe Valquiria Juncken, que sempre me incentivou à vida acadêmica, e que muito me auxiliou com seus brilhantes comentários e conhecimentos de professora de História.

Ao meu marido Flávio por todo o carinho, dedicação e incentivo nesta minha caminhada.

Às companheiras de mestrado Amana Mattos e Renata Monteiro pela solidariedade e ajuda durante o curso.

À Sandra Kornan Dib pelas contribuições sobre o planejamento de vida de jovens e pela ajuda na busca das referências bibliográficas deste trabalho.

À Viviane Giroto pelo incentivo e pelas conversas sobre a juventude pobre brasileira.

À Andrea Ferreira e Ana Cristina Brasil por todo o auxílio e dedicação nos momentos mais críticos.

Aos jovens participantes desta pesquisa, a razão de ser deste trabalho.

Dedico este trabalho a todos os jovens que participaram do Projeto Jovem Total pela coragem de continuarem a lutar por dias melhores, mesmo em condições tão adversas

Minha cor

Sentado na calçada, eu me pergunto por que
o que fizemos pra merecer
Procuro uma explicação
Sigo minha estrada sem entender
Porque não paro de sofrer, porque tanta discriminação
Aonde vou sou tratado como diferente
Pela minha cor e pobreza, sou visto como um indigente
o tempo não curou nossa dor, continuamos escravos
Quase não temos valor
Sempre que sou acusado, nunca saio inocente
Bandido não sou, fui roubado perdi meu título de gente.
o tempo não curou nossa dor, continuamos escravos
Quase não temos valor
Quero que meu filho nasça, num país decente!
Que a/guém respeite a gente!
Não dá mais para ser tratado, como diferente.
o preconceito fere a gente.
(Carlos Eduardo Alves dos Santos, participante do
Projeto Jovem Total e da Oficina de Vídeo
organizados pelo NIPIAC'

RESUMO

JUNCKEN, Elaine Teixeira. *Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo investigar o projeto de vida do jovem pobre, tendo em vista o sentido que este atribui à sua participação na construção desse projeto, e à ajuda disponível percebida para tal. Este trabalho compreende uma análise empírica relativa aos percursos que os jovens pobres acham necessário realizarem para atingirem seus objetivos, e de que forma sua participação influencia na realização destes. A análise do material empírico compreende 12 "grupos de reflexão" de 5 comunidades pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro assistidos pelo Projeto Jovem Total, obtida por meio de uma das dinâmicas conduzidas no grupo, referente ao projeto de vida. O trabalho apresenta uma discussão sobre as especificidades socioculturais da juventude, em especial a pobre, e questões sobre a construção, o planejamento e a flexibilização do projeto de vida. Os resultados do estudo discutem a importância do trabalho, considerado como aspecto organizador do projeto de vida do jovem pobre, e o sentido da escola para a consecução deste ideal. Ressaltam-se, neste trabalho, as contradições entre os aspectos superestimados da "vontade pessoal" e as ações efetivamente alcançadas; a descrença no poder público e a projeção de que ele solucione os impasses do percurso pessoal. Essas contradições são analisadas à luz das enormes dificuldades que o jovem pobre tem que enfrentar para efetivar seu projeto de vida. Desta forma, privilegia-se neste trabalho o enfoque sobre as condições subjetivas que permitem ao jovem se posicionar como agente, assim como co-participante nas redes de sociabilidade em prol da construção de sua trajetória tanto pessoal quanto profissional.

ABSTRACT

JUNCKEN, Elaine Teixeira. Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005

The present dissertation has the objective of investigating the life project of poor youth, having in view the meaning that they attribute to their participation in the construction of this project and the perceived necessary help to carry out the intended project. This work comprehends an empirical analysis of imagined life projects put forward by poor youth in relation to their lifelong objectives, as well as an analysis of their imagined participation to carry out those objectives. The analysis of the empirical data comprehended twelve discussion groups in five poor communities in the city of Rio de Janeiro attended by the "Projeto Jovem Total", and the examination of the data provided by a role play conducted in the group referring to the life project. The present work discusses the socio-cultural particularities of young people in Brazil, in particular poor youth, and issues about the construction, the planning and the flexibility of the life project. The results of this study show the importance of work, considered a central aspect of the life project of poor young people, and the meaning they give to schooling and education in the consecution of this ideal. Noteworthy aspects are the contradictions between the overrated aspects of "personal will and determination" and the actions actually taken on; the disbelief in public policies and the projection that public policies will solve the difficulties of personal careers. Those contradictions are analyzed in the light of the enormous difficulties that poor young people have to face to put into effect their life project. Thus, it has been focused along this work the importance of the subjective conditions that allow poor youth to position themselves as agents and as co-participants in the construction of their life projects, both personal and professional.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número de grupos de reflexão por comunidade	24
Tabela 2	Número de participantes por gênero e comunidade	29
Tabela 3	Descrição dos pontos de partida e de chegada por grupo e por comunidade	38
Tabela 4	Descrição dos problemas relacionados à falta de recursos por grupo e por comunidade	42
Tabela 5	Descrição dos problemas relacionados à família por grupo e por comunidade	45
Tabela 6	Descrição dos problemas relacionados ao estudo e ou trabalho por grupo e por comunidade	48
Tabela 7	Descrição dos problemas relacionados à saúde, preconceito, violência e drogas por grupo e por comunidade	54
Tabela 8	Descrição dos outros problemas por grupo e por comunidade	57
Tabela 9	Descrição da participação do jovem por grupo e por comunidade	67
Tabela 9.1	Descrição da participação do jovem por subcategorias: atributos individuais, características do sucesso e comportamento	68
Tabela 9.2	Descrição da participação do jovem por subcategorias: atributos individuais, características do sucesso e comportamento	69
Tabela 10	Descrição da ajuda de outrem por grupo e por comunidade	76
Tabela 10.1	Descrição da ajuda de outrem por grupo e por comunidade	77
Tabela 11	Descrição das ações do poder público que beneficiaram os jovens do jogo	84
Tabela 11.1	Descrição das ações do poder público que beneficiaram os jovens do jogo	85
Tabela 12	Descrição das ações do poder público que beneficiaram os jovens do jogo	88

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I - Jovens pobres e seus 'pontos de chegada': a construção do projeto de vida	15
1.1 Juventudes: especificidades socioculturais de uma geração	15
1.2 Construção do projeto de vida: reflexão, planejamento, flexibilização da trajetória	19
Capítulo II - Metodologia, análise e discussão dos resultados	
2.1 Metodologia dos "grupos de reflexão" do Projeto Jovem Total..	24
2.1.1 Descrição da dinâmica	25
2.2 Análise e discussão dos resultados	26
2.3 Os Jovens participantes dos "grupos de reflexão"	29
2.4 "Ponto de partida": a importância da origem social como condição inicial do percurso	30
2.5 "Ponto de chegada": a profissão como meta de auto-realização	32
2.6 "Problemas": dificuldades e obstáculos para a concretização do projeto de vida	39
2.6.1 Falta de recursos	39
2.6.2 Problemas familiares	43
2.6.3 Dificuldades de estudo e/ou trabalho	46
2.6.4 Problemas de saúde	49
2.6.5 Drogas e álcool	49
2.6.6 Violência	50
2.6.7 Preconceito	52
2.6.8 Outros problemas	55
2.7 "Participação do jovem": a auto-determinação como recurso possível frente à adversidade	58
2.8 "Ajuda de outrem": as redes de sociabilidade dos jovens pobres	70
2.8.1 A ajuda através do incentivo	71
2.8.2 A ajuda financeira	72
2.8.3 A ajuda de outrem através da oferta de emprego	73
2.9 "Ação do poder público": apoio na formação profissional do jovem	78
2.10 O "desfecho das histórias": a realização ou não do sonho	89
2.11 As "trajetórias das histórias": especificidades dos projetos dos jovens de cada comunidade	90
2.12 "As trajetórias dos grupos": tensões e contradições na realização do objetivo.....	98
Capítulo III - As redes de sociabilidade do jovem na busca pela concretização de seu projeto de vida	
3.1 Família: a principal rede de sociabilidade do jovem	103
3.2 Trabalho juvenil: a disputa pela inserção e reconhecimento do jovem pobre no mercado de trabalho	111
3.3 O sentido do trabalho para o jovem pobre	118

Considerações finais	129
Referências	133

Introdução

O interesse pelo projeto de vida de jovens pobres surgiu a partir do trabalho que realizei como estagiária no Projeto intitulado Jovem Total no período de setembro a novembro de 2002, em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Este projeto realizado pelo então Governo do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), vinculado ao Instituto de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve como objetivo ensinar técnicas de trabalho a jovens de comunidades de baixa renda com a finalidade de proporcionar a geração de renda e a inserção social destes jovens.

Além de cerca de 10 oficinas de qualificação profissional, o projeto contou também com “grupos de reflexão”, os quais consistiram em grupos de discussão que estiveram sob responsabilidade do NIPIAC, e tiveram como proposta a reflexão dos jovens sobre as questões subjetivamente percebidas da ação política do governo e a relação destas com suas vidas, com seu futuro e com seus desejos, dando voz a estes jovens e criando um espaço coletivo de troca e de apoio a subjetividades coletivas.

Através do trabalho em um dos “grupos de reflexão” pude estar em contato com a difícil realidade de muitos jovens que, em sua maioria, estão excluídos de um ensino de qualidade. Desta forma, estes jovens se vêem desinstrumentalizados para a realização de seus objetivos relativos ao trabalho e/ ou profissão, e conseqüentemente, à subsistência da família, a aquisição da moradia e de bens de consumo. Esta situação é de extrema relevância para a sociedade brasileira, pois ela não representa apenas um caso isolado; ela se presentifica de diversas formas em milhares de comunidades do país.

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo aprofundar os conhecimentos referentes ao projeto de vida do jovem pobre, tendo em vista o sentido que este atribui a sua

participação na construção do seu projeto de vida, e as ajudas e redes de sociabilidade que ele dispõe. Este trabalho compreende, portanto, uma análise baseada numa investigação empírica relativa aos percursos que os jovens pobres acham necessário realizarem para atingirem seus objetivos, e de que forma a participação deles influencia na realização destes. Para isso, realizamos a análise do material empírico em 12 “grupos de reflexão” de 5 comunidades pobres da região metropolitana do Rio de Janeiro, obtido por meio de uma das dinâmicas conduzidas no grupo, referente ao projeto de vida. Essa foi realizada no último encontro. Das 5 comunidades, 4 estão localizadas na Zona Oeste (Cesarão, Cidade de Deus, João XXIII, Vargem Grande) e 1 na Zona Norte do Rio de Janeiro (Jacarezinho).

O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre as especificidades socioculturais da juventude, em especial a pobre, e questões sobre a construção, o planejamento e a flexibilização do projeto de vida.

O segundo capítulo compreende os resultados do trabalho empírico analisados e discutidos através da categorização de alguns aspectos mais relevantes para o projeto de vida do jovem pobre, incluindo a participação dele, os problemas e dificuldades enfrentadas, a ajuda de pessoas da sua rede de sociabilidade e a ação do poder público.

O terceiro capítulo apresenta uma discussão sobre questões oriundas do material empírico, como a importância das redes de sociabilidade do jovem pobre na busca pela concretização de seu projeto de vida, como a escola, e em especial a família. Discute também à luz de outros autores, os problemas e dificuldades enfrentados pelo jovem pobre, e o sentido do trabalho e da inserção profissional para esse.

Alagados

Todo dia o sol da manhã vem e lhes desafia

Traz o sonho para o mundo quem já não queria

Palafitas, trapiches, farrapos

Filhos da mesma agonia

E a cidade que tem braços abertos num cartão postal

Com os punhos fechados da vida real

Lhes nega a oportunidade

Mostra a face dura do mal

Alagados. trench town, favela da Maré

A esperança não vem do mar, nem das antenas de TV

A arte é de viver da fé

Só não se sabe fé em quê

(Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone)

Capítulo I

Jovens pobres e seus “pontos de chegada”: a construção do projeto de vida

1.1- Juventudes: especificidades socioculturais de uma geração

Definir o que representa a juventude brasileira nos parece complexo, principalmente se estamos nos referindo em especial aos jovens pobres, que se encontram distantes dos padrões de consumo e de vida propagados pela mídia.

De acordo com Levi e Schmitt (1996) a juventude é, assim como todas as épocas da vida, talvez um pouco mais acentuada, uma construção social e cultural. Ela se caracteriza por se situar entre as margens móveis da dependência infantil e a autonomia da idade adulta, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais e entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder. É uma época da vida que não pode ser rigidamente delimitada por quantificações demográficas nem por definições de tipo jurídico. No plano individual, a juventude é uma fase crucial para a formação e a transformação de cada um, que vai desde a maturação do corpo e do espírito, até as escolhas para a inserção definitiva na vida da comunidade. Neste sentido, a juventude é o momento das tentativas sem futuro, das vocações mutáveis, da busca e das aprendizagens incertas, marcada por êxitos e fracassos, sendo preciso considerar também a desigualdade entre as classes sociais:

“.. que torna as condições de vida e as opções culturais da “juventude dourada” (toda época tem a sua) somente a expressão de uma minoria, embora sua presença nos documentos e a capacidade de atração do modelo que ela encarna sejam muito fortes.” (LEVI e SCHMITT, 1996: 14)

Outros autores (RIBEIRO (2004), ALVIM E PAIM (2000), ABRAMO (2005)) também concordam que o termo juventude não pode ser baseado apenas na faixa etária, ou

seja, de forma monolítica e objetivamente dada. A juventude é simultaneamente, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Portanto, precisamos falar de juventudes, e não de juventude, já que existem distinções sociais, históricas, raciais, de etnia e de gênero que atravessam este grupo etário também.

Sociologicamente, a juventude é considerada um processo que se expande entre as diversas imagens dos grupos subsumidos por sua classificação. Assim, podemos substituir a imagem esquemática do jovem, por outras como por exemplo, fazendo parte de um grupo - grupo dos jovens pobres, dos jovens de classe média, dos jovens trabalhadores, estes se tornam mais visíveis ou não de acordo com o contexto social, econômico e político em que estão inseridos. Acrescenta-se a isso a forma como cada jovem vivencia esta fase, que varia consideravelmente (ALVIM e PAIM, 2000).

No entanto, de certa forma, a experiência dos jovens burgueses, que imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude, é considerado até hoje como padrão ideal em torno do qual têm sido avaliadas as possibilidades de outros setores sociais de aceder a esta condição e “viver a juventude”. É a partir deste padrão que se medem as abreviações e as extensões desta etapa, e seus desvios (ABRAMO, 2005).

Waiselfisz (1998) através de sua pesquisa bibliográfica sobre juventude constatou que nas análises referentes ao tema predominam: o “lado problema” dos jovens; a generalização da cultura juvenil baseada nos valores e comportamentos mais típicos de jovens de classes médias para toda a sociedade; a polarização nos estudos, com concentração em jovens que se encontram excluídos do processo de integração social. Se por um lado estas análises aceitam os princípios da sociedade de consumo e seus valores, simultaneamente, tendem a ser contra.

A tematização da juventude como “problema social” é histórica, e a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade

social. Seja porque o jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social por problemas localizados nele ou nas instituições responsáveis por sua socialização, ou ainda por anomalia do próprio sistema social. Sendo a juventude pensada como um processo de desenvolvimento social e pessoal aos papéis adultos, são as falhas neste ajuste que se constituem em temas de preocupação social. É por isso que a juventude é para a ação social um “problema” e como tema de risco para a própria continuidade social (ABRAMO, 1997: 29).

A juventude vive hoje um tempo caracterizado por profundas mudanças e incertezas, quando se prepara para a sua escolha ocupacional e sua inserção na esfera produtiva e reprodutiva. Os jovens estão inseridos num contexto de diversos problemas como a pobreza, as dificuldades de inserção no mercado do trabalho, as demandas de escolarização e de formação profissional que a vida moderna exige, a falta de perspectivas de futuro, o aumento da delinquência e da drogadição, os diversos conflitos e confrontos (raciais, étnicos, religiosos, econômicos, etc.) da atualidade, a impunidade e a perda de confiança na efetividade dos sistemas jurídico, da previdência e da segurança para o exercício da cidadania. Há também os vazios e conflitos da democracia e dos partidos políticos, que levam a um profundo desinteresse pela participação social. Todos estes fenômenos contribuem para promover formas de inserção e de sociabilidade muito específicas da juventude. Faltam práticas que possam permitir ao jovem se expressar como sujeito social do presente e agente do futuro (MINAYO et al, 1999).

Gouveia (2000), a partir de Novaes (1997), afirma que no mundo moderno, o debate a respeito da juventude tem sido orientado por uma perspectiva positiva de construção do cidadão. As culturas juvenis são por um lado, alvo de controle e intervenção social e, por outro, alvo de classificações genéricas e pejorativas potencializadas pela mídia, que no caso dos jovens pobres, tal dimensão assume proporções dramáticas, pois suas expressões culturais

têm sido idealizadas negativamente, tanto no sentido discriminatório, quanto “assistencialista” (povo, classes perigosas, favelados, carentes, galeras, etc..)

No Brasil, a preocupação com o jovem pobre da periferia das grandes cidades muitas vezes só surge quando se quer lembrar as cifras alarmantes de violência. Os jovens pobres de periferia sofrem com o desemprego, com suas escolas precárias, com o uso de drogas, com o enfraquecimento dos movimentos sociais nos bairros, com a ausência de políticas públicas, com a falta de espaço para o lazer, com a violência policial e a entre as quadrilhas (CARMO, 2001).

A percepção da juventude para além dos setores de classe média é recente, tendo emergido há cerca de uma década devido ao aparecimento de novos atores juvenis principalmente dos setores populares que vieram a público explicitar as questões que os afetam e preocupam, geralmente por meio de expressões ligadas a um estilo cultural (ABRAMO, 2005).

O tema juventude pobre raramente é tratado conforme a ótica do presente trabalho. Isto é, na busca por referências bibliográficas pudemos constatar que este tema está principalmente relacionado à delinquência, marginalidade, tráfico de drogas, abrigos de menores e meninos de rua. Sabemos que a maioria da população juvenil pobre brasileira não representa este perfil preconceituoso e estigmatizado de grande parte das pesquisas. Então por que será que não há em geral muito interesse em conhecer o que pensa o jovem pobre, que não se encontra nas estatísticas criminais?

Segundo Abramo (1997: 25) a maior parte da reflexão sobre juventude na academia ainda é destinada a discutir os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens como a escola, a família ou os sistemas jurídicos e penais ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens, mas poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. Além disso, é recente também o

surgimento de um certo número de estudos que compreendem as experiências, percepções, formas de sociabilidade e atuação dos jovens.

1.2- Construção do projeto de vida: reflexão, planejamento e flexibilização da trajetória.

Quando os jovens participantes da dinâmica “expectativa de vida” imaginaram a trajetória de um jovem como eles, incluindo os problemas, as dificuldades e, principalmente, as soluções que este teria que buscar, eles puderam verbalizar seus projetos individuais e refletir sobre a influência das ações do jovem (protagonista) no tempo presente na realização de seus objetivos no tempo futuro. A ação do sujeito, ao verbalizar seus projetos, parece de certa forma esclarecer as etapas necessárias para sua realização, e o fato do sujeito submeter seus planos ao grupo, possibilita intervenções deste, à medida em que ele o verbaliza, que o levam à reflexão e muitas vezes à transformação ou flexibilização do seu projeto.

Para Velho (1994) não existe um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas. É a verbalização através de um discurso, que pode fornecer as indicações mais precisas sobre projetos individuais. É o caráter consciente do processo de projetar que vai diferenciá-lo de outros processos determinantes ou condicionadores da ação que não sejam conscientes. O projeto é algo que pode ser comunicado e sua própria condição de existência é a possibilidade de comunicação, ou seja, para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, sendo potencialmente público. Ele não é e nem pode ser fenômeno puramente subjetivo, apesar de estar relacionado com fantasias, sua matéria-prima é cultural e de certa forma tem que “fazer sentido”, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado. Os contemporâneos do sujeito serão aliados, inimigos ou indiferentes, cujos projetos e condutas darão os limites dos projetos do sujeito.

Velho (1994) também fala sobre a capacidade das pessoas de transformarem e substituírem seus projetos, já que elas têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade e por isso são influenciadas pela ação de outros indivíduos e pelas mudanças sócio-históricas. Há sempre algo irreduzível no projeto devido a uma combinação única de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida. Mas, mesmo que o sujeito viva a sua experiência como única, ele de alguma forma reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências.

Só quando imaginamos o futuro como projeção de aspirações do presente é que o tempo atual passa a ser percebido como o momento de gestação do amanhã. Assim, a problematização do presente passa a ser um tema necessário, uma vez que o futuro (tanto o individual como o coletivo) já não está mais pré-determinado, nem pertence a um desígnio supra-humano; ele depende em grande parte do que o sujeito faz ou deixa de fazer, dos seus erros ou acertos (BEZERRA, 2000).

Um projeto por mais particular que seja, tem de se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam alcançáveis, embora as emoções do sujeito também são matéria-prima que constituem o projeto. O projeto implica algum tipo de avaliação, uma estratégia para realizar certas metas, uma noção do tempo com etapas se encadeando. O projeto individual propriamente dito é construído por meio de uma idéia mais ou menos elaborada de uma história de vida (VELHO, 1994).

Segundo Velho (op. cit.) a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para pensar em projeto. Se pensarmos a expectativa de vida (o ponto de chegada do jovem do jogo) como um projeto na visão de Velho, podemos considerar que as dificuldades a que estão sujeitos os jovens pobres, limitam as possibilidades de escolha e, portanto, a elaboração do seu projeto, o que talvez explique em parte a grande dificuldade dos jovens de pensarem nas etapas e estratégias das suas trajetórias.

Para Bezerra (2000), o sujeito contemporâneo, incluindo os jovens, se afastou da forma como seus antecessores modernos viveram sua relação com o passado e o futuro, sua consciência do tempo diluiu ou apagou a idéia de continuidade entre passado e futuro, entre o que foi e o que será, mediado por sua ação no presente. A percepção de que nos construímos no tempo, parece ceder, jogando os indivíduos numa consciência do tempo que se esgota num presente continuado, que já não nos remete ao passado, nem nos interroga quanto ao futuro. Bezerra revela ainda, que os sujeitos contemporâneos parecem não ver mais como necessário perguntar sobre o sentido que se quer dar à vida; o necessário é saber usufruir ao máximo o que a vida nos apresenta, é submeter-se ao imperativo do gozo e a satisfação imediata que não pode tomar outra forma que não a adição: a drogas, a objetos, a imagens identitárias midiáticas.

Quiroga (2002) acredita que a falta de correlação entre ações do tempo presente dos jovens pobres com seus projetos futuros seja reflexo da própria transitoriedade e precariedade das condições que eles vivenciam, principalmente no trabalho. Os curtos períodos de trabalho, intercalados por longos períodos de desemprego, trazem para os jovens a reafirmação de uma socialização e a internalização do transitório, marcada pela precariedade. Este atributo, que contém a quebra da perspectiva de continuidade dos valores de longa duração do trabalho, existenciais, vai incorporando-se à identidade juvenil, fazendo com que articulem a continuidade da vida, com as descontinuidades, o que possibilita que o cotidiano da vida dos jovens seja marcado pela organização e vivência da “duração do presente”.

Carneiro (2002) destaca que apesar do sujeito já nascer em condições determinadas como pertencentes à uma história, uma época, um lugar, é preciso que ele não esqueça do permanente jogo de forças que se presentifica na significação, um “não resolvido por si” entre o já instituído e a possibilidade de transformá-lo. Ou seja, no caso do jovem do presente estudo, o instituído significa ser pobre, morador de comunidade, excluído de um ensino de

qualidade e ter como sonho (possibilidade de transformação) se inserir no mercado de trabalho através de uma ocupação ou profissão digna que garanta o seu sustento e o de sua família. Portanto, que condições são necessárias para que este jovem pobre consiga reconhecer este jogo de forças entre o instituído (condições adversas em que vive) e a possibilidade de transformação (realização de seus objetivos referentes ao trabalho ou profissão) e possa conseqüentemente vislumbrar o descolamento deste instituído e criar estratégias para concretizar seus objetivos e sair da situação de pobreza em que se encontra?

!

Rap da Felicidade

Eu só quero é ser feliz

Andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é

E poder me orgulhar

E ter a consciência que o pobre tem seu lugar (..)

Pois moro numa favela e sou muito desrespeitado

A tristeza e a alegria

Aqui caminham lado a lado

Eu faço uma oração para uma santa protetora

Mas sou interrompido a tiros de metralhadora (..)

Pessoas inocentes que não têm nada a ver

Estão perdendo hoje o seu direito de viver

(Julinho Rasta e Katia)

Capítulo II

2.1- Metodologia dos “grupos de reflexão” do Projeto Jovem Total

Os dados empíricos utilizados para esta análise são dados secundários obtidos a partir do Projeto Jovem Total e que estão sendo utilizados para fins de investigação deste projeto. Como metodologia de trabalho de investigação do Projeto Jovem Total foram realizados “grupos de reflexão” aos sábados, num total de 5 encontros cada um, com 2 horas de duração e coordenados por 2 dinamizadores, alunos de graduação de Psicologia. Esta vertente de trabalho qualitativa buscou criar um espaço coletivo de troca e reflexão sobre os impactos das ações do poder público na comunidade e na vida presente e futura dos jovens pobres. No presente trabalho foram selecionados para análise 12 “grupos de reflexão” do Projeto Jovem Total de 5 comunidades, sendo 4 localizadas na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e apenas uma (Jacarezinho) localizada na Zona Norte (ver tabela 1).

TABELA 1: NÚMERO DE GRUPOS DE REFLEXÃO POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	NÚMERO DE GRUPOS DE REFLEXÃO
Cesarão	3
Cidade de Deus	2
João XXIII	2
Vargem Grande	1
Jacarezinho	4

Um dos objetivos dos “grupos de reflexão” foi fornecer subsídios para um diagnóstico das possibilidades de maior inserção e participação dos jovens na sociedade, a partir de um planejamento de políticas públicas para essa população, o que caracteriza ainda mais a

importância da análise do material empírico e a devolução dos “resultados” por parte do meio acadêmico à sociedade e ao poder público.

2.1.1 - Descrição da dinâmica

A dinâmica consistiu num jogo, cuja temática foi o projeto de vida de um jovem. Os participantes, também jovens, deveriam criar o ponto de partida da vida de um jovem, descrevendo quem é este jovem, o que ele faz, onde mora e a situação em que se encontra, e criar um ponto de chegada, representado pelo objetivo ou sonho deste. Os participantes deveriam imaginar também o que este jovem teria de bom ao final de um caminho a percorrer, de um tempo até atingir o seu objetivo, simbolizado pelo ponto de chegada. O jogo representa, portanto, uma simulação da expectativa de vida dos jovens, de forma lúdica. As categorias ponto de partida e ponto de chegada direcionarão a apresentação dos resultados.

O jogo foi realizado em um tabuleiro composto por 21 casas, confeccionado pelos jovens ou previamente feito pelos dinamizadores. Foram entregues aos jovens 13 cartas previamente relacionadas à participação do sujeito (3 cartas), ajuda de outrem (3 cartas), da ação do poder público (3 cartas) e de problemas a serem enfrentados pelo jovem (4 cartas). O grupo deveria decidir sobre o conteúdo específico de cada carta e quantas casas o jovem poderia avançar no jogo (1, 2 ou 3 casas). Após os jovens jogarem, foi proposto que eles pudessem refletir sobre os pontos de partida e de chegada escolhidos e a relação destes com o conteúdo das cartas escolhidas e o peso de cada solução.

O material empírico analisado é discursivo, registrado sobre a forma de relatórios feitos pelos dinamizadores. Vale ressaltar, que também analisamos o material empírico obtido na comunidade em que exerci a função de dinamizadora.

2.2- Análise e discussão dos resultados

Utilizamos a análise do discurso proposta por Potter (1996), que afirma ser esta não apenas um método, mas uma perspectiva de totalidade na vida social. O discurso é desta forma, historicamente situado, visto como uma produção construída através de textos que necessitam de interpretação.

A abordagem da análise do discurso inclui métodos específicos para discursos e surgiu como um fio geral de investigação em Psicologia seguindo as amplas tendências da ciência social e cultural que são associadas com a teoria do pós-estruturalismo e do pós-modernismo. O pós-estruturalismo é um movimento que está preocupado com o estudo da linguagem e do significado, e o pós-modernismo é uma perspectiva altamente dependente da cultura e da organização e do desenvolvimento das particularidades da sociedade. Uma idéia núcleo do pós-estruturalismo e do pós-modernismo combinados é que pensamento e identidades não são estáveis nas sociedades heterogêneas. Sua representação de ciência como uma grandiosa metanarrativa é um modo de questionar a simples equação da ciência como progresso (HENWOOD, 1996).

A partir da construção do conteúdo das cartas do jogo e do percurso delineado e construído para o jovem (protagonista da história /jogo) pelos jovens, surgiu uma narrativa a respeito da história de vida (do jovem do jogo), baseada nas características, fatos, obstáculos, sonhos e possibilidades que estes jovens vivenciam e/ou assistem como espectadores da vida de outros jovens. Muitos jovens também não abriram mão da imaginação, da criatividade e da fantasia para construírem este percurso recheado de objetivos e sonhos, embora muitas vezes estes tenham sido impossibilitados (no jogo). Esta impossibilidade do jovem do jogo (protagonista) em realizar seus objetivos é provavelmente baseada na difícil realidade em que os jovens participantes do projeto vivem.

Assim, adotamos também a perspectiva de Henwood (1996) que, citando Wetherell (1994), nos fala da idéia dos aspectos da biografia para explicar investimentos psicológicos e emocionais das pessoas em formas particulares de interpretar a palavra. Henwood (1996) descreve a partir dos trabalhos de Shotter e Gergen (1989), que um atual foco específico sobre aspectos que os psicólogos deveriam normalmente chamar de self, personalidade, ou identidade é a estratégia de estudar as histórias ou narrativas que as pessoas dizem sobre suas vidas desde o constituir de suas subjetividades. Este desenvolvimento é parte de uma mudança ampla para incluir a análise da narrativa como parte de uma exposição de opções para a metodologia reflexiva em psicologia e em ciências sociais.

Brockineier e Harré (2003) enfatizam que a problemática da compreensão dos padrões dinâmicos do comportamento humano parece estar mais próxima através dos estudos da narrativa, do que de abordagens de regras e papéis. A forma de história, tanto oral quanto escrita, constitui um parâmetro lingüístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para explicar a natureza e as condições da nossa existência. A partir dos trabalhos de Bruner (1991), Brockineier e Harré (2003) afirmam que a narrativa no seu sentido mais corrente e geral compreende um conjunto de estruturas lingüísticas e psicológicas, transmitidas cultural e historicamente, delimitadas pelo domínio de cada indivíduo e pela combinação de técnicas sócio-comunicativas, habilidades lingüísticas e por características como curiosidade, paixão, obsessão. Ao comunicar algo sobre um evento da vida (um sonho, uma intenção, um estado de angústia), a comunicação geralmente assume a forma da narrativa. O discurso é a categoria mais geral da produção lingüística e a narrativa é um tipo específico de discurso.

Brockineier e Harré (2003) baseados em Bakhtin (1981,1986), afirmam ainda, que as narrações não são uma invenção pessoal e/ou individual, como afirmam os subjetivistas, nem uma descrição objetiva do acontecimento dos fatos, como falam os positivistas. As histórias são contadas, portanto, segundo ordens morais locais, sendo os gêneros e as formas do

conhecimento narrativo dependentes do contexto cultural em que são usados. As narrativas não são tradução, representação; elas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e dos sujeitos; elas são um modo específico de construção e constituição da realidade; são meios pelos quais as pessoas tentam dar sentido às suas experiências.

Como afirma Castro (2004), nossa perspectiva de pesquisa em campo está preocupada em fazer eclodir novas compreensões (não previstas) sobre a realidade em foco, onde a particularidade e a imprevisibilidade caminham juntas, já que o pesquisador é surpreendido pelo novo que pode causar angústia e desorientação, resgatando sua condição de não-saber. Nossa idéia de complexidade se refere mais à possibilidade de observar a realidade sob diferentes aspectos, do que ao número de partes ou elementos que esta realidade encerra e que devem ser mapeados para que a pesquisa se considere complexa. Nosso saber pode ser considerado como uma narrativa do presente, história que se conta sobre como vivemos, sofremos e nos alegramos e que pode pôr em movimento ressonâncias e identificações.

2.3- Os jovens participantes dos “grupos de reflexão”

A dinâmica “expectativa de vida” dos 12 “grupos de reflexão” referentes às cinco comunidades aqui analisadas teve um total de 78 jovens participantes, sendo 52 do sexo feminino e 26 do sexo masculino (ver tabela 2). No entanto, o expressivo número de meninas não impediu que, dos 12 grupos, em 11 o jovem imaginado fosse do sexo masculino. Cada grupo teve em média 7 jovens participantes previamente escolhidos para participar desta atividade.

TABELA 2: NÚMERO DE PARTICIPANTES POR GÊNERO E COMUNIDADE

COMUNIDADE	F	M	TOTAL
Cesarão	18	3	21
Cidade de Deus	7	10	17
João XXIII	9	9	18
Vargem Grande	6	0	6
Jacarezinho	12	4	16
Total	52	26	78

Os resultados estão apresentados a seguir de acordo com a categorização de alguns aspectos que pareceram relevantes para o projeto de vida dos jovens:

- I) Ponto de partida
- II) Ponto de chegada
- III) Problemas
- IV) Participação do jovem
- V) Ajuda de outrem
- VI) Ação do poder público

2.4- “Ponto de partida”: a importância da origem social como condição inicial do percurso

No ponto de partida do jogo, o jovem era pobre, exceto em um grupo, onde o jovem era milionário. Em geral, o jovem era morador de comunidade e tinha entre 17 e 19 anos. Entretanto, o jovem milionário encontrava-se no ponto de partida com apenas 9 meses, em um dos grupos uma criança de 6 anos representou o ponto de partida, em outro o jovem tinha 13 anos e em 3 grupos não foram mencionadas as idades dos jovens (ver tabela 3).

Nos grupos I e III da comunidade do Cesarão, no grupo I do Jacarezinho e no grupo de Vargem Grande não foi mencionado onde o jovem morava. No grupo II do Cesarão, o jovem era morador de comunidade carente, mas não foi especificada qual era a comunidade. Nos 2 grupos da Cidade de Deus o jovem do jogo era também morador da Cidade de Deus. Isso também ocorreu no grupo I de João XXIII e no grupo III do Jacarezinho, onde o jovem do jogo era morador de João XXIII e do Jacarezinho respectivamente. No outro grupo de João XXIII, o jovem do jogo era morador de Nova Sepetiba, comunidade localizada também na Zona Oeste do Rio de Janeiro. No grupo IV do Jacarezinho, o jovem do jogo era morador de outra comunidade, a Cidade de Deus. Já no grupo II do Jacarezinho, o jovem do jogo apesar de ser pobre era morador da Barra da Tijuca.

O fato de em 4 grupos, o jovem do jogo ser morador da própria comunidade dos jovens participantes, parece indicar uma identificação muito significativa destes com o protagonista do jogo. Em outros 3 grupos, o jovem do jogo também era morador de comunidade, embora esta fosse distinta da comunidade dos jovens participantes. Os jovens projetaram o seu cotidiano, as suas dificuldades no protagonista do jogo, o que caracteriza ainda mais a relevância da análise deste material para aprofundarmos os conhecimentos sobre o jovem pobre das comunidades do Rio de Janeiro em prol de políticas para este segmento sócio-etário.

Apenas em 3 grupos, todos da comunidade do Jacarezinho, os participantes disseram com quem o jovem mora. No grupo I o jovem mora com os pais, no grupo II ele além de morar com os pais, mora com a namorada, que é mãe de seu filho. No grupo IV, constituído apenas por jovens do sexo feminino, pareceu significativo a expressão: “*mora de favor na casa da mãe*” dita pelas jovens ao se referirem à protagonista da história, que é mãe solteira de 3 filhos. Parece que a desigualdade relativa ao gênero também está presente no discurso destes jovens, quando se referem com quem o jovem mora, pois para a jovem mãe solteira morar na casa da mãe é um favor que esta lhe faz, demonstrando mesmo um sacrifício, um “peso”. Já para o jovem que mora com os pais, com a namorada e seu filho, esta mesma situação não foi percebida como uma dificuldade pelos participantes do grupo II do Jacarezinho, constituído por 2 jovens do sexo masculino e 2 do feminino.

Apenas em 2 grupos o jovem encontra-se no ponto de partida trabalhando: no grupo I do Cesarão o jovem é vendedor de balas com apenas 6 anos de idade e no grupo II de João XXIII o jovem é vendedor de picolé. Ambas as atividades desenvolvidas por estes jovens parecem ser única e exclusivamente por necessidade de sobrevivência, pois não foi mencionado pelos grupos nenhuma realização, nem prazer dos protagonistas em estarem executando estes trabalhos.

Em 5 grupos, o jovem está estudando. No grupo II do Cesarão ele cursa o segundo ano do ensino médio, no grupo I de João XXIII o jovem cursa o primeiro ano do ensino médio, e no grupo II desta mesma comunidade o jovem é estudante do terceiro ano do ensino médio. No grupo I do Jacarezinho o jovem encontra-se no último ano do ensino médio além de fazer curso de informática; já no grupo III da mesma comunidade foi dito apenas que o jovem cursa o ensino médio, mas não foi especificado o ano em que ele se encontra. A indicação da escolaridade no ponto de partida por parte dos jovens parece apontar para a importância que esta tem para eles como um marco significativo para a conquista do objetivo, mostrando que o

jovem (protagonista) já parte com algum valor, com alguma instrumentalização. No entanto, de forma geral, a origem social do jovem protagonista como condição inicial do percurso não é facilitadora, pois ele já parte em desvantagem (sua situação financeira é ruim e é morador de um local desprovido de recursos), isto é, o ponto de partida já aponta para uma restrição às oportunidades.

2.5 - “Ponto de chegada”: a profissão como meta de auto-realização

Em relação às expectativas de vida projetadas sobre o jovem da dinâmica do jogo, percebemos que em todos os 12 grupos analisados das 5 comunidades, o ponto de chegada do jovem está relacionado a uma profissão ou trabalho. As profissões almejadas foram as mesmas em alguns grupos ou muito semelhantes: oficial do Corpo de Bombeiros, policial militar, jogador de futebol, empresário, médico, engenheiro naval. Mesmo nos grupos onde os jovens não descreveram a profissão almejada, o sonho era:

“Conseguir uma casa para criar seus filhos, ter um bom emprego para sobreviver e dar uma boa educação para seus filhos” (grupo IV do Jacarezinho)

“Parar de fumar maconha para permitir um futuro para seus filhos trabalhando honestamente” (grupo II do Jacarezinho)

Esses dados demonstram a grande importância e preocupação em adquirir um emprego ou exercer uma profissão destes jovens, aliada em alguns casos à expectativa de formarem uma família ou sustentarem a já existente (ver tabela 3).

A preocupação com a inserção no mercado de trabalho parece não ser apenas do jovem pobre. No estudo organizado por Minayo (1999) esta questão emergiu em todos os jovens entrevistados do Rio de Janeiro das diversas classes sociais. Eles percebem que os tempos mudaram, que hoje o mercado mais exclui do que inclui, que a competição está cada vez mais acirrada, e que os papéis e os lugares sociais, antes muito mais estáveis, vêm deixando de ser garantidos por meio das formas tradicionais.

No único grupo em que o ponto de partida foi representado por uma jovem (grupo IV do Jacarezinho), este era composto somente por participantes do sexo feminino, conforme já explicitado anteriormente. O seu ponto de chegada foi “*conseguir uma casa para criar seus filhos, um bom emprego para sobreviver e dar uma boa educação para seus filhos*”, ou seja, o sonho não estava relacionado a uma profissão específica, e sim a um trabalho, que possibilitasse à jovem garantir o seu próprio sustento e o de sua família. Isto parece nos mostrar que neste caso, mais importante do que fazer o que se tem vontade e interesse, é sobreviver, não importando de que forma; e que a figura feminina pode estar mais relacionada para estes jovens com a família, ou seja, com o papel de mãe e de cuidadora do que com a carreira profissional.

Em 4 grupos (grupo II do Cesarão, grupo II de João XXIII, grupos II e IV do Jacarezinho) o ponto de chegada representou também o sonho dos jovens de formarem suas próprias famílias. No caso do grupo II de João XXIII, os jovens explicitaram, embora de forma inespecífica, que são necessárias condições para que o jovem construa uma família e a faça bem feliz. No caso dos grupos II e IV do Jacarezinho, em que os protagonistas já tinham filhos, o ponto de chegada foi representado por um trabalho, que possibilite o jovem sustentar seus filhos e “*permitir um futuro para seus filhos*” (grupo II) e “*ter um emprego para sobreviver e dar uma boa educação para seus filhos*” (grupo IV). Talvez nestes 2 últimos grupos, o ponto de chegada não foi representado por uma profissão pela própria urgência dos jovens em terem que sustentar seus filhos e no caso da jovem do grupo IV também na necessidade de seu próprio sustento, já que a profissionalização, principalmente a que requer curso superior, necessita de um grande investimento do jovem, cujo retorno só ocorre a longo prazo e muitas vezes não é compatível com o investimento financeiro e temporal que o jovem teve. Além disso, para cursar o ensino superior, o jovem necessita ter concluído o ensino médio e ter sido aprovado no vestibular, que em geral é muito concorrido. Portanto, na

urgência de sustentarem suas famílias, muitos jovens abandonam seus sonhos profissionais, para se dedicarem a qualquer trabalho que possa garantir seu sustento.

Os jovens pobres brasileiros do estudo de Quiroga (2002) reivindicam a oportunidade de trabalho para ganharem algum dinheiro para seu próprio sustento, e às vezes o de sua família. Já a realização pessoal e “sentido” ficam muitas vezes distantes de suas possibilidades de concretização por essa via. Eles aspiram trabalhar, mas na maioria das vezes fazem poucas exigências, distantes do assalariamento formal e submetem-se a condições precárias de trabalho devido à necessidade de sobrevivência e a sua desvalorização pessoal e social. Percebem a desvalorização da sua subocupação, onde desempenham tarefas elementares e pouco exigentes em relação ao que eles sentem que poderiam estar realizando.

Apenas em 1 dos grupos de todos os 12 analisados (grupo II do Cesarão), o objetivo do jovem, representado pelo seu ponto de chegada, também incluía morar em Copacabana (bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, conhecido nacionalmente e internacionalmente), ou seja, sair da comunidade. Este dado revela que apesar de todas as dificuldades de suas comunidades, parece que pelo menos explicitamente, a maioria dos jovens não almeja deixar o lugar onde vive.

Em relação às profissões sonhadas pelos jovens do jogo, podemos destacar que em 5 grupos elas estão necessariamente relacionadas à conclusão do ensino superior: a profissão de médico apresentada por 2 grupos do Jacarezinho (grupos I e III); a profissão de engenheiro naval apresentada pelo grupo da comunidade de Vargem Grande, constituído apenas por jovens do sexo feminino. No grupo II de João XXIII o ponto de chegada foi a profissão de empresário de uma fábrica de picolé. Mas uma das ações do jovem como participação do sujeito foi “*estudar até fazer a faculdade de administração*”, neste caso é possível que seu objetivo também fosse ser administrador de empresas. No grupo II do Cesarão, apesar do ponto de chegada do jovem era ser apenas empresário de cantores sertanejos, uma das ajudas

recebidas pelo jovem foi o custo da faculdade de administração, o que pressupõe que este ponto de chegada também esteja relacionado com a profissão de administrador.

Em alguns grupos a profissão a ser alcançada estava relacionada com estudo, mas não necessariamente com ensino superior como ser oficial do Corpo de Bombeiros e ser policial militar. Estas profissões foram apresentadas pelo grupo I da comunidade do Cesarão e pelo grupo I de João XXIII respectivamente. Vale ressaltar que no espaço onde foram realizados os “grupos de reflexão” do Cesarão foi realizado também em um dos finais-de-semana (anterior à dinâmica do jogo), um concurso para o Corpo de Bombeiros, que alguns jovens do grupo também foram candidatos, o que pode ter influenciado os jovens na escolha desta profissão.

No caso da profissão de policial militar, os jovens do grupo I de João XXIII destacaram a estabilidade, a autoridade e o respeito que a Polícia Militar impõe sobre o tráfico. As profissões relacionadas às Forças Armadas, polícia e bombeiros já foram encontradas em outros estudos sobre a população jovem de baixa renda. A maioria dos rapazes das classes populares entrevistados pela pesquisa organizada por Minayo (1999) sonha ser jogador de futebol ou militar e estas profissões também foram indicadas como sonho por muitos estudantes do ensino público do Rio de Janeiro do estudo organizado por Zaluar (2004). A escolha pela profissão militar pode estar associada à maior oportunidade de ascensão social para esta população, a uma maior “garantia” do emprego e a estabilidade, que é outra característica muito procurada por aqueles que estão sempre com a ameaça do desemprego, principalmente por terem em geral, uma qualificação que não acompanha as mudanças tecnológicas do mundo globalizado.

A profissão de empresário sem necessariamente estar relacionada à conclusão de um curso superior apareceu no grupo III do Cesarão, onde o sonho do jovem era ser um “*empresário bem sucedido*”, mas não fica claro que empresa o jovem quer ter.

A profissão de jogador de futebol mencionada pelos 2 grupos da Cidade de Deus pode estar relacionada à identificação destes jovens com astros deste esporte que vieram de comunidades pobres, e encontraram através do futebol a saída para a pobreza em que viviam. Além disso, o futebol, esporte mais famoso do nosso país, é jogado por muitos jovens pobres, que alijados dos cursos extra-escolares como inglês, informática, esportes em geral, têm muitas vezes a “pelada” no campinho da comunidade ou na rua, como uma das poucas atividades de lazer.

Em 5 grupos as profissões de jogador de futebol (grupos I e II da Cidade de Deus), oficial do Corpo de Bombeiros (grupo I do Cesarão) e policial militar (grupo I de João XXIII) podem ser também alternativas encontradas pelo jovem pobre para sair da exclusão por um percurso mais curto e menos disputado do que a trajetória da formação profissional via cursos superiores.

O ponto de chegada cristalizado em torno da idéia de um emprego ou trabalho parece apontar para a identificação do jovem pobre com a figura do trabalhador com o intuito de obter o reconhecimento social e a possibilidade de uma posição na sociedade dada pela assunção ao papel de chefe de família, de provedor, como também do valor afetivo e moral investido na instituição familiar, pois na maioria dos grupos a inserção profissional está diretamente relacionada ao sustento familiar ou à possibilidade de construção de uma família. Apesar da figura paterna estar praticamente ausente nas histórias dos protagonistas, os participantes enfatizaram através do ponto de chegada, a importância da figura masculina e provedora.

De acordo com a análise das entrevistas dos jovens moradores das 19 comunidades assistidas pelo Projeto Jovem Total (CASTRO, CORREA e colaboradores, 2005) o papel da mãe é muito importante para estes jovens. Em geral, a figura materna (madrasta, avó, madrinha, mas principalmente a mãe) é a grande responsável pela sustentação psicológica e

econômica da família, transmitindo os valores de formação, educação e criação. A figura materna ocupa o primeiro lugar referente a figuras conhecidas admiradas pelos jovens; já a figura paterna ocupa a quarta posição com porcentagem muito inferior. No entanto, o pai quando referido, é admirado pelo seu trabalho e pelo sustento da família, confirmando a nossa análise da relevância da figura masculina e provedora. Parece que embora o pai não esteja presente na família do jovem ou não ocupe este lugar de provedor e de referencial familiar, ele permanece idealizado no imaginário dos jovens.

TABELA 3: DESCRIÇÃO DOS PONTOS DE PARTIDA E DE CHEGADA POR GRUPO E POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	PONTO DE PARTIDA	PONTO DE CHEGADA
Cesarão (grupo I) manhã	Vendedor de balas (6 anos de idade)	Ser um oficial do Corpo de Bombeiros
Cesarão (grupo II) manhã	Morador de comunidade carente e estudante do segundo ano do ensino médio (18 anos de idade)	Ser um empresário de cantores sertanejos, formar uma grande família e morar em Copacabana
Cesarão (grupo III) tarde	Milionário (9 meses de idade)	Ser um empresário bem-sucedido
Cidade de Deus (grupo I) manhã	Morador da Cidade de Deus e jogava bola num campinho de lá (13/14 anos de idade)	Ser um jogador de futebol
Cidade de Deus (grupo II) tarde	Jovem morador da Cidade de Deus	Ser um jogador de futebol
João XXIII (grupo I) manhã	Morador da comunidade, cursa o primeiro ano do ensino médio	Ser um policial militar
João XXIII (grupo II) tarde	Morador de Nova Sepetiba, estudante do terceiro ano do ensino médio e vendedor de picolé (18 anos de idade)	Ser um empresário (dono de uma fábrica de picolé) e ter condições de construir uma família e fazê-la bem feliz
Vargem Grande (grupo I) manhã		Ser engenheiro naval
Jacarezinho (grupo I) manhã	Jovem pobre, cursa o último ano do colégio, faz curso de informática e mora com os pais (19 anos de idade)	Ser médico
Jacarezinho (grupo II) manhã	Jovem pobre, mora na Barra com os pais e a namorada, com quem tem um filho e gosta de fumar maconha (19 anos de idade)	Parar de fumar maconha e permitir um futuro para seus filhos trabalhando honestamente
Jacarezinho (grupo III) tarde	Morador do Jacaré, cursa o segundo grau (18 anos de idade)	Ser médico
Jacarezinho (grupo IV) tarde	Moradora da Cidade de Deus, mãe solteira de 3 filhos, mora de favor na casa da mãe, sua situação financeira é ruim	Conseguir uma casa para criar seus filhos, ter um bom emprego para sobreviver e dar uma boa educação para seus filhos

2.6 - “Problemas”: dificuldades e obstáculos para a concretização do projeto de vida.

A semelhança dos problemas encontrados pelo jovem do jogo nos diferentes grupos nos permitiu categorizá-los em: falta de recursos; problemas familiares; dificuldades de estudo e ou trabalho; problemas de saúde; preconceito; violência; envolvimento com drogas e álcool; e outros problemas. Nesta última categoria foram agrupadas dificuldades distintas, que não puderam ser incluídas nas categorias anteriores.

2.6.1- Falta de recursos

A falta de recursos consistiu no desemprego de parentes; na falta de comida; na falta de dinheiro para transporte e para material necessário a fim de conquistar a profissão almejada; na falta de moradia; na falta de dinheiro para remédio de parentes e dívidas familiares (ver tabela 4).

Nos grupos I e II do Cesarão, os problemas relacionados à falta de recursos levaram os jovens a terem que sustentar suas famílias, sendo esta responsabilidade do sustento familiar, uma sub-categoria da categoria problemas familiares. Podemos perceber nestes grupos, principalmente no primeiro, que a família do jovem parece ter significado um “peso” e um obstáculo a mais para a realização do objetivo deste. A responsabilidade que o jovem, desde criança, teve que assumir devido ao desemprego do pai, da mãe e da tia foi muito grande. Além disso, o protagonista ainda foi abandonado pelo pai que bebia muito e espancava toda a família.

No grupo IV do Jacarezinho, a protagonista encontra-se em situação de extrema pobreza, morando na rua com seus filhos. Mas diferente do protagonista do grupo I do Cesarão, onde a mãe e a tia aparecem como referências familiares, a jovem do Jacarezinho praticamente não teve uma rede familiar que pudesse ajudá-la, já que ela permaneceu o percurso todo sem ter a ajuda de sua única referência familiar; sua mãe. A mãe da jovem,

como apresentamos mais adiante na tabela 10.2, só auxilia a filha no final do percurso, através de uma ajuda financeira para que esta conseguisse comprar sua casa e seus móveis.

A falta de dinheiro para o transporte encontrada nos 2 grupos da Cidade de Deus, que impossibilitava a ida dos jovens ao treino de futebol, revela a realidade de milhares de jovens pobres, que por este motivo permanecem guetificados nas comunidades onde vivem. Em relação a esta questão, Castro (2004) nos diz que a mobilidade pela cidade coloca em cena relações de poder, já que a guetificação dos jovens pobres nas suas comunidades restringe suas possibilidades de ampliar seus horizontes educacionais e culturais, devido a distância dos bens simbólicos da cidade.

Entretanto, não é só a falta de recursos financeiros dos jovens pobres que os impede de circular fora de suas comunidades. Além do controle a que estão submetidos pelas organizações de tráfico de drogas, que dominam a maioria das comunidades do Rio de Janeiro e freqüentemente impedem que parentes e amigos dos moradores que residem em comunidades chefiadas por organizações de tráfico rivais possam entrar na comunidade, os jovens pobres encontram outros obstáculos.

De acordo com (CASTRO, op. cit.: 84, 85), existem dificuldades que limitam o espaço de circulação e o acesso a determinadas áreas nobres da cidade para os jovens pobres, como os shoppings, a não ser que eles se submetam ao constrangimento e muitas vezes, à humilhação. Pois sua cor, seu modo de vestir, de andar e de falar denunciam a situação de liminaridade estrutural em que se encontram, ou seja, são reconhecidos de maneira estereotipada como perigosos.

Os jovens pobres estão, portanto, distantes dos serviços, dos recursos culturais e sociais, das informações, das oportunidades, por residirem em áreas precárias desprovidas destes recursos e as possibilidades de irem ao encontro destes são cada vez mais dificultadas,

seja pelo preconceito e discriminação que sofrem, seja pela ausência de dinheiro para circular e freqüentar certos lugares.

Os jovens dos 2 grupos da Cidade de Deus também encontraram dificuldades financeiras para comprar o material esportivo para o treino (grupo I) e para a alimentação (grupo II). Neste último caso, é provável que a falta de alimentação tenha contribuído para o surgimento de um problema de saúde: a anemia.

As dívidas da família do jovem do grupo III do Jacarezinho, “*que aumentam cada vez mais*”, podem estar relacionadas com a dívida de droga do jovem com o chefe da boca. Segundo os participantes, o protagonista só poderá “*arrumar outro emprego e mudar de vida*” quando quitar sua dívida.

Observamos portanto, o quanto a falta de recursos atrapalha a vida do jovem protagonista, dificultando muito a luta pela conquista do seu objetivo, trazendo sérios ônus financeiros, sociais e psicológicos à sua família.

TABELA 4: DESCRIÇÃO DOS PROBLEMAS RELACIONADOS À FALTA DE RECURSOS POR GRUPO E POR COMUNIDADE.

COMUNIDADE	FALTA DE RECURSOS
Cesarão (grupo I) manhã	1)Com o desemprego da mãe o jovem abandonou os estudos e voltou a vender balas no sinal, pois precisava sustentar sua mãe e seu irmão porque foram abandonados pelo pai que bebia muito e os espancava 2)Com o desemprego do pai, o jovem começa a trabalhar como vendedor de balas 3)Tia fica desempregada e jovem volta a vender bala
Cesarão (grupo II) manhã	1)Sua mãe ficou doente e ele teve que pagar um tratamento, dificultando ainda mais seu sonho
Cesarão (grupo III) tarde	
Cidade de Deus (grupo I) manhã	1)Falta de dinheiro para o transporte 2)Falta de material esportivo
Cidade de Deus (grupo II) tarde	1)Falta de dinheiro para a condução 2)Falta de alimentação
João XXIII (grupo I) manhã	
João XXIII (grupo II) tarde	
Vargem Grande (grupo I) manhã	
Jacarezinho (grupo I) manhã	
Jacarezinho (grupo II) manhã	
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)As dívidas familiares aumentam cada vez mais
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)Está morando na rua com os filhos, não tem emprego e nem dinheiro para o remédio do filho doente

2.6.2- Problemas familiares

Os problemas familiares citados foram: brigas; falta de incentivo; responsabilidade pelo sustento da família, acidente e morte na família (ver tabela 5).

No grupo III do Cesarão, os problemas familiares apresentados pelos jovens parecem mais subjetivos do que os apresentados pelos demais grupos: *“O relacionamento com os pais piora, eles querem que Jéferson arrume um emprego e diminuem sua mesada”*. *“ Jéferson tinha uma personalidade diferente de seu pai por isso eles brigavam muito e Jéferson com este problema começa a beber. ”* Talvez esta maior consistência do protagonista deste grupo esteja relacionada a sua boa condição financeira, já que o jovem não apresenta problemas relacionados à falta de recursos, que representam questões mais primordiais para a sobrevivência, e por isso os conflitos ligados aos relacionamentos familiares tiveram mais espaço e possibilidade de surgirem na vida deste jovem.

Nos grupos I e II do Cesarão e no grupo de Vargem Grande foram apresentados como problemas familiares a responsabilidade pelo sustento da família. Sendo que neste último, a necessidade de garantir a subsistência da família fez com que o jovem tivesse um deslocamento subjetivo, embora não explicado claramente pelas jovens participantes pois ele *“acordou para a vida e reivindicou tudo o que era seu”*. Tanto no grupo I do Cesarão, quanto no grupo de Vargem Grande a necessidade do jovem de sustentar sua família foi originada pela ausência do pai, sendo que no primeiro esta ausência se deve ao abandono da família pelo pai e em Vargem Grande se deve a morte deste.

Outro problema que chamou a atenção foram as brigas com a família, muito relevantes para os jovens, principalmente o jovem do grupo II do Jacarezinho, que acaba virando mendigo depois de uma briga com a família. Este jovem parece estar tão submetido a esta família, que brigar com ela o leva ao limite de transformar completamente sua vida, *“virando”* mendigo. A família é tão significativa para estes jovens que tanto no grupo III do Cesarão

quanto no grupo II do Jacarezinho, brigar com ela desestabiliza completamente o sujeito que ou “*começa a beber*”, no caso do primeiro, ou como já destacado “*vira mendigo*”.

No grupo I de João XXIII o problema familiar do jovem foi não receber o incentivo da família, mas não foi especificado o tipo de incentivo. Já no grupo III do Jacarezinho, a questão familiar foram as reclamações e depreciações da mãe referentes ao jovem, e o grave acidente do tio do jovem, que o abalou. Seu tio apesar de ser uma pessoa distante dele, o ajudou com um emprego e com o custo da faculdade.

TABELA 5: DESCRIÇÃO DOS PROBLEMAS RELACIONADOS À FAMÍLIA POR GRUPO E POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	PROBLEMAS FAMILIARES
Cesarão (grupo I) manhã	1)Responsabilidade pelo sustento da família, pai alcoólatra batia na família e acaba abandonando-a.
Cesarão (grupo II) manhã	1)Responsabilidade pelo sustento da família
Cesarão (grupo III) tarde	1)O relacionamento com os pais piora, eles querem que Jéferson arrume um emprego e diminuam sua mesada 2)Jéferson tinha uma personalidade diferente de seu pai por isso eles brigavam muito e Jeférson com este problema começa a beber.
Cidade de Deus (grupo I) manhã	
Cidade de Deus (grupo II) tarde	
João XXIII (grupo I) manhã	1)Falta de incentivo dos familiares
João XXIII (grupo II) tarde	
Vargem Grande (grupo I) manhã	1)Perdeu seu pai e teve que sustentar sua mãe 2)A responsabilidade de sustentar a mãe fez ele acordar p/ a vida e reivindicar tudo o que era seu.
Jacarezinho (grupo I) manhã	
Jacarezinho (grupo II) manhã	1)Foi morar na rua porque brigou com a família e acabou virando mendigo
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)Ele tem problema com a mãe, que fica chamando-o de vagabundo, que não quer nada com a vida. 2)Tio do jovem sofre acidente e fica entre a vida e a morte.
Jacarezinho (grupo IV) tarde	

2.6.3- Dificuldades de estudo e/ou trabalho

Como dificuldades de estudo e/ou trabalho os jovens mencionaram: conseguir o primeiro emprego; conciliar estudo e trabalho; não conseguir entrar na faculdade na primeira tentativa por ter estudado em colégio público; não conseguir emprego ou dificuldade de conseguir um emprego melhor, perder o emprego; greve dos professores na faculdade, problemas com o estudo ou com o trabalho (ver tabela 6).

Entre as dificuldades relacionadas a estudo e/ou trabalho, os jovens participantes destacaram algumas originadas exclusivamente por fatores externos e outras como provenientes exclusivamente da falta de implicação e de responsabilidade do próprio jovem.

Entre as primeiras estão:

“Greve dos professores no último período da faculdade de medicina que o jovem cursava” (grupo I do Jacarezinho)

“Não conseguiu entrar na faculdade na primeira tentativa pois estudava em escola pública” (grupo I do Jacarezinho)

Entre as dificuldades provenientes exclusivamente pela falta de responsabilidade ou implicação do jovem estão: *“Está se dedicando mais ao futebol do que ao estudo”*, isso é um problema porque, segundo os jovens, carreira de futebol termina cedo, com 35 anos (grupo I da Cidade de Deus). *“Com problemas, perdeu a bolsa por não ter estudado e ter tirado notas baixas e acabou perdendo seu emprego de funcionário público”* (grupo I de Vargem Grande).

Nas demais dificuldades não ficou claro se os jovens acreditam que a causa do problema era exclusivamente externa ou exclusivamente de responsabilidade do jovem protagonista: *“Levou uma grande falta e ficou afastado do futebol”* (grupo I da Cidade de Deus). No grupo II do Jacarezinho, a dificuldade do jovem é que ele não conseguiu um emprego. No grupo II de João XXIII, percebemos que exercer a atividade de vendedor de picolé é para o jovem apenas um meio de se sustentar, de conseguir ingressar na universidade

e de ter um emprego melhor, mas ele encontra dificuldades de conciliar o estudo com o trabalho, além de ter se afastado durante 4 anos da escola, o que demanda mais dedicação nos estudos.

É importante destacar que mesmo no grupo III do Cesarão, em que o jovem é milionário, ele teve dificuldade de conseguir o primeiro emprego, o que não contradiz a realidade contemporânea onde mesmo os jovens de classe média e alta encontram dificuldades de ingressarem no mercado de trabalho. Embora os jovens pobres sofram em geral maior exclusão devido a sua baixa escolaridade e qualificação, já que muitos abandonam a escola por necessitarem trabalhar e/ou por não terem condições financeiras de investir num bom aperfeiçoamento profissional.

No grupo IV do Jacarezinho a jovem apesar de ter que enfrentar uma dificuldade relativa ao trabalho e estudo, pois perde seu emprego, ela consegue ter uma casa e depois de um tempo consegue um emprego melhor, se apaixona pelo patrão, que a “assume” e coloca seus filhos numa escola particular. Enfim, este foi o único grupo, em que o cartão problema referente à dificuldade com estudo e/ou trabalho continha várias soluções para esta e outras questões.

TABELA 6: DESCRIÇÃO DOS PROBLEMAS RELACIONADOS AO ESTUDO E/OU TRABALHO POR GRUPO E POR COMUNIDADE.

COMUNIDADE	ESTUDO E/OU TRABALHO
Cesarão (grupo I) manhã	
Cesarão (grupo II) manhã	
Cesarão (grupo III) tarde	1)Dificuldade para conseguir o primeiro emprego
Cidade de Deus (grupo I) manhã	1)Está se dedicando mais ao futebol do que ao estudo (isso é um problema porque segundo os jovens carreira de futebol termina cedo (35 anos)) 2)Levou uma grande falta e ficou afastado do futebol
Cidade de Deus (grupo II) tarde	
João XXIII (grupo I) manhã	
João XXIII (grupo II) tarde	1)Dificuldades para estudar sendo vendedor de picolé 2)Ficou 4 anos fora da escola até conseguir passar no vestibular e entrar para a faculdade 3)Dificuldades de conseguir um emprego melhor
Vargem Grande (grupo I) manhã	1)Com problemas perdeu a bolsa por não ter estudado e ter tirado notas baixas e acabou perdendo seu emprego de funcionário público
Jacarezinho (grupo I) manhã	1)Greve dos professores no último período da faculdade de medicina que o jovem cursava 2)Não conseguiu entrar na faculdade na primeira tentativa pois estudava em escola pública
Jacarezinho (grupo II) manhã	1)Não conseguiu emprego
Jacarezinho (grupo III) tarde	
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)A jovem perde o emprego da escola, mas realiza seu sonho de ter sua casa. Depois de um tempo, a jovem consegue um emprego como secretária de um bom empresário e acaba ficando com ele, que assume seus filhos e os coloca num colégio particular, dando-lhes uma boa educação

2.6.4- Problemas de saúde

Nesta categoria encontram-se os problemas de saúde vividos por 2 jovens do jogo: a anemia no jovem do grupo II da Cidade de Deus, e a pneumonia no jovem do grupo II do Jacarezinho.

2.6.5- Drogas e álcool

Nas comunidades do Cesarão (grupo III) e do Jacarezinho (grupos II e III) os jovens do jogo tiveram também como problemas o envolvimento com drogas. No grupo III do Cesarão, a bebida parece ter representado para o jovem um primeiro passo para o uso de drogas, pois *“como ele (jovem) já bebia, se envolveu com drogas”*.

Nos grupos II e III do Jacarezinho, os jovens usavam drogas, sendo o primeiro *“viciado em maconha”* e o segundo tinha *“dívidas com a boca de fumo”*, devido ao seu vício. Em Vargem Grande, apesar do jovem ter envolvimento com drogas, isto não apareceu nas cartas referentes à problema e sim na participação do sujeito, onde o jovem *“saiu das drogas”*.

Segundo Vieira (2004), a toxicomania envolve uma combinação de fatores orgânicos, farmacológicos, psicológicos e socioculturais, que interagem num conjunto complexo de motivações para o uso intensificado das substâncias. Esta combinação inclui também as histórias particulares de construção da subjetividade dos sujeitos e principalmente os imperativos de ordem externa, próprios dos contextos sociais dos indivíduos como os ideais competitivos e as incertezas da atualidade, cuja pressão sobre os indivíduos favorece a emergência da modalidade de uso de droga identificada como dependência. A droga surge para o jovem como elemento mediador de sua relação com o mundo, auxiliando-o em sua tentativa de responder às suas próprias expectativas e às dos outros, com relação ao seu comportamento e ao seu desempenho. A violência, o roubo, a toxicomania e outras situações de risco apresentam-se como alternativas de vida para muitos jovens das camadas mais pobres

da população, embora não exclusivas destes, pois na impossibilidade de atender às suas próprias expectativas, absorvidas da sociedade e de sua família, eles encontram no uso da droga, no tráfico e em outras contravenções, os desafios que precisavam para testarem sua capacidade de vencer. Através do afrontamento ao risco, a ansiedade, o sentimento de fracasso e o desânimo, que se afiguram em sua trajetória, são temporariamente substituídos pela euforia da exaltação do eu e por outras maneiras de busca de autovalorização.

Vieira (2004) considera também que a atração pelo risco e o abuso de droga pelos jovens podem ser sintomáticos do desamparo social e de um vazio interior que o indivíduo tenta preencher e ocultar:

“O traço narcisista desse comportamento evidencia o desespero do sujeito em dar respostas além de suas possibilidades às exigências de seu contexto social”. (VIEIRA, 2004: 168)

Portanto, no caso dos jovens pobres do presente estudo, a formação educacional precária, o desemprego, a exclusão da aquisição de bens de consumo, o difícil acesso à cultura e ao lazer, enfim, a falta de perspectivas, motivam alguns jovens ao consumo de drogas e em alguns casos também à ingressarem no tráfico. Este pode representar para o jovem um meio de sobreviver e de se inserir na lógica do consumo, além de adquirir uma posição de poder e de status na sua comunidade, ou seja, ser reconhecido socialmente.

2.6.6- Violência

No grupo I de João XXIII, um dos problemas encontrados pelo jovem do jogo foi a violência, mas os participantes não revelaram que tipo de violência se trata, nem quem pratica.

O tráfico de drogas foi citado por 3 grupos, sendo 2 da comunidade do Jacarezinho (grupos II e III), os quais os jovens (protagonistas) do jogo eram dependentes químicos e traficantes. No grupo III do Jacarezinho, o tráfico só foi visto como um problema para o

jovem do jogo porque ele tinha outro objetivo, mas de acordo com estes jovens, em muitos casos ele é uma solução, já que seus integrantes ajudam a comunidade mais do que os governantes. No grupo II do Cesarão, o jovem não tinha envolvimento com o tráfico, mas este o impedia de realizar seu trabalho. Neste caso, não ficou claro se este trabalho era a sua atividade como agente social da comunidade ou como empresário de cantores sertanejos.

Carreteiro (2003) afirma que a possibilidade de se cometer violência é uma construção social sustentada individual e grupalmente e que o exercício da virilidade se rebela contra qualquer tipo de humilhação, desonra ou não reconhecimento. Apesar desta lógica perpassar todos os espaços sociais, ela é mais dramática em certos territórios sociais, onde os sujeitos sofrem constantes ataques às suas posições de cidadãos. O tráfico de drogas se constrói sobre um modelo que intensifica a virilidade, a força física e o poder das armas. Os grandes traficantes surgem como poderosas figuras de identificação por terem prestígio, respeito e dinheiro, que consolidam poder e reconhecimento.

O tráfico de drogas no Rio de Janeiro cresceu e se fortaleceu de forma tão assustadora, que é atualmente o maior responsável por homicídios de jovens, principalmente jovens pobres no Estado. Segundo Minayo et al (1999), o jovem é geralmente o agressor e a vítima da violência:

“A média de vida dos que se envolvem com o tráfico é de 25 anos, mas a tendência tem sido de diminuição das faixas etárias dos que morrem em conflitos dentro dos próprios grupos, com os rivais, ou em confrontos com as forças da segurança pública”. (MINAYO, 1999: 165)

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Juvenil de 2003, o Rio de Janeiro é o Estado que apresenta a maior taxa de mortes entre jovens por causas violentas: 128,57 jovens em 100.000. No entanto, percebe-se que a mortalidade por causas violentas entre os jovens não está necessariamente vinculada a situações de pobreza generalizada, já que em alguns dos

Estados em que foram registradas baixas médias de renda, foram apresentadas taxas relativamente baixas desse tipo de mortalidade, o que confirma a complexidade da violência no Rio de Janeiro.

Segundo o Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (CIDE) a maioria da população carcerária do Estado encontra-se na faixa etária entre 18 e 25 anos, sendo que este número vem crescendo muito nos últimos anos. Em 2000 eram 5576 presos nesta faixa etária, e em 2003 este número cresceu para 7009.

Para a inspetora de polícia Marina Maggesi, em entrevista ao jornal O GLOBO de 11 de setembro de 2005, o perfil de presos da carceragem da POLINTER é de jovens pobres entre 18 e 25 anos, que não têm dentes, são criados na cocaína e não têm qualquer instituição por trás deles, como família, escola, restando apenas a facção do tráfico.

A questão da violência entre os jovens do Rio de Janeiro é muito grave e este quadro vem se deteriorando progressivamente, o que demanda políticas públicas sérias que contribuam para a diminuição dos índices de criminalidade, não apenas por meio de ações de segurança pública, mas principalmente por políticas de educação, saúde e de geração de empregos. O jovem pobre precisa de alternativas, que não o tráfico de drogas, onde ele possa investir e viabilizar a concretização de seus sonhos.

2.6.7- Preconceito

Em relação ao preconceito, alguns jovens disseram se sentirem discriminados por morarem em comunidade pobre, em especial em situações de convivência com jovens de outras classes sociais, como no caso do jovem do jogo do grupo I do Jacarezinho, que estudava em universidade pública e era discriminado e ignorado pelos colegas.

Além do preconceito social, o grupo I de João XXIII mencionou também o preconceito racial. Os participantes contaram várias situações vivenciadas por eles de

humilhação e desconfiança por serem negros, em estabelecimentos como shoppings, bancos e lojas. Além de serem alvo fácil da “dura” da polícia:

“Se tem um negro e um branco na calçada, e acontece um assalto, em quem você acha que a polícia vai primeiro? No negro, é claro!” (jovem de João XXIII).

Os jovens pobres entrevistados no trabalho organizado por Castro (2001), se sentem discriminados por serem jovens, por morarem em locais desvalorizados (periferia e favela, que são associadas à miséria, violência e criminalidade), por sua aparência física, pelo modo de se vestirem, pelas dificuldades de encontrarem trabalho e pela condição racial.

Para Carreteiro (2003) a humilhação, a vergonha e a falta de reconhecimento são dimensões do sofrimento social vividas por populações subalternizadas, havendo duas grandes categorias de situações de humilhação: as explícitas e as implícitas. As explícitas são as intimidações ou violência contra o corpo do outro, que ocorrem principalmente no cotidiano das populações que moram em locais considerados perigosos, por instituições como a polícia. Já as humilhações implícitas são mais sutis, deixam traços, sem marcar o corpo, mas também corróem as subjetividades produzindo um déficit narcísico. São os olhares que remetem estes jovens como inadequados, como suspeitos, ou seja, o reconhecimento destes sujeitos os invalida e os humilha. A partir de Sawaia (1999), Carreteiro revela que todos os sujeitos estão expostos a sentimentos forjados no confronto com injustiças, mas são os integrantes de categorias mais subalternizadas os que vivenciam, de forma acentuada, situações que lhes desvalorizam, humilham, fazendo-os sentirem-se envergonhados. A importância dos seus códigos sociais e culturais são invalidadas e depreciadas nas dinâmicas sociais, desqualificando suas experiências vividas. Estas lógicas de invalidação e de depreciação ocorrem em grande parte em cenas públicas.

TABELA 7: DESCRIÇÃO DOS PROBLEMAS RELACIONADOS À SAÚDE, PRECONCEITO, VIOLÊNCIA E DROGAS POR GRUPO E POR COMUNIDADE.

COMUNIDADE	SAÚDE	PRECONCEITO	VIOLÊNCIA	DROGAS ÁLCOOL
Cesarão (grupo I) manhã				
Cesarão (grupo II) manhã			1)Encontra obstáculos na comunidade com o tráfico que o impede de fazer seu trabalho	
Cesarão (grupo III) tarde				1)Como ela já bebia, se envolveu um pouco com drogas
Cidade de Deus (grupo I) manhã				
Cidade de Deus (grupo II) tarde	1)Anemia			
João XXIII (grupo I) manhã		1)Preconceito racial	1)Violência	
João XXIII (grupo II) tarde				
Vargem Grande (grupo I) manhã				
Jacarezinho (grupo I) manhã		1)Foi discriminado por algumas pessoas da faculdade por ser pobre e morar numa comunidade		
Jacarezinho (grupo II) manhã	1)Pegou pneumonia		1)Foi preso comprando maconha na boca do Jacaré (ficou 2 anos)	1)Viciado em maconha
Jacarezinho (grupo III) tarde			1)Vende droga, mas quer sair	1)Dívidas com a boca de fumo
Jacarezinho (grupo IV) tarde				

2.6.8- Outros problemas

Nesta categoria, encontram-se problemas distintos que não puderam ser incluídos nas categorias anteriores, conforme já mencionado. A corrupção, apresentada por um dos grupos de João XXIII, foi relativa aos concursos públicos, o que segundo os jovens, dificulta ainda mais a ascensão social através de um concurso quando não se tem “QI” (“quem indica”), ou seja, conhecidos influentes que através de indicação os coloquem num cargo público. A apresentação da corrupção nos concursos públicos, foi motivada pela vivência de 2 jovens do grupo, um disse não ter sido chamado para um concurso em que foi aprovado, e soube que outro candidato que obteve menor pontuação foi chamado, e outro disse que quando abrisse vaga para a Polícia Militar, ele teria sua vaga garantida pois seu tio é tenente desta instituição e seria portanto, o seu “QI”.

No grupo II da Cidade de Deus, o jovem tem como problema a inveja dos colegas, mas este foi o único problema onde ele avançou uma casa, pois conseguiu superá-lo. No grupo de Vargem Grande, o jovem “*começou a andar com uma turma barra pesada*”, neste caso, o grupo estava se referindo a pessoas com envolvimento com drogas.

No grupo I do Jacarezinho, o jovem universitário teve problemas: “*passou momentos complicados...*”, por defender 50% das vagas da universidade para alunos pardos e negros e por isso ele não retrocede, mas avança (3 casas). No grupo II do Cesarão, o jovem também implicado em prol do coletivo tenta ajudar a comunidade, mas é rejeitado pelos próprios moradores e por isso se decepciona, o que o faz retroceder (volta 2 casas). Apesar do grupo não ter especificado o motivo da rejeição dos moradores, é possível que este estivesse relacionado ou com o fato do jovem ter como objetivo (ponto de chegada) morar em Copacabana, isto é, além de fora da comunidade, muito distante desta; ou com a interferência do tráfico que impede o jovem de realizar seu trabalho, o que pode ter motivado os moradores a rejeitarem o jovem. Neste mesmo grupo, observamos novamente a importância do jovem

em constituir uma família e da relevância do casamento, já que como ele quer casar, ele tem que esquecer um pouco o seu sonho profissional (“*ser um empresário de cantores sertanejos*”) para “correr atrás” de sua casa e de sua festa de casamento, por isso ao invés do jovem retroceder, por adiar sua realização profissional, ele avança 3 casas.

No grupo IV do Jacarezinho, a jovem do jogo é expulsa da casa da amiga, pois esta arruma um namorado e fica com medo de perdê-lo para a jovem. Esta situação é descrita pelas jovens participantes como muito freqüente e uma delas destaca que já teve o namorado “*roubado*” por uma amiga (ver tabela 8).

TABELA 8: DESCRIÇÃO DOS OUTROS PROBLEMAS POR GRUPO E POR COMUNIDADE.

COMUNIDADES	OUTROS PROBLEMAS
Cesarão (grupo I) manhã	
Cesarão (grupo II) tarde	1)Ele tenta ajudar a comunidade, mas muitas vezes é rejeitado pelos próprios moradores e se decepciona 2)Ele quer casar, mas tem que esquecer um pouco o seu sonho para correr atrás de sua casa e a festa de casamento (o jovem anda para frente, porque deixou seu sonho profissional, mas foi por uma boa razão, ou seja, para casar e constituir uma família)
Cesarão (grupo III) tarde	
Cidade de Deus (grupo I) manhã	
Cidade de Deus (grupo II) tarde	1)Inveja dos colegas
João XXIII (grupo I) manhã	1)Corrupção nos concursos públicos
João XXIII (grupo II) tarde	
Vargem Grande (grupo I) manhã	1)O jovem começou a andar com uma turma barra pesada
Jacarezinho (grupo I) manhã	1)Passou momentos complicados na faculdade por defender 50% das vagas para alunos considerados pardos e negros. Muitas pessoas da faculdade concordaram com ele e ele venceu este problema. O jovem resolve agir e consegue que a universidade tenha 50% das vagas para negros e pardos
Jacarezinho (grupo II) manhã	
Jacarezinho (grupo III) tarde	
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)A moça que abrigou a jovem em sua casa, colocou-a para fora de casa com seus filhos, pois ficou com medo de perder o seu namorado para a jovem

De forma geral, os problemas que afetam os jovens protagonistas se repetem em todos os grupos tendo destaque os referentes à falta de recursos, às dificuldades com estudo e/ ou trabalho e os problemas familiares. No entanto, constatamos que a maioria dos problemas familiares e das dificuldades com estudo e/ou trabalho estão relacionados com a falta de recursos e à carência de oportunidades. Pois a responsabilidade do jovem pelo sustento familiar, as dificuldades de conciliar trabalho com estudo ou de conseguir um emprego e o

difícil acesso à universidade pública, devido ao ensino escolar público deficiente, apontam para a falta de recursos do jovem.

Os jovens também relacionaram a falta de recursos dos protagonistas com a entrada para o tráfico de drogas, ou seja, a precariedade sócio-econômica e a falta de oportunidades impulsionam alguns jovens a seguirem a carreira criminosa. Os jovens afirmaram também que a precária situação financeira em que se encontram é a causa do preconceito sofrido por serem pobres, por morarem num lugar ruim. Enfim, o que mais predomina como obstáculo no percurso dos jovens pobres em direção aos seus objetivos é a carência de recursos, que se reflete nas demais subcategorias de problemas. Esta escassez de recursos pode contribuir também para que o jovem se considere psicologicamente incapaz. Conseqüentemente esse ônus psicológico prejudica a possibilidade do jovem visualizar as ações necessárias para a conquista do seu projeto de vida.

2.7- “Participação do jovem”: a auto-determinação como recurso possível frente à adversidade

A participação do jovem (da dinâmica do jogo/ expectativa de vida) na realização de seu objetivo, ou seja, alcançar o ponto de chegada, foi descrita pelos jovens em sua maioria de forma positiva, onde a importância foi dada: ao estudo para ser “*alguém na vida*” ou a “*força de vontade para subir na vida*”, à dedicação, ao esforço, ao interesse, à procura de um emprego, à determinação e ao aproveitamento das oportunidades. Os jovens não falaram de onde vem o esforço e a determinação, como se estes fossem um atributo inato, o qual ou o sujeito tem ou não tem. Este discurso do esforço e da dedicação parece ter a função de manter viva uma direção de vida para o jovem, dele poder se afirmar como um sujeito moral “eu sou capaz” e dele se distanciar, se externalizar da situação de adversidade em que vive, ou seja, dele poder se ver de uma outra forma, que não imobilizado pelas inúmeras dificuldades (ver tabelas 9, 9.1 e 9.2).

Segundo os jovens do grupo I do Cesarão é preciso não ter “*uma mente fraca*” para não se envolver com as drogas ou com a criminalidade. No grupo I da Cidade de Deus uma das participações do sujeito foi não ter se envolvido com drogas. A presença do tráfico e das drogas parece ser tão forte, que resistir ao envolvimento com drogas e com o crime foi considerado por estes 2 grupos como uma forma do jovem contribuir para a realização do seu próprio objetivo.

Apenas em 2 grupos a participação do jovem na realização de seu objetivo foi negativa, ou seja, além de não contribuir para atingir seu objetivo, o jovem acabou se prejudicando: “*se inscreveu no projeto, mas não pode participar porque dormiu demais e passou da hora de ir e quando chegou não pôde mais participar*” (grupo I do Cesarão); “*gasta muito dinheiro com coisas que não tem necessidade*” (grupo III do Cesarão).

Somente em 2 grupos dos 12 analisados, a participação do jovem do jogo contribuiu também para o coletivo: no grupo II do Cesarão, o jovem contribuiu para as melhorias da comunidade através da sua opinião e também por meio da sua participação em projetos como agente social; já no grupo I do Jacarezinho, o jovem universitário, conforme já explicitado anteriormente, se empenhou para conseguir que 50% das vagas da universidade pública fosse destinada para negros e pardos. Para os jovens, esta atitude beneficiou pessoas desfavorecidas, que tentavam entrar na faculdade pública e não conseguiam. No entanto, esta participação do jovem foi apresentada pelos participantes em uma das cartas referentes a problemas e não à participação do sujeito.

Neste mesmo grupo, uma das participações do jovem (protagonista) foi ter se reunido com representantes de outros cursos e mandado um projeto de reajuste dos salários dos professores em greve para o governo, solucionando a questão, pois com a volta das aulas ele e os demais alunos de sua turma conseguiram se formar. Apesar do interesse próprio do jovem, sua participação teve também repercussão coletiva (ver tabela 9).

Em relação à escassez de projetos coletivos nas comunidades aqui analisadas podemos refletir de acordo com Bezerra (2000), que nos fala que a idéia da vida em comum como construção de sentido vem sendo deslocada do centro do nosso imaginário social, sendo substituída pelo imperativo de fruição, de gozo. Questões referentes aos conflitos acerca das opções nas quais empenhar a trajetória de uma vida vão cedendo lugar ao simples cálculo das possibilidades de fruição imediata do presente.

A escassez de projetos coletivos nas comunidades também pode ser em parte compreendida pela interrupção, pelo regime militar, da luta democratizante das organizações de favelas desenvolvida entre os anos 50 e começo dos 60. O período militar aboliu a luta dos excluídos por seus direitos da ordem social e política, desta forma, as organizações de favelas foram desmanteladas nesse período. Após a ditadura, os excluídos não conheceram um processo de reorganização que os integrassem no contexto da transição democrática dos anos 80. No Rio de Janeiro, é o tráfico que inibe a retomada da comunicação dos interesses das populações das favelas e conjuntos habitacionais com a nova institucionalidade construída com a redemocratização do país (BURGOS, 2003: 26).

Desta forma, a não participação dos moradores de comunidades em prol do coletivo pode estar também relacionada com o poder do tráfico de drogas que atualmente impõe o terror aos moradores e muitas vezes impede as ações destes. Além disso, os grupos do tráfico começaram a se interessar pelas eleições das associações de moradores, apresentando candidatos ligados a eles (ZALUAR, 2003), o que impossibilitou ainda mais a independência das organizações de moradores das comunidades do crime organizado.

À medida em que os grupos de traficantes se tornaram mais poderosos nas favelas, eles procuraram influenciar a política da autoridade local ou mesmo eleger-se para o cargo, visando se tornarem responsáveis pela comunidade. A forma que o tráfico de drogas assumiu nas favelas, em grande parte devido à incapacidade do Estado na prestação de serviços

básicos e na ação policial violenta propiciou a criação de uma nova rede de relações clientelistas. Em muitos casos, os próprios traficantes ofereciam serviços previdenciários alternativos em troca de proteção e anonimato, dissolvendo a autoridade dos líderes locais eleitos (LEEDS, 2003).

Para Soares (apud Burgos, 2003: 44) as liberdades de organização, de ir e vir consagradas na constituição de 1988 não têm sido asseguradas aos excluídos, também estão comprometidos seus direitos políticos, o que explica a falta de uma demanda organizada dos excluídos por direitos. A revalorização do problema favela vem sendo imposta muito mais pelo transbordamento das conseqüências da violência, que mesmo de forma desigual atinge a cidade do Rio de Janeiro toda, do que pela presença de um ator político, defensor dos interesses dos excluídos.

Em 3 grupos (Cesarão II, Cidade de Deus I e Jacarezinho I) os participantes apresentaram como participação do sujeito, o bom desempenho em suas atividades escolares ou de trabalho: “*É bom aluno, comparece a todas as aulas e tira notas boas*” (grupo II do Cesarão) “*Teve um bom desempenho durante uma observação do treinador*” (grupo I da Cidade de Deus) “*O jovem está estudando e é um dos melhores alunos*” (grupo I do Jacarezinho). Estas falas demonstram a importância que os jovens dão ao empenho nas atividades escolares para a realização de seus objetivos. No entanto, não parece ser isso o que acontece na vivência escolar deles, pois muitos afirmaram que não estavam freqüentando a escola; outros apesar de freqüentarem não estudavam e se sentiam desestimulados principalmente devido à falta de professores e de recursos escolares. Esta discrepância entre a fala dos jovens que idealizam a escola e a vida escolar da maioria deles também foi observada nas pesquisas de Gomes (1997) relatadas em seu artigo “*Jovens urbanos pobres*”, onde enquanto alguns jovens disseram que não gostam de estudar, outros limitaram a importância

da escola a ensinar leitura, escrita, aritmética e alguns conhecimentos gerais, mas todos reconheceram a importância de estudarem.

Segundo Carmo (2001), parte dos jovens pobres resiste ao estudo, muitas vezes porque a escola aparentemente trouxe poucas mudanças em suas vidas:

“Quando se analisam os resultados do processo de escolarização, evidencia-se que eles desmentem a ilusão e o desejo de ascensão social das classes menos favorecidas” (CARMO, 2001: 20).

A herança cultural exerce importante papel na geração das desigualdades sociais também no campo educacional, já que o grau de aspiração de estudo para o jovem é influenciado pela imagem social que a família tem da escola. No caso do aluno carente, geralmente a visão de mundo da escola conflita com sua vida cotidiana (CARMO, op.cit.).

Para Gomes (1997: 54) a vida escolar de cada sujeito depende, também, de sua história singular de socialização no seu grupo doméstico de origem, e afirma, baseada em Boudon (1979), que é em função da história familiar que o jovem e sua família decidem se este vai ou não dar continuidade ao seu projeto individual de escolarização. O frágil valor atribuído à escolaridade pelo jovem urbano pobre se deve ao fato deste ser em geral filho e neto de semi-alfabetizados ou de analfabetos. Desta forma, o valor que os jovens urbanos pobres atribuem à educação é proporcional à familiaridade deles com as coisas que dizem respeito à escola, sendo esta familiaridade historicamente recente, é natural que este valor seja frágil. Portanto, nesta classe social ainda está em curso o processo de incorporação da escola e do valor atribuído à escolaridade ao capital cultural familiar a ser herdado pelas novas gerações. Já em jovens de classes mais abastadas e com uma história de escolarização mais antiga, este já é um valor incorporado ao capital cultural herdado. O pouco valor ou nenhum valor que a escola parece ter para os jovens pobres também está relacionado ao fato de que muitos jovens vêem que a escola não mudou a vida de seus pais e avós.

Nos grupos (II do Cesarão, II da Cidade de Deus, e no de Vargem Grande), os jovens do jogo participaram na busca para a realização de seus objetivos através do seu aperfeiçoamento em cursos e treinamento: *“Fez curso profissionalizante de informática”*(grupo II de Cesarão) *“O jovem poderia aperfeiçoar seu futebol treinando em casa”* (grupo II da Cidade de Deus) *“Fez cursos para se aperfeiçoar nos estudos”*(grupo de Vargem Grande). No grupo II do Jacarezinho o jovem além de ter tido *“força de vontade para subir na vida”*, *“fez cursinhos pré-vestibulares”*.

O trabalho também apareceu para muitos grupos como um meio do jovem atingir seu objetivo profissional ou a compra da casa própria. Neste caso não foi especificado que tipo de trabalho seria, o que pressupõe que mais relevante não é que função o jovem exercerá mas sim, o resultado financeiro que ele terá e conseqüentemente o que este contribuirá para a realização de seu objetivo:

“O jovem deveria procurar um emprego por causa do dinheiro” (grupo II da Cidade de Deus)

“Conseguir um emprego temporário até atingir seu objetivo” (grupo I de João XXIII)

“Arrumar outro emprego com um salário garantido” (grupo II de João XXIII)

“Juntou o dinheiro que ganhou com muito esforço na casa da velhinha e começou a pagar as prestações da sua casa” (grupo IV do Jacarezinho)

“Esforço pessoal do jovem, fazendo estágio, ele economizou dinheiro para entrar numa faculdade particular, caso ele não passasse para uma faculdade pública” (grupo I do Jacarezinho)

Neste último grupo, observamos também que o jovem possui uma alternativa, um plano, caso o que ele mais sonha não se realize.

No grupo III do Jacarezinho, o jovem apesar de ter estudado muito, não conseguiu passar no vestibular. Esta fala do grupo, parece demonstrar que apesar de todo o esforço do

jovem, fatores externos, como a precariedade do ensino público podem impossibilitar ou comprometer significativamente a realização do seu objetivo. Este jovem, conforme apresentamos mais adiante, apesar de conseguir realizar seu objetivo de ser médico, isto só ocorreu porque seu tio pagou uma faculdade particular para ele, do contrário, os participantes disseram que isto não aconteceria.

No grupo de Vargem Grande, o jovem no último cartão referente à participação do sujeito resolve vários problemas: *“Reconquistou seu amigo, deu mais atenção à sua namorada, saiu das drogas e com seu esforço pagou sua faculdade e se formou em engenheiro naval”*. Este grande volume de situações sendo resolvidas em uma só carta de participação do sujeito, pode nos indicar urgência do grupo em solucionar os problemas do jovem protagonista antes que o jogo acabasse, já que esta foi a penúltima carta.

A maioria das ações dos jovens protagonistas (jogo) buscaram apenas solucionar seus próprios problemas, o que demonstra que a inserção em projetos coletivos parece estar praticamente ausente para a maioria dos jovens do presente estudo. No entanto, essa busca por ações que só beneficiam o sujeito parece assegurar de alguma forma a sobrevivência perante as inúmeras adversidades que estes jovens encontram, como a falta de modelos e referências e a falta de recursos que possam instrumentalizá-los. Parece que a grande importância que dão ao próprio esforço é uma forma de compensarem a precária rede social em que estão inseridos, principalmente em relação ao poder público.

Em relação à falta de recursos e de modelos, Velho (1994) destaca que os alunos de camadas de renda mais baixa não dispõem dos recursos e apoios que os de camadas mais altas têm fora da escola. Entre estes recursos não estão apenas os de dimensão material, mas também os da própria importância relativa do desempenho individual em famílias pobres:

“Para uma família que vive em situação de penúria pode ser relativamente pouco importante a reprovação do filho na escola comparada com sua necessidade de dispor de

mão-de-obra para atender às necessidades mais elementares de sobrevivência.” (VELHO, 1994: 22)

A partir das descrições da participação dos protagonistas na realização de seus projetos de vida, categorizamos estes resultados em: atributos individuais, características do sucesso e comportamentos (ver tabelas 9.1 e 9.2).

A categoria “atributos individuais” parece reunir em todas as comunidades a crença dos jovens de que é a vontade deles que vai controlar as adversidades, ou seja, o interesse, o esforço e principalmente a força de vontade são as características que os impulsionarão a realizarem as atividades referentes à categoria comportamento e em alguns casos a atingirem as características do sucesso. No entanto, os jovens não explicitaram a operacionalidade desta vontade em controlar as adversidades.

Observamos que em todos os grupos, a categoria “comportamento” reforça principalmente a valorização do estudo, enfatiza comportamentos evitativos, como não se envolver com drogas e reúne ações do sujeito que visam mudanças no status social, como procurar emprego, aproveitar as oportunidades, fazer cursos, juntar dinheiro. Enfim, a categoria “comportamento” reúne ações que de uma forma geral os jovens não se vêem como agentes. A mudança necessária para a realização dos seus projetos de vida é vista de forma idealizada. A participação é projetada em ações que eles não estão realizando. E por que não estão realizando? Talvez porque a própria condição de adversidade os imobilize. É como se eles não vissem nenhuma possibilidade de realização no presente, é como se a mudança não pudesse ser operada por eles, ou seja, é como se eles não se sentissem capazes de ser agentes da mudança.

A categoria “característica do sucesso” resume a grande importância que os jovens atribuem ao bom desempenho escolar ou no trabalho para a concretização de seu projeto de vida.

O discurso dos jovens se revela muito ambíguo, já que, embora eles destaquem a importância dos atributos individuais para a realização de seus objetivos, como ter “força de vontade”, determinação, ser esforçado, como apresentamos em seguida, eles afirmam que também necessitam de ajuda, ou seja, que não basta apenas o esforço e a dedicação deles, se não possuírem uma rede social (família, governo, amigos...) que realmente os auxilie na busca pela realização de seus projetos de vida.

TABELA 9: DESCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO JOVEM POR GRUPO E POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO
Cesarão (grupo I) manhã	1)Estuda e deixa de lado a vida de vendedor de bala, tem um comportamento bom dentro da comunidade, não tem uma mente fraca 2)Ele se dedica aos seus ideais e começa a estudar 3)Ele se inscreveu no projeto e não pôde participar porque dormiu demais e passou da hora de ir, e quando chegou não pôde mais participar do projeto
Cesarão (grupo II) manhã	1)Fez curso profissionalizante de informática, ajuda sua comunidade a crescer em conjunto, dando sua opinião 2)É bom aluno, comparece a todas as aulas e tira notas boas 3)Participa de projetos como agente social, para ajudar na sua comunidade
Cesarão (grupo III) tarde	1)Esse jovem gosta muito de observar seus pais trabalhando para aprender e se tornar um grande empresário no futuro como eles 2)Gosta muito de estudar e mergulha de cabeça nos estudos 3)Gasta muito dinheiro com coisas que não tem necessidade, compra tudo que vê pela frente sem olhar o valor
Cidade de Deus (grupo I) manhã	1)Interesse e força de vontade 2)Não se envolveu com drogas 3)Teve um bom desempenho durante uma observação do treinador
Cidade de Deus (grupo II) tarde	1)O jovem poderia aperfeiçoar seu futebol treinando em casa 2)O jovem deveria procurar um emprego por causa do dinheiro 3)Estudar
João XXIII (grupo I) manhã	1)Estudar 2)Ter determinação 3)Conseguir um emprego temporário até atingir seu objetivo
João XXIII (grupo II) tarde	1)Estudar até fazer faculdade de administração 2)Aproveitar as oportunidades 3)Arrumar outro emprego ou um salário garantido
Vargem Grande (grupo I) manhã	1)Teve força de vontade e estudou para ser alguém na vida 2)Fez vários cursos para se aperfeiçoar nos estudos 3)Reconquistou seu amigo, deu mais atenção à sua namorada, saiu das drogas, com seu esforço pagou a faculdade e se formou em engenheiro naval
Jacarezinho (grupo I) manhã	1)Esforço pessoal do jovem, fazendo estágio, ele economizou dinheiro para entrar numa faculdade particular, caso ele não passasse para uma faculdade pública 2)O jovem está estudando e é um dos melhores alunos 3)Ele se reuniu com representantes de outros cursos e mandaram uma proposta para o governo de reajuste de salários, os professores aceitaram, ninguém foi prejudicado e ele e todos os jovens dos outros cursos foram o destaque da faculdade, conseguiram se formar e ficaram conhecidos e lembrados até hoje
Jacarezinho (grupo II) manhã	1)Sai à procura de emprego e continua tentando 2)Ele cai na realidade vai conversar com a família e vai à procura de um emprego 3)Foi se esforçando desde o primeiro dia e conseguiu o emprego
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)Ele teve força de vontade para subir na vida e fez cursinhos pré-vestibular 2)Estudou muito e não conseguiu passar no vestibular 3)Dedicou-se ao máximo em sua faculdade
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)A jovem estava na rua e por ela passa uma velhinha que ela conhecia há muitos anos, ela se oferece para limpar sua casa em troca de casa e comida para ela e seus filhos 2)Juntou o dinheiro que ganhou com muito esforço na casa da velhinha e começou a pagar as prestações da sua casa 3)Consegue escola para seus filhos e creche para o mais novo em instituições públicas

TABELA 9.1: DESCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO JOVEM POR SUBCATEGORIAS: ATRIBUTOS INDIVIDUAIS, CARACTERÍSTICA DO SUCESSO E COMPORTAMENTO.

COMUNIDADE	ATRIBUTOS INDIVIDUAIS	CARACTERÍSTICA DO SUCESSO	COMPORTAMENTO
Cesarão (grupo I) manhã	1)Não tem uma mente fraca		1)Tem um comportamento bom dentro da comunidade 2)Começa a estudar
Cesarão (grupo II) manhã		1)É bom aluno, tira notas boas	1)Fez curso profissionalizante de informática 2)Ajuda sua comunidade a crescer, dando sua opinião 3)Comparece a todas as aulas 4)Participa de projetos como agente social para ajudar sua comunidade.
Cesarão (grupo III) tarde			1)Observa seus pais trabalhando para aprender 2)estuda
Cidade de Deus (grupo I) manhã	1)Interesse e força de vontade	1)Teve um bom desempenho no treino de futebol	1)Não se envolveu com drogas
Cidade de Deus (grupo II) tarde			1)Aperfeiçoou o futebol 2)Procurou um emprego 3)Estudou
João XXIII (grupo I) manhã	1)Ter determinação		1)Estudar 2)Conseguir um emprego temporário até atingir seu objetivo
João XXIII (grupo II) tarde			1)Estudar até fazer faculdade de Administração 2)Aproveitar as oportunidades 3)Arrumar outro emprego
Vargem Grande manhã	1)Teve força de vontade		1)Estudou para ser alguém na vida 2)Fez cursos 3)Saiu das drogas, se formou engenheiro

TABELA 9.2: DESCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO JOVEM POR SUBCATEGORIAS: ATRIBUTOS INDIVIDUAIS, CARACTERÍSTICA DO SUCESSO E COMPORTAMENTO.

COMUNIDADE	ATRIBUTOS INDIVIDUAIS	CARACTERÍSTICA DO SUCESSO	COMPORTAMENTO
Jacarezinho (grupo I) manhã		1)É um dos melhores alunos	1)Fez estágio, economizou dinheiro para entrar na faculdade 2)Está estudando 3)Mandou proposta para reajuste dos professores
Jacarezinho (grupo II) manhã			1)Procura emprego 2)Conseguiu o emprego
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)Teve força de vontade para subir na vida		1)Fez cursinhos pré-vestibulares 2)Estudou, mas não conseguiu passar no vestibular 3)Dedicou-se ao máximo na faculdade
Jacarezinho (grupo IV) tarde			1)Ela ofereceu-se para limpar a casa de uma senhora 2) Juntou o dinheiro 3)Pagou as prestações da sua casa 4)Consegue escola e creche para os filhos em instituições públicas

2.8- “Ajuda de outrem”: as redes de sociabilidade dos jovens pobres

A partir do relato dos jovens categorizamos a ajuda de outrem como: ajuda financeira; incentivo e apoio; e ajuda para o jovem conseguir emprego. Os jovens se posicionaram como receptores principalmente da ajuda em forma de incentivo, que apareceu em 10 grupos dos 12 analisados. A ajuda financeira foi recebida em 8 grupos e a ajuda por meio da oferta ou indicação de emprego apareceu em 5 grupos. Em nenhum dos grupos, a ajuda de outrem foi proporcionar que o jovem agisse ou aprendesse um ofício, para que assim ele pudesse adquirir trabalho e os resultados deste, exceto no grupo III do Cesarão, onde o jovem teve a ajuda dos padrinhos que o ensinaram a se “movimentar” na empresa. A escassez de aprendizagem de ofícios por parte dos jovens parece estar relacionada à própria falta de referências e modelos que estes têm em relação às profissões que pretendem seguir.

A apreciação dos resultados da pesquisa parece indicar a relevância que os jovens atribuem à ajuda por meio do incentivo principalmente da família, e em alguns casos dos amigos e da namorada. No entanto, o auxílio desses últimos em sua maioria não foram especificados.

A ajuda financeira também foi muito significativa para os participantes, e como em sua maioria esteve relacionada com a instrumentalização do jovem, ela demonstrou a necessidade que os jovens têm de serem auxiliados num momento crucial e difícil de suas vidas, que é a preparação para a inserção profissional. Entretanto, em 2 grupos a ajuda financeira recebida pelo jovem não estava diretamente relacionada à formação profissional: No grupo I do Cesarão a ajuda recebida foi através de alimentos e no grupo IV do Jacarezinho, o dinheiro recebido foi para a jovem comprar sua casa e móveis (ver tabelas 10.1 e 10.2).

A ajuda através da oferta ou indicação para um emprego só confirma ainda mais a necessidade do jovem pobre de ser apoiado neste momento tão difícil, que é se inserir

profissionalmente, e que o mercado emprega muito através de indicação. Portanto, o jovem que não tem contato com pessoas que possam indicá-lo para uma vaga de emprego ou que possam empregá-lo, encontra-se mais distante da possibilidade de inserção profissional.

2.8.1- A ajuda através do incentivo

Esta ajuda foi descrita pelos jovens participantes de alguns grupos de forma superficial como apoio da família, dos pais, dos amigos, da mãe, da namorada e de conhecidos influentes (grupos I e II da Cidade de Deus, grupo I de João XXIII e grupo de Vargem Grande). E de forma mais específica, as ajudas foram: *“a oração e a ajuda dos evangélicos”* (grupo II de João XXIII), demonstrando a importância da religião para este grupo; *“a ajuda dos professores em lembrar todas as matérias”* (grupo II de João XXIII); *“seus padrinhos o ensinam a como se movimentar dentro da empresa”* (grupo III do Cesarão), a oferta de curso pré-vestibular gratuito na comunidade (grupo I do Jacarezinho), a oferta de uma casa para morar (grupo IV do Jacarezinho). Outra ajuda incentivo importante em 3 grupos foram as ações da tia, que coloca o jovem dependente químico em uma clínica de recuperação (grupo III do Cesarão), da família (grupo II do Jacarezinho) e da namorada (grupo III do Jacarezinho) no intuito de incentivar o jovem a sair das drogas.

Os únicos protagonistas de todos os grupos analisados que se envolveram com drogas e tráfico são do sexo masculino, e em 2 grupos, a figura feminina representada pela tia e pela namorada foi quem incentivou o jovem a “sair das drogas”. A namorada foi descrita pelo grupo III do Jacarezinho como uma pessoa muito especial que apareceu em sua vida, e que teve um “diálogo” com o jovem, e a partir deste “diálogo” o jovem conseguiu mudar a sua vida: *“trabalhou muito e conseguiu pagar todas as suas dívidas com a boca de fumo”*. Este grupo destacou a relevância da conversa, do diálogo e de alguém que possa incentivar, apoiar e “tirar” o sujeito do lugar obscuro onde este se encontra, pois sem esta ajuda parece que o sujeito não consegue se mover, ele necessita de uma referência (ver tabelas 10.1 e 10.2).

2.8.2- A ajuda financeira

A ajuda financeira foi recebida pelo jovem do jogo, em sua maioria pela família, incluindo tio distante, tia e mãe. Porém, o jovem também recebeu ajuda da comunidade, do professor e de uma conhecida.

No grupo I da Cidade de Deus o jovem recebeu ajuda financeira da comunidade e de um campeonato de futebol organizado por uma emissora de TV e uma escolhinha de futebol, o qual ele venceu. No grupo I do Jacarezinho, o jovem conheceu um professor que resolveu pagar um curso de enfermagem pois viu o interesse dele pela Medicina. No grupo I do Cesarão, o jovem conheceu uma senhora que passou a ajudar sua família com compras (ver tabelas 10.1 e 10.2).

A ajuda financeira teve como objetivo na maioria dos grupos, instrumentalizar o jovem na busca pela realização do seu objetivo, como auxílio no pagamento de cursos, de faculdade (grupo II do Cesarão, grupo I e III do Jacarezinho). No grupo II da Cidade de Deus, o apoio financeiro da família foi para comprar o material de trabalho do jovem, ou seja, o material esportivo, já que seu sonho era ser jogador de futebol. No grupo I do Jacarezinho, a família também ajudou com a compra do material, que neste caso foram os livros do jovem. No grupo III do Cesarão, a ajuda financeira da tia foi para a abertura de um negócio para o jovem, mas a contrapartida deste foi “*entrar com as idéias*” (ver tabelas 10.1 e 10.2).

A ajuda financeira está marcada pelo laço afetivo (tia, prima, comunidade). Estas figuras familiares ao jovem parecem oferecer para este uma certa sustentação psicológica, já que o dinheiro dado vem marcado simbolicamente pela expectativa de ascensão do jovem, tanto pelos doadores quanto pelo próprio jovem. O que parece significativo na ajuda financeira é o sentido que o jovem protagonista dá para o dinheiro recebido, isto é, um sentido de mudança de vida.

2.8.3- A ajuda de outrem através da oferta de emprego

Esta ajuda foi recebida pelo jovem em 2 grupos por indicação de amigos (grupo II do Cesarão e grupo II do Jacarezinho). No grupo III do Jacarezinho foi um tio distante quem conseguiu um emprego para o jovem. No grupo IV da mesma comunidade, foi uma senhora que a jovem já conhecia, que lhe deu emprego, casa e comida para seus filhos. No grupo I do Cesarão, a ajuda veio de um homem que o jovem conheceu no sinal onde vendia balas. Ele resolveu empregar sua mãe como doméstica e apadrinhar o jovem (ver tabelas 10.1 e 10.2).

Observamos que excetuando os grupos onde a oferta de emprego apareceu por indicação de amigos, nos demais esta oferta veio de pessoas que parecem não constituírem naquele momento a rede social do jovem, como o tio distante que mora em outro país, o homem que o jovem conheceu no sinal e a senhora que apesar da jovem conhecer há anos não parece fazer parte de seus relacionamentos, até o momento em que ela pede o trabalho. Este tipo de ajuda só apareceu em 5 grupos, o que parece indicar uma certa fragilidade da rede social destes jovens em facilitar, por meio de indicação, a inserção do sujeito no mercado de trabalho. Esta ajuda também foi a única em que a família praticamente não esteve presente, pois sua presença surgiu apenas em 1 grupo e assim mesmo na figura de um tio distante. Isso parece indicar que a família destes jovens não possui contatos em que ela possa indicar o jovem para a inserção no mercado de trabalho, seja porque seus membros não estão exercendo nenhuma atividade de trabalho ou profissional, seja porque o trabalho que realizam pode ser visto pelo jovem como desinteressante ou explorador.

A importância para o jovem, de pessoas que o indiquem para um emprego, favorecendo assim sua inserção no mercado de trabalho, foi constatada em outros estudos. Na pesquisa de Colbari (1995) com jovens operários, a via mais comum de acesso destes à indústria é a indicação de um parente, amigo ou vizinho. Nas 3 empresas investigadas por Corrochano (2001), 22% dos jovens operários não haviam concluído o ensino fundamental e

a maior parte deles havia ingressado na empresa por meio de uma rede de relações pessoais. Em geral, algum amigo ou parente fez a indicação, o que facilitou muito a conquista do emprego. Inegavelmente, as empresas procuram contratar trabalhadores mais escolarizados visando promover ou consolidar determinadas mudanças organizacionais. Mas existem outros critérios no momento da admissão, principalmente relacionados à “indicação”. Neste mesmo estudo, os jovens destacaram que a escolaridade pouco influía nas características de seu trabalho diário. Portanto, na medida em que o mercado exige mais experiência, para a grande maioria dos jovens a escolaridade não tem se constituído no único determinante para a inserção qualificada e ascensão profissional no mercado de trabalho.

A relevância da indicação do jovem na disputa por um emprego também foi observada por Martins (1997) em seu estudo com operários de indústrias brasileiras, cujo passado familiar dos jovens é que garante a entrada deles nas montadoras, pois os filhos e irmãos de funcionários têm prioridade no momento de fazer os cursos do SENAI e também no momento da contratação.

As ajudas recebidas pelos jovens protagonistas foram diretamente relacionadas com os problemas e dificuldades destes jovens. Assim, a ajuda financeira surgiu para amenizar a falta de recursos destes jovens, especialmente para se instrumentalizarem a fim de se inserirem no mercado de trabalho. A ajuda incentivo veio principalmente da família que apoiou os jovens na luta por seus objetivos e também em momentos difíceis como na recuperação da dependência química e na saída do tráfico de drogas. Esta ajuda também teve a participação, em alguns grupos, da namorada e dos amigos. Já a ajuda referente a emprego está relacionada às dificuldades dos jovens com estudo e/ou trabalho presente em quase todos os grupos.

A falta de recursos foi apresentada pelos jovens como o maior e mais freqüente problema, porém foi a ajuda “incentivo” e não a “financeira” que obteve a maior freqüência.

A família representa a rede social mais importante para os jovens; foi ela quem mais os ajudou através do seu incentivo e apoio.

TABELA 10: DESCRIÇÃO DA AJUDA DE OUTREM POR GRUPO E POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	AJUDA FINANCEIRA	AJUDA INCENTIVO	AJUDA EMPREGO
Cesarão (grupo I) manhã	1)Recebeu uma ajuda de 500 reais de um tio distante 2)Conheceu uma senhora que prometeu ajudá-lo todo mês com compras para a sua família		1)Conheceu um homem no sinal que chamou sua mãe para trabalhar como doméstica e o apadrinhou para que conseguisse realizar seus objetivos
Cesarão (grupo II) manhã	1)Ele tem ajuda da família e a prima o ajudou com o custo para a faculdade de administração		1)Ele trabalha como locutor na rádio FM através de um amigo
Cesarão (grupo III) tarde	1)A tia ajudou o jovem na parte financeira e ele entrou com as idéias	1)Como o jovem estava com problemas com drogas e álcool, sua tia o colocou numa clínica e ele conseguiu se recuperar 2)Seus padrinhos o ensinam a como se movimentar dentro da empresa	
Cidade de Deus (grupo I) manhã	1)A comunidade se uniu e o ajudou com dinheiro 2)Ganhou um campeonato de futebol realizado por uma emissora de TV e uma escolinha de futebol e ganhou uma ajuda de custo	1)Teve apoio dos pais	
Cidade de Deus (grupo II) tarde	1)Apoio financeiro da família para comprar o material do jogador	1)Apoio da família 2)Apoio dos amigos	
João XXIII (grupo I) manhã		1)Apoio dos amigos 2)Apoio da namorada 3)Apoio de alguns familiares e de conhecidos influentes	
João XXIII (grupo II) tarde		1)O estímulo dos amigos e parentes 2)A ajuda dos professores em relembrar todas as matérias 3)A oração e ajuda dos evangélicos para ajudá-lo	
Vargem Grande (grupo I) manhã		1)Ele recebeu ajuda dos pais e da namorada 2)Foi alertado pelo melhor amigo	

TABELA 10.1: DESCRIÇÃO DA AJUDA DE OUTREM POR GRUPO E POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	AJUDA FINANCEIRA	AJUDA INCENTIVO	AJUDA EMPREGO
Jacarezinho (grupo I) manhã	1)Conheceu um professor que viu que ele tem interesse em medicina, e decidiu ajudá-lo com um curso de enfermagem pago pelo próprio professor 2)Os parentes o ajudaram na compra dos livros	1)Curso pré-vestibular gratuito na comunidade	
Jacarezinho (grupo II) manhã		1)Recebeu o incentivo da família para largar o vício, o que era importante para seu incentivo moral	1)Foi indicado numa firma por um amigo 2)Foi promovido a um cargo melhor e só assim ele ficou melhor de vida e pôde ajudar seus filhos
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)O tio do jovem resolve pagar uma faculdade particular para Bruno	1)Apareceu uma pessoa muito especial em sua vida (namorada) que tem um diálogo com ele e o ajuda muito, e a partir desta conversa, ele trabalhou muito e conseguiu pagar as suas dívidas com a boca	1)Um tio distante morando nos EUA consegue um emprego para o jovem
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)Com o dinheiro da indenização da mãe, Maria conseguiu comprar sua casa e seus móveis	1)Conheceu uma pessoa que arrumou um lugar para ela e seus filhos ficarem	1)Conheceu uma velhinha que lhe deu emprego, casa e comida para ela e seus filhos. A jovem ficou 1 ano e meio na casa desta senhora e assim juntou dinheiro para ter sua casa própria

2.9- “Ação do poder público”: apoio na formação profissional do jovem

Na maioria das cartas relativas a ação do poder público, os jovens falaram muito sobre ações em que o governo pudesse facilitar a formação e/ou a inserção profissional: *“inscrição gratuita em concursos públicos”, “estágio em posto de saúde”, “curso gratuito de informática” “foi encaminhado para um curso de eletricidade”, “vagas nas universidades públicas para alunos da rede pública”, “o governo poderia doar bolsas de estudo nas faculdades em geral” , “abrir vagas do primeiro emprego para os jovens sem experiência” “ganhou uma bolsa para jogar numa escolinha do governo” “participou do projeto Jovem Total e se deu bem...”* (ver tabelas 11.1 e 11.2).

A escola pública é tão ineficaz que a maioria destes jovens não acredita na possibilidade de ingressarem numa universidade pública, a não ser via sistema de cotas, já que para eles a escola pública não ensina e não prepara para o vestibular. A escola é paradoxalmente a instituição valorizada por estes jovens, já que ela é reconhecida como um trajeto necessário e é desqualificada porque, a que eles têm acesso, a pública, não parece ser considerada uma escola que realmente cumpra sua função. Uma das participantes do grupo I de João XXIII parece sintetizar em sua fala o descontentamento com a escola pública:

“Lá na escola é assim: se não tem água, não tem aula; se não tem luz, não tem aula; se os professores estão em greve, não tem aula; se tem tiroteio, não tem aula; e quando tem aula eu estou tão desanimada, que eu nem vou.”

Esta desvalorização do ensino público também foi encontrada na pesquisa de Sallas (1999) com estudantes pobres de Curitiba, que revelaram que a escola pública não os prepara para o vestibular e por isso se sentem incapazes de concorrer com os jovens melhores preparados. A preocupação maior deles é como se inserir mais rapidamente no mercado de trabalho e se queixam do processo de retirada dos cursos profissionalizantes dos currículos das escolas estaduais.

No grupo III do Jacarezinho, os participantes destacaram que o jovem só consegue atingir seu objetivo de ser médico porque seu tio pagou uma faculdade particular, do contrário não conseguiria, pois não teria chances de ser aprovado no vestibular, tendo estudado em escola pública.

Na comunidade de João XXIII os jovens falaram também sobre a vontade deles de que o governo transformasse todas as escolas públicas em técnicas, o que demonstra a relação entre a escola e a expectativa profissional deles. Franch (2004) alerta que apesar de ter havido uma relativa democratização do acesso à profissionalização, os cursos que realmente têm valor de mercado continuam fora do alcance dos jovens mais pobres, sendo freqüentados por membros de uma classe média baixa. Alguns jovens pobres não conseguem sequer exercer a profissão para a qual teoricamente se habilitaram devido à baixa qualidade dos cursos profissionalizantes.

A juventude vem exigindo novos enfoques da educação profissionalizante, novos olhares sobre qualificação profissional, especialmente nas famílias mais pobres, uma vez que as mudanças no mundo do trabalho demandariam habilidades, nem sempre disponíveis aos jovens pobres como conhecimentos em informática e línguas estrangeiras, isso em um contexto de redução dos postos de trabalho para grande parte da população (CASTRO apud RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO JUVENIL, 2003).

Nos grupos II e III do Jacarezinho, a descrença com o governo é tanta, que os jovens tiveram dificuldades em visualizar ações positivas do poder público. Sendo que no último grupo, a ação do poder público foi dar uma casa para o jovem, mas em seguida uma das participantes disse que o governo não dá nada para ninguém e que sua ação foi “*..dar um tiro na cabeça dele e aí ele (o jovem) “morreu”*”. Posteriormente outro jovem disse que “*não existe o governo dar uma casa assim sem mais nem menos*”. Mas como os jovens não conseguiram pensar em mais nada que o governo pudesse proporcionar, decidiram manter

essa idéia. Estas falas demonstram que estes jovens encontram-se descrentes de possíveis ações que pudessem beneficiá-los e de certa forma submetidos pelo governo, ou seja, como se somente este tivesse o poder de mudar suas vidas, mesmo que de maneira trágica.

Se por um lado os jovens destacaram como ações do governo (no jogo) questões, que são obrigações do poder público, previstas na Constituição, cujos recursos provenientes de impostos são ou deveriam ser destinados a estes serviços (vagas nos hospitais, iluminação pública, programas sociais, programas de recuperação para dependentes químicos, programas de habitação). Por outro lado, os jovens falaram de ações extremamente clientelistas e paternalistas, que embora possam ser compreendidas devido à situação de pobreza em que se encontram, já demonstraram não solucionarem as questões referentes à melhoria efetiva da vida desta população como o programa bolsa-escola e o cheque-cidadão. Estas ações não modificam significativamente suas vidas, mas têm um forte apelo eleitoral. De forma geral, os jovens acreditam em algumas ações do poder público, principalmente, as de caráter imediato, como a inserção na universidade pública via sistema de cotas, que pode estar marcada por um simbolismo de que eles não vão precisar fazer nada para ingressarem num curso superior.

Sales (1994) afirma que a cultura política da dádiva ou cidadania concedida sobreviveu ao domínio privado das fazendas e engenhos coloniais, à abolição da escravatura, ao compromisso coronelista e chegou até nossos dias. No passado, os direitos básicos à vida, à liberdade individual, à justiça, à propriedade, ao trabalho para o homem pobre que vivia na órbita do domínio territorial eram direitos que lhe chegavam como uma dádiva do senhor de terras. Atualmente o Estado ainda pratica a chamada cultura da dádiva, isto é, as populações beneficiárias dos programas governamentais recebem os benefícios, que seriam seus direitos, como se fossem um favor, vinculando freqüentemente esse favor à figura de um ou outro intermediário dos programas.

Não podemos desconsiderar que os jovens se posicionam diante do poder público como receptores, ou seja, de forma passiva, esperando que o governo possa prover suas necessidades. Embora estas sejam garantidas por lei, isto não ocorre plenamente e os sujeitos demonstram uma passividade extrema ao esperarem que as mudanças venham apenas do poder público, por mais que se sintam abandonados e descrentes deste. Entretanto, podemos questionar se esta passividade diante do governo é apenas encontrada entre os jovens pobres, ou não seria uma característica de vários segmentos sócio-etários da sociedade brasileira.

A ação do poder público através de vagas e melhorias em faculdades, escolas, estágios, cursos, trabalhos e projetos foi encontrada em 8 grupos (Cesarão I, Cidade de Deus I e II, João XXIII I e II, e Jacarezinho I, II e III). O expressivo número de grupos que mencionaram este tipo de ação do governo parece demonstrar novamente a grande preocupação dos jovens com a inserção profissional.

A ação do poder público através de seus serviços, e referente à economia apareceu em 5 grupos (Cesarão II e III, João XXIII I, Jacarezinho II e III). Sendo que no grupo II do Cesarão, a ajuda foi por meio de um advogado público e de um deputado, o que destoou das demais ajudas desta categoria, por se tratar de ações que não cabem ao poder público. Porém, esta ajuda que o jovem recebeu mostra a importância dos conhecidos influentes (QI -“quem indica”) na nossa sociedade, no caso o deputado, onde é muito freqüente as pessoas terem suas vidas facilitadas por conhecerem “alguém importante”.

No grupo III do Cesarão o governo elabora um plano econômico que visa o desenvolvimento do país e, conseqüentemente, a empresa em que o jovem trabalha cresce e ele é promovido. No grupo I de João XXIII a ação do governo foi reduzir os preços do transporte urbano e propiciar o aumento das frotas. Os participantes deste grupo falaram muito sobre as dificuldades deles em se locomoverem, devido ao alto preço das passagens e

pela falta de transporte suficiente que atenda toda a região da comunidade, que fica localizada na periferia de Santa Cruz.

No Brasil, ao contrário dos Estados Unidos e de países europeus, nunca existiu uma tradição de políticas especificamente destinadas aos jovens além da educação formal. No entanto, só recentemente pode-se observar a preocupação de algumas prefeituras e governos estaduais em desenvolver programas destinados aos jovens (formação profissional, saúde, cultura e lazer). Tem crescido também o número de associações e ONGs que prestam atendimento a jovens em “desvantagem social”, ou seja, jovens de baixa renda, ou jovens de “risco”, isto é “meninos de rua”, jovens submetidos à exploração sexual, ou jovens consumidores ou traficantes de drogas e em atos de delinqüência. Mas, a maioria destes projetos buscam explícita ou implicitamente uma contenção do risco real ou potencial dos jovens pelo afastamento das ruas e pela ocupação deles em atividades que não promovem qualquer tipo de qualificação para o trabalho. Em grande parte das ações dirigidas aos jovens parece haver uma dificuldade de considerá-los como sujeitos, salvo raras exceções. Esta dificuldade consiste em ir além da consideração de que os jovens são um “problema social” e de considerá-los como capazes de formularem questões e de proporem ações relevantes para a solução dos problemas sociais (ABRAMO, 1997).

A ajuda financeira ou com alimentos do poder público difere em natureza da ajuda financeira de outrem (cujo agente principal foi a família), pois esta última teve como objetivo instrumentalizar o jovem para sua inserção no mercado de trabalho. Já a ajuda financeira ou com alimentos proveniente do governo não teve relação direta com a instrumentalização do jovem para a inserção profissional, embora em 2 grupos a ajuda recebida foi por meio de projetos sociais de incentivo de permanência do jovem na vida escolar em troca de uma quantia financeira mensal.

A ajuda do poder público através de vagas e melhorias em faculdades, escolas, estágios, cursos, trabalhos e projetos sociais é parecida com a ajuda financeira dada pela família do jovem, pois ambas visam auxiliá-lo nos estudos e conseqüentemente na entrada para o mercado de trabalho. No entanto, algumas destas ajudas do poder público se diferenciaram da ajuda financeira de outrem por serem função e dever exclusivos do governo, como por exemplo, a construção de escolas técnicas e a melhoria do ensino público.

TABELA 11: DESCRIÇÃO DAS AÇÕES DO PODER PÚBLICO QUE BENEFICIARAM OS JOVENS DO JOGO

COMUNIDADE	AJUDA FINANCEIRA OU COM ALIMENTOS	VAGAS E MELHORIAS EM FACULDADES, ESCOLAS, ESTÁGIOS, CURSOS, TRABALHOS E PROJETOS	AÇÕES DO GOVERNO REFERENTES À ECONOMIA, SAÚDE E DEMAIS SERVIÇOS
Cesarão (grupo I) manhã	1)O carro da FIA levou o menino, que estava vendendo balas no sinal para um abrigo, conversaram com a mãe, que teria que colocá-lo na escola em troca de uma renda familiar e uma bolsa escola todo mês	1) O menino participou do Projeto Jovem Total e se deu bem, continuou o curso e assim saiu da rua	
Cesarão (grupo II) manhã	1)Com as dificuldades de seus custos, ele teve que pegar um empréstimo no Banco do Brasil		1)Em um showmício ele teve a ajuda de um deputado, conhecendo alguns cantores 2)O advogado público o ajuda com as papeladas dos contratos dos cantores
Cesarão (grupo III) Tarde			1)Governo elabora plano econômico visando desenvolvimento do país. A empresa em que Jéferson é diretor administrativo cresce, e ele é promovido a diretor geral
Cidade de Deus (grupo I) manhã		1)Ganhou uma bolsa para jogar numa “escolinha” do governo 2)O governo organizou um campeonato nos EUA e o menino foi chamado 3)O governo fez uma “peneira”	
Cidade de Deus (grupo II) tarde	1)Ganhou cheque-cidadão 2)Ganhou bolsa-escola	1)Ganhou uma vaga em uma faculdade	
João XXIII (grupo I) manhã		1)Construção de escolas técnicas, melhoria do ensino público 2)Concursos públicos com inscrição gratuita	1)Menores preços (ônibus mais baratos e maiores frotas)
João XXIII (grupo II) tarde		1)O governo poderia doar bolsas de estudo nas faculdades em geral 2)Abrir vagas para o primeiro emprego do jovem sem experiência 3)O governo poderia transformar todas as escolas em técnicas	

TABELA 11.1: DESCRIÇÃO DAS AÇÕES DO PODER PÚBLICO QUE BENEFICIARAM OS JOVENS DO JOGO

COMUNIDADE	AJUDA FINANCEIRA OU COM ALIMENTOS	VAGAS EM FACULDADES, ESTÁGIOS, CURSOS, TRABALHOS E PROJETOS	AÇÕES DO GOVERNO REFERENTES À ECONOMIA, SAÚDE E DEMAIS SERVIÇOS
Jacarezinho (grupo I) manhã		1)Curso gratuito de informática 2)Estágio em um posto de saúde 3)Vagas nas universidades públicas para alunos da rede pública	
Jacarezinho (grupo II) manhã		1)Foi encaminhado para um curso de eletricidade	1)Programa de dependência química, onde o jovem preso com entorpecentes vai para uma clínica de reabilitação 2)O governo garantiu uma vaga no hospital
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)O governo dá uma casa		1)O governo coloca iluminação na rua do jovem
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)Uma assistente social do governo tirou a jovem da rua e a levou para um abrigo e cuidou de seus filhos	1)Começou a trabalhar na escola pública em que seus filhos estudam	

A ação do poder público também foi mencionada, embora poucas vezes, como um empecilho: no grupo I do Cesarão, a falta de policiamento na escola obrigou o jovem a abandoná-la. Esta situação é comum nas escolas do subúrbio e da periferia do Rio de Janeiro, cujo policiamento muitas vezes é escasso e as facções do tráfico de drogas que dominam a região decidem se a escola vai abrir ou não. Além disso, os alunos estão sujeitos a serem vítimas de assaltos ou de presenciarem tiroteios na entrada ou saída da escola, o que conseqüentemente favorece o jovem a abandonar a vida escolar (ver tabela 12).

No grupo III do Cesarão, as interferências do governo na economia e na cobrança de impostos prejudicaram o jovem rico, que teve sua empresa falida. No grupo IV do Jacarezinho, a jovem ficou sem casa para morar, pois sua mãe teve que cedê-la ao projeto favela-bairro, em troca da indenização. As participantes disseram que esta situação já aconteceu na comunidade delas e que isso de certa forma prejudica a população, que é obrigada a abandonar suas casas (ver tabela 12).

A avaliação do que falta para estes jovens pobres nos parece parcialmente realística tanto do ponto de vista das soluções e ajudas possíveis para estes problemas, como das necessidades reais dos sujeitos. Os jovens falam, por exemplo, das dificuldades em ingressarem numa universidade pública devido ao péssimo ensino fundamental e médio da rede pública e apontam como solução para esta questão, a abertura de cotas no ensino superior. Apesar de reclamarem do deficiente ensino público médio e fundamental, só em 2 grupos de uma mesma comunidade (João XXIII), os participantes mencionaram como ações do governo a construção de escolas técnicas e a transformação das escolas públicas em técnicas, como já dito anteriormente. E dentre estes 2 grupos, só 1 citou como ação a melhoria do ensino público. Todos os outros grupos das demais comunidades, apesar de reclamarem da precariedade do ensino público não mencionaram a melhoria deste, nem a contratação de professores ou demais ações que pudessem dar condições deles ingressarem na universidade sem necessitarem de cotas. Enfim, os jovens apontaram como necessidade e solução, a abertura de cotas nas universidades públicas para alunos da rede pública e para negros, e não a melhoria do ensino público. Este posicionamento pode indicar uma certa urgência em resolverem as dificuldades que impedem a realização de seus objetivos, ou um completo descrédito de que possam ocorrer melhorias significativas no ensino público fundamental e médio, que permitam que eles estejam preparados para buscarem alcançar seus objetivos.

Uma das ações do poder público apresentada pelos jovens do grupo III do Jacarezinho foi a realização de projetos pelo Estado que “não fizeram diferença” para a vida deles. Entretanto, é possível observarmos a presença neste discurso do descaso do poder público com o jovem, pois se um projeto do governo não provoca nenhuma mudança para o jovem ou ele não inclui este, ou foi tão mal elaborado que não conseguiu ter o mínimo de êxito.

Devemos considerar também os interesses políticos dos governos que raramente continuam os projetos sociais relacionados à juventude dos governos passados, o que conseqüentemente gera perda de importantes melhorias na vida dos jovens assistidos pelos projetos eficazes. Até mesmo as informações obtidas em pesquisas financiadas por governos antecessores sobre a população juvenil são muitas vezes descartadas pelos seus sucessores, o que também propicia gastos de recursos financeiros, de tempo e desperdício de investimento dos órgãos responsáveis pelos estudos. Ou seja, ao invés das pesquisas realizadas servirem de ferramenta para a realização de políticas públicas em prol da população, elas freqüentemente são ignoradas ou descartadas.

TABELA 12: DESCRIÇÃO DAS AÇÕES DO PODER PÚBLICO QUE PREJUDICARAM OS JOVENS DO JOGO.

COMUNIDADE	AÇÕES QUE PREJUDICARAM OS JOVENS
Cesarão (grupo I) manhã	1)Por falta de policiamento na escola, ele não pode estudar o suficiente para se tornar um oficial do Corpo de Bombeiros
Cesarão (grupo II) manhã	
Cesarão (grupo III) tarde	1)O governo intervém nas poupanças e todos os investidores têm prejuízos 2)O governo fiscalizou as empresas suspeitas de cobrança indevida sobre os seus empregados, isso resultou em um processo que levou sua empresa à falência
Cidade de Deus (grupo I) manhã	
Cidade de Deus (grupo II) tarde	
João XXIII (grupo I) manhã	
João XXIII (grupo II) tarde	
Vargem Grande (grupo I) manhã	
Jacarezinho (grupo I) manhã	
Jacarezinho (grupo II) manhã	
Jacarezinho (grupo III) tarde	1)O governo faz projetos para o Estado, mas não faz diferença na vida do jovem
Jacarezinho (grupo IV) tarde	1)Sua mãe teve que vender sua casa devido ao projeto favela-bairro, e a jovem ficou sem casa para morar

2.10- O “desfecho das histórias”: a realização ou não do sonho

Em 50% dos grupos analisados o jovem do jogo conseguiu atingir seu objetivo, isto é em 6 grupos (4 grupos do Jacarezinho, 1 da Cidade de Deus e 1 do Cesarão). Nos 2 grupos da comunidade de João XXIII os jovens não conseguiram chegar, mas os participantes demonstraram um certo otimismo ao falarem que com persistência e dedicação os protagonistas (do jogo) conseguirão.

Tanto no grupo II da Cidade de Deus, quanto no grupo I do Cesarão em que os jovens não alcançaram o ponto de chegada, os participantes demonstraram muita frustração. No primeiro, os jovens relataram que é muito comum as pessoas não realizarem o que querem, mas que o importante era que o jovem pelo menos tentou. No segundo, um dos participantes disse que ninguém consegue atingir seu objetivo, e outros disseram que sem um “QI” (“quem indica”) o jovem dificilmente conseguiria passar na prova do Corpo de Bombeiros, mas todos concordaram que o jovem teria muito o que viver, podendo ter a oportunidade de chegar lá ou não.

No grupo III do Cesarão os jovens disseram que não esperavam este resultado e que talvez tivessem colocado muitos problemas na vida do protagonista. Disseram que como esperavam que ele tivesse uma vida muito fácil por ser rico, pensaram em estar dificultando um pouco, mas não imaginaram que ele não chegaria nem na metade do tabuleiro. Segundo as dinamizadoras deste grupo, houve troca no número de cartões para cada tópico pedido e os jovens não discutiram o conteúdo dos cartões, que foram produzidos individualmente. Desta forma, todos acharam que os outros escreveriam coisas que ajudariam o personagem e optaram por colocar obstáculos. Neste grupo parece ter havido uma certa compensação por parte dos jovens, que colocaram muitas dificuldades na vida do protagonista, já que este era milionário e, portanto, deveria enfrentar muitos problemas assim como eles (jovens pobres) enfrentam ou até mais.

Apenas em 1 grupo o jovem protagonista teve como sonho sair da comunidade (grupo II do Cesarão), o que indica que apesar de todas as dificuldades encontradas em suas comunidades, como o alto índice de desemprego, a falta de escolarização adequada, a falta de iluminação pública, o transporte caro e insuficiente, os altos índices de violência e o tráfico de drogas, os jovens não demonstraram vontade de saírem de suas comunidades, mas apenas que melhorias fossem realizadas em suas vidas, que conseqüentemente demandariam melhorias na comunidade.

2.11- As “trajetórias das histórias”: especificidades dos projetos dos jovens de cada comunidade

Jacarezinho

No grupo I da comunidade do Jacarezinho, o jovem consegue realizar seu objetivo, através de cursos gratuitos, da ajuda da família, do seu empenho nos estudos e do sistema de cotas para alunos da rede pública, se formando em Medicina numa universidade pública. O jovem sofre preconceito na universidade, se envolve numa causa coletiva e consegue que 50% das vagas na universidade pública sejam destinadas para alunos negros e pardos, e consegue também contribuir para o fim da greve dos professores. Os participantes sugeriram que o jovem deveria fazer um “festão” para comemorar a formatura. Eles disseram que a história do jovem mostrava que mesmo as pessoas enfrentando dificuldades, podem realizar seus sonhos. No entanto, disseram que acreditam ser muito difícil uma história desta acontecer realmente, embora não seja impossível. Dois dos participantes se identificaram muito com a história do jovem, pois também desejam entrar na faculdade e sabem como este sonho é difícil de ser realizado. Um deles terminou a atividade dizendo:

“Às vezes dá até vontade de desistir, mas mesmo assim a gente tem que persistir, porque senão ninguém vai fazer pela gente”.

No grupo II, o jovem do jogo era morador da Barra da Tijuca e a princípio seria rico, mas depois o grupo resolveu que ele seria pobre. O jovem era viciado em maconha e foi preso na boca do Jacaré porque comprava droga em grande quantidade e revendia. Ele recebeu o incentivo da família para largar o vício, o apoio do governo através de uma clínica de reabilitação para dependentes e um curso de eletricidade. Os participantes disseram primeiramente que o governo daria junto com o curso, um trabalho ou dinheiro para o jovem, mas após os dinamizadores perguntarem se isso era compatível com a realidade deles, eles mudaram de idéia. O jovem procurou emprego, não conseguiu, mas continuou tentando. Esta ação do jovem de ficar tentando foi muito valorizada pelo grupo e só ratifica o discurso da persistência, do “*correr atrás*”, visto em todos os grupos. O jovem ficou doente (pneumonia), e o governo “garantiu” uma vaga para ele no hospital. Mas devido às brigas com a família, o jovem acaba virando mendigo. Observamos a facilidade com que este jovem passa de um extremo ao outro, ele começa sua trajetória como viciado e preso, faz um curso, recebe apoio da família, começa a se reerguer e repentinamente briga com a família e vira mendigo, para depois “*cair na realidade, procurar sua família e procurar um emprego*”. Foi preciso que o jovem fosse viver na sarjeta, para transformar completamente a sua vida. Ele teve a indicação de um amigo para um emprego, conseguiu este, foi promovido, melhorou de vida e pôde ajudar seus filhos. Para os participantes, o momento mais importante da vida do jovem foi quando ele “*caiu na realidade*”, o que permitiu sua mudança de postura, que segundo eles, facilitou também a possibilidade de alguém querer ajudá-lo. Os jovens consideraram muito difícil definir quais seriam as ações do poder público, pois para eles, este não ajuda em nada.

No grupo III do Jacarezinho, o jovem também tem envolvimento com o tráfico, mas ao contrário do anterior, seu sonho é ser médico. Ele vende droga também na boca do Jacaré e quer sair, mas não pode porque sua dívida de droga com o chefe da boca é muito grande.

No esquema de extorsão praticado por traficantes e policiais, os jovens que começam como usuários de drogas, são levados a roubar, assaltar e até a matar para pagar os que o ameaçam de morte. Os pobres são as principais vítimas dessa onda de criminalidade violenta, seja pela ação da polícia, ou dos próprios delinquentes, pois não têm os recursos políticos e econômicos que lhes garantam o acesso à Justiça e à segurança (ZALUAR, 2003).

A família deste jovem representa um problema, à medida em que sua mãe “*fica chamando-o de vagabundo*” e as dívidas da família aumentam cada vez mais. Por outro lado, o jovem tem um tio distante que o ajudou em 2 momentos do seu percurso. A partir de uma conversa com a namorada, o jovem trabalhou muito e conseguiu pagar suas dívidas com a boca. Seu tio distante, que mora nos Estados Unidos da América, consegue um emprego para o jovem e paga uma faculdade particular para ele, pois apesar de ter tido “*força de vontade para subir na vida*”, ter feito cursinho pré-vestibular e ter estudado muito, ele não conseguiu passar no vestibular. Como ações do governo, o jovem recebeu uma casa, além de projetos que não fizeram diferença em sua vida. Neste grupo, além da dificuldade dos jovens pensarem ações possíveis do poder público, eles demonstraram muita descrença no governo.

Três jovens defenderam o tráfico, disseram que os traficantes é que deveriam ser o governo e que o tráfico no jogo era um problema apenas porque o jovem queria sair, pois tinha outro objetivo e tinha dívidas com a boca. Elas disseram também que para muitas pessoas, o tráfico é uma solução e que os traficantes as ajudavam muito mais que qualquer governante. Uma das jovens disse ainda, que ela e sua mãe já fizeram serviços para o “movimento” (tráfico) no passado, em um momento em que precisavam muito do dinheiro, e isso as ajudou.

De acordo com o estudo de Alvito (2003) na favela de Acari, o número de pessoas envolvidas no tráfico de drogas em cada localidade é inferior a 1% do número total de moradores, mas este negócio milionário tem impacto econômico direto ou indireto em todos

os moradores, já que os traficantes negociam e alugam imóveis, compram no comércio local e ajudam familiares e amigos. Além disso, os viciados que entram na comunidade para comprarem drogas, quase sempre consomem em bares, biroskas e ambulantes.

Desta forma, para alguns moradores da comunidade a importância econômica do tráfico para a localidade, camufla sua ilegalidade e periculosidade. A necessidade de sobrevivência parece amenizar para alguns moradores e para os trabalhadores do tráfico os erros que estes cometem por estarem inseridos num sistema cruel e perverso. No entanto, concordamos com Vieira (2004), quando afirma que o tráfico e o roubo podem ser para os jovens pobres formas de satisfazer não só as necessidades econômicas, mas também as necessidades de euforia, de êxtase e de ultrapassagem de limites. Além disso, o roubo e o tráfico inserem os jovens pobres em outros planos que credenciam sua sobrevivência, eles passam a pertencer a uma organização, ainda que criminosa, ou seja, eles se incluem em algo nesse mundo de exclusão. Eles adquirem uma função, uma possibilidade de demonstrarem sua competência na vida e traçam uma trajetória, embora curta.

Segundo Minayo et al. (1999), no Rio de Janeiro o crime organizado se institucionalizou, espalhando o medo e também abrindo perspectivas de trabalho e ascensão social para muitos jovens, para quem as políticas públicas têm apresentado escassas alternativas. O narcotráfico é ao mesmo tempo responsável pelo aumento das estatísticas de homicídio e uma verdadeira resposta social, o que produz mais ambigüidade na sua relação com as comunidades onde se reproduz:

“Na ilegalidade, busca saciar sonhos de uma população que de outra forma não os realizaria, numa época histórica em que o deus mais adorado é o “mercado de consumo””.

(MINAYO, 1999: 161)

O grupo concluiu que o jovem só conseguiu realizar o seu objetivo de ser médico porque seu tio pagou a faculdade particular, do contrário ele não conseguiria passar no vestibular para a faculdade pública.

A comunidade do Jacarezinho, que é uma das maiores favelas do Rio de Janeiro com cerca de 150 mil habitantes de acordo com Leeds (2003), foi a única das 5 analisadas em que os protagonistas das histórias (grupo II e III) tiveram envolvimento com o tráfico, parece que a presença deste é intensa, marcante e muitas vezes seu poder se revelou sedutor para alguns jovens. Entretanto, curiosamente, foi apenas nesta comunidade em que todos os protagonistas conseguiram atingir seus objetivos.

No grupo IV do Jacarezinho, cuja protagonista da história é uma jovem, apesar de todos os problemas enfrentados, como não ter moradia, nem emprego e ter filhos para criar, ela consegue realizar todos os seus objetivos através de uma solução rápida, que vem por meio de um outro, ou seja, seu patrão se apaixona por ela e a “assume” com seus filhos. Vale ressaltar que a única figura feminina de toda a análise é também mãe solteira, sendo que seu primeiro filho foi fruto de um estupro, quando a jovem tinha apenas 15 anos. Aos 17 anos ela arrumou um namorado que lhe “deixou 2 filhos” e os abandonou. A jovem da história parece estar completamente submetida aos homens, seja aquele que a violenta, aquele que a abandona, ou aquele que veio para dar um sentido, uma perspectiva para sua vida. Além disso, sua ascensão profissional pareceu rápida e irreal, já que de doméstica, ela passou a trabalhar numa escola pública como ajudante de cozinha, e depois como secretária de uma grande empresa sem ter estudado durante o período de 3 anos, que também é muito curto para tantas mudanças. Esta mudança profissional repentina pode ser compreendida pela insatisfação das jovens participantes com o trabalho da jovem do jogo. Uma delas queria que a jovem se tornasse uma advogada, mas sua proposta foi recusada pelo grupo, que concluiu que seria impossível ela ter estudado Direito, morando na rua e passando por tantas

dificuldades. A última carta sorteada do jogo foi um problema, e as participantes discutiram que a jovem poderia encontrar um problema e superá-lo, atingindo desta forma, seu objetivo. Este fato demonstra a grande vontade das participantes de que a jovem atingisse o ponto de chegada, e assim realizasse o seu sonho. A jovem então perdeu o emprego na escola, mas comprou sua casa; conseguiu novo emprego como secretária; ficou com o patrão, que se apaixonou por ela e a “assumiu” com seus filhos, colocando-os numa escola particular. As jovens disseram que a protagonista teve uma vida difícil, mas que conseguiu ficar bem no final, pois apesar de todos os obstáculos encontrados, ela teve “*força de vontade*” para modificar sua história.

João XXIII

Nos 2 grupos de João XXIII, o jovem era estudante, sendo que no grupo I ele era morador da própria comunidade, e no II ele era morador de Nova Sepetiba. O sonho do jovem do grupo I era ser policial militar, e no grupo II o objetivo do jovem era ser um empresário (dono de uma fábrica de picolé). No grupo I, o estudo e apoio da família do jovem foram considerados extremamente relevantes para a conquista do sonho. As ajudas recebidas pelo jovem também foram descritas pelo grupo, em sua maioria, superficialmente. Tanto no grupo I quanto no grupo II, os jovens destacaram como ações do poder público a construção de escolas técnicas, sendo que no primeiro ressaltaram também a melhoria do ensino público.

Os protagonistas dos 2 grupos não alcançaram o ponto de chegada, mas os participantes disseram que com esforço e persistência os jovens realizarão seus objetivos. Apesar dos 2 grupos terem demonstrado um certo otimismo, foi no primeiro que houve maior empolgação com a tarefa e maior otimismo em relação ao jovem. No entanto, precisamos considerar que este posicionamento dos 2 grupos pode ter sido motivado pelo questionamento das dinamizadoras sobre a possibilidade ou não dos jovens atingirem seus objetivos no futuro, ainda que no jogo o objetivo não tenha sido atingido.

Vargem Grande

No grupo de Vargem Grande o jovem conseguiu realizar seu objetivo de ser engenheiro naval, mas em seguida perdeu o emprego, as cartas acabaram e ele não conseguiu atingir o ponto de chegada. No entanto, as participantes não demonstraram estarem frustradas, pois afirmaram que este final era mais realista, já que é difícil abandonar as drogas, sendo necessário muita força de vontade e apoio dos outros. E que mesmo depois do jovem ter se endireitado, ou seja, “saído das drogas”, nada na vida é tão fácil. Disseram também que é preciso muito esforço porque na vida existem muitas dificuldades, falaram da falta de investimento do governo nos jovens, tanto para estudar, quanto para arrumar o primeiro emprego, e que se sentiam prejudicadas pela baixa qualidade do ensino público. Há também neste grupo, a preponderância do gênero masculino, já que apesar de ser constituído apenas por jovens do sexo feminino, o personagem do jogo é do sexo masculino.

Cidade de Deus

Nos grupos da Cidade de Deus, os jovens dos jogos eram moradores da comunidade e tinham o mesmo sonho: ser jogador de futebol. No entanto, só o jovem do grupo I conseguiu atingir o seu objetivo. No grupo II as ajudas e os problemas foram descritos pelos jovens de forma inespecífica. Nos 2 grupos o jovem não tinha recursos para o transporte. Esta dificuldade é muito vivenciada pela população de baixa renda, principalmente por aqueles que residem na periferia e geralmente dependem de mais de uma condução para estudarem e/ou trabalharem, o que encarece significativamente o orçamento. O jovem do grupo II não atingiu seu objetivo e todos os participantes ficaram muito frustrados e disseram que “*nem sempre as pessoas chegam onde querem*”. Esta fala contrariou o discurso do “querer é poder”, frequentemente utilizado pela mídia para justificar o sucesso de alguns e o fracasso da grande maioria da população na luta pela ascensão social e econômica. Pensaram num outro final para o jovem: mecânico ou camelô.

Cesarão

Nos 3 grupos da comunidade, o ponto de partida do jovem variou; no grupo I ele tinha apenas 6 anos e era vendedor de balas; no grupo II o jovem era estudante e morador da comunidade e tinha 18 anos; no grupo III o jovem era milionário e tinha apenas 9 meses de idade no ponto de partida. Em relação ao ponto de chegada, os grupos II e III foram semelhantes pois nos 2, os jovens queriam ser empresários, sendo que no grupo II o sonho do protagonista era ser empresário de cantores sertanejos, e no grupo I o jovem queria ser oficial do Corpo de Bombeiros. O jovem do grupo I foi o protagonista desta comunidade que mais sofreu com a falta de recursos, principalmente devido ao desemprego dos parentes. Este jovem, além da responsabilidade pelo sustento familiar, ainda teve que conviver com os conflitos de ter um pai alcoólatra e agressor.

Apenas o jovem do grupo II conseguiu atingir seu objetivo: ser empresário de cantores sertanejos. E quando o jovem chegou no ponto de chegada, os participantes vibraram. O sonho do jovem também era formar uma família e morar em Copacabana, marcando seu desejo de sair da comunidade. O jovem fez curso profissionalizante, estudou, participou da comunidade como agente social, teve ajuda de uma prima com o custo da faculdade de administração e teve indicação de um amigo para um emprego. Ele ainda encontrou obstáculos com o tráfico, que o impediu de realizar seu trabalho; sua mãe ficou doente e ele teve que pagar o tratamento; o jovem foi obrigado a esquecer seu sonho profissional pois queria casar e *“arrumar uma casa e a festa de casamento”*.

O jovem do grupo I chegou no final do jogo com 12 anos, e não conseguiu atingir o ponto de chegada. No entanto, o grupo avaliou que o jovem vendendo balas sempre procurou o bom caminho para lidar com os problemas e não *“entrou para a vida errada”*. Os jovens ficaram decepcionados com o resultado do jogo e disseram que ele teria que ter alguém do Corpo de Bombeiros para colocá-lo lá, do contrário, dificilmente conseguiria passar. Todos

concordaram que apesar do resultado, o jovem ainda teria muito tempo para viver, tendo a oportunidade de chegar lá ou não e que o jovem refletiu bem a realidade enfrentada na vida.

No grupo III, o jovem também não realizou seu sonho, mas este foi o único grupo de todos os 12 analisados em que houve a aprendizagem de modelos, pois o jovem tinha os pais e os padrinhos como referências e modelos para se guiar profissionalmente. Entretanto, mesmo com toda a ajuda, o jovem se envolveu com álcool e drogas, gastou seu dinheiro com coisas que não tinha necessidade e conseqüentemente não concretizou seu objetivo. Podemos constatar que para os jovens, não basta o sujeito ter referências, ter apoio e as condições para concretizar seus objetivos; é preciso que ele realize deslocamentos subjetivos através de sua ação, de sua participação em prol destes objetivos, do contrário, ele se deixa levar por sua “*mente fraca*”, como nos disse alguns jovens, e não consegue alcançar o ponto de chegada.

2.12- “As trajetórias dos grupos”: tensões e contradições na realização do objetivo

A avaliação que os jovens participantes da dinâmica fizeram do seu presente, projetada no jovem do jogo, diz respeito a questões concretas de sobrevivência, como o desemprego e a falta de recursos para alimentação, saúde e moradia.

Em alguns grupos, as soluções para os problemas parecem apontar uma certa dificuldade dos jovens em questão solucionarem seus impasses de forma realística e a uma certa impotência. Como no aparecimento de um parente distante que oferece emprego ou ajuda financeira, um desconhecido que resolve “apadrinhar” o jovem e o patrão que se apaixona pela secretária e resolve “assumir ela e seus filhos”, colocando estes em colégio particular. A impotência destes jovens em solucionarem seus problemas a fim de realizarem seus objetivos pode ser observada também através da importância dada ao “*QI*” (conhecidos influentes que indicam o sujeito para um emprego). Muitos jovens destacaram que sem “*QI*” não podem alcançar seus objetivos. Acreditamos que esta impotência não seja apenas dos

jovens pobres, mas que ela também possa estar presente em outros segmentos sociais com a mesma faixa etária, devido às incertezas da contemporaneidade, onde a instrumentalização não garante a inserção do sujeito no mercado de trabalho.

O discurso da participação dos jovens como ter determinação, força de vontade e não ter a “mente fraca” parece não se sustentar, já que eles atribuem muito valor a este esforço individual, como se a conquista dos seus objetivos dependesse quase que completamente disto, mas ao relacionarmos este discurso da participação com a ajuda de outrem e a ação do poder público, podemos observar que eles necessitam de muitos fatores externos para conseguirem realizar seus objetivos. As histórias mostram que os sujeitos precisam de ajuda, contradizendo a determinação e o controle almejado por eles. O discurso da determinação se aproxima do discurso politicamente correto que os coloca como sujeitos detentores do controle, do esforço e não como objetificados pelas condições adversas de suas vidas.

Apesar do objetivo dos jovens ser a realização da profissão ou trabalho e eles demonstrarem estar conscientes que esta realização depende da escolarização, muitos admitem não estudar e outros nem estão na escola. Além da falta de recursos materiais, estes jovens parecem ter poucas, ou em alguns casos, nenhuma referência profissional próxima, o que faz com que eles muitas vezes desconheçam características necessárias para a realização dos seus objetivos enquanto profissão. Como no caso do grupo III do Jacarezinho, onde o jovem do jogo tinha como sonho ser médico e o grupo concluiu num primeiro momento que em 2 anos ele estaria formado. A falta de referências para estes jovens é tão evidente que apenas um protagonista demonstrou ter alguma referência, um modelo que o auxilia na busca por seu objetivo: *“Esse jovem gosta muito de observar seus pais trabalhando para aprender e se tornar um grande empresário”*.

Castro (2004: 105) destaca que a dificuldade de muitos jovens que nascem e vivem na periferia da cidade do Rio de Janeiro não é apenas de superar a distância física que os afasta

dos processos de inclusão no circuito de bens e serviços da cidade, mas também a distância social e cultural. Agrilhoados ao lugar destituído de oportunidades, os jovens permanecem encurralados na posição de subalternidade que lhes é atribuído, e desempoderam-se da luta necessária para mudar o status quo e ultrapassar as distâncias aos circuitos de inclusão que lhes são impostas.

Este discurso dos jovens que enfatiza a necessidade de estudarem, de terem “força de vontade”, para no futuro realizarem seus objetivos, parece não ser capaz de alavancar o sujeito, além de estar praticamente desconectado com o presente, pois para a maioria deles parece não haver relação entre o que eles estão fazendo hoje com o que querem ser amanhã. Eles verbalizaram seu sonho de futuro, mas não relacionaram sua vida presente com ele e, muitas vezes, não souberam dizer nem que ações deveriam realizar no presente para que o futuro desejado fosse concretizado.

De acordo com Castro (2004: 106) entre o sonho dos jovens pobres, que parece desconectado da realidade, e a visão do que são capazes, existe um abismo que poderia ser contornado, se pequenas distâncias pudessem ser gradualmente superadas, capacitando-os jovens paulatinamente a vencerem longas distâncias e sedimentar um sentido de eu mais realista.

Percebemos que para muitos destes jovens, a construção dos passos e dos procedimentos entre o visível de hoje e o desconhecido de amanhã, parece ser muito precária, o que pode ser explicado pela falta de modelos de identificação e de contextos institucionais que amparem estes sujeitos. O discurso deles parece estar marcado pela contradição, pois ora falam da adversidade, ora da potência de chegar.

A importância de refletir sobre o tempo futuro na dinâmica analisada é possibilitar um espaço para que os jovens falem do seu tempo presente, de suas dificuldades, do seu cotidiano e possam relacioná-lo com seu sonho, ou seja, com aquilo que eles desejam ser no futuro.

Para que o tempo presente possa ser uma preparação para o tempo futuro e não como nos diz Bezerra (2000) um presente continuado que não se pergunta sobre o seu futuro. Nesta reflexão sobre o tempo presente proporcionada pela dinâmica, observamos que a família parece representar para os jovens pobres a principal rede de sociabilidade, um porto seguro onde podem se apoiar, serem incentivados, inclusive serem ajudados financeiramente; mas também pode ser fonte de brigas, desentendimentos, que podem desestabilizá-los na conquista de seus objetivos referentes à inserção profissional e à constituição de uma nova família. A família do jovem pobre pode ser também um “peso” financeiro, quando ele tem a obrigação de ajudá-la no seu sustento ou sustentá-la completamente.

Capítulo III

As redes de sociabilidade do jovem pobre na busca pela concretização de seu projeto de vida.

3.1- Família: a principal rede de sociabilidade do jovem

Entre as redes de sociabilidade dos jovens pobres das 5 comunidades aqui analisadas, a principal delas é a família. Foi a família que socorreu o jovem num momento difícil como o de largar o vício das drogas; foi ela que o ajudou financeiramente para conseguir fazer um curso e foi ela que muitas vezes o incentivou. A família representou para a maioria dos jovens protagonistas, a instituição de apoio e de sustentação psicológica. Porém, ela também significou um obstáculo, quando o jovem era o responsável pelo sustento dela, quando ela não o incentivou e quando o relacionamento familiar foi marcado por muitas brigas e desentendimentos.

A importância da família para os jovens pode ser observada não só através da necessidade do apoio de sua família de origem (pais, irmãos, tios...), mas também por meio da vontade que muitos têm de formarem uma família (grupo II do Cesarão e grupo II de João XXIII) ou de permitirem uma vida melhor para a sua família já constituída (nos grupos II e IV da comunidade do Jacarezinho, os jovens já tinham filhos). Nestes 2 grupos os objetivos dos jovens foram conseguir um trabalho para garantir uma boa educação (grupo IV) e um “futuro” para seus filhos (grupo II).

A relevância da família para o jovem já foi observada em diversos estudos. De acordo com a pesquisa com jovens de diferentes estratos sociais de Curitiba organizada por Sallas (1999), a maioria dos jovens afirma confiar mais na família do que em qualquer outra instituição existente na nossa sociedade, e é a família que exerce maior influência na formação deles.

Para Colbari (1995), o que reforça a família como espaço privilegiado da experiência, da sociabilidade, e da elaboração da identidade é o contingente expressivo da população de nossa sociedade que vivencia a insegurança, a instabilidade e a ilegitimidade. Neste caso, a família tem para muitos jovens a função de acolhimento, de apoio, de incentivo, para que estes possam enfrentar as dificuldades do seu cotidiano.

Entretanto, devido à condição de carência de recursos da família pobre, que vive constantemente o drama do desemprego e de precárias condições de subsistência, o cotidiano do jovem pobre pode ser marcado por muito trabalho, sacrifícios e privações em prol da sua família. Muitos autores já observaram que os filhos das classes populares estão ligados à família pelo sentido da obrigação. De acordo com o estudo sobre jovens pobres do Rio de Janeiro de Heilborn (1997), as mulheres retribuem com o trabalho doméstico, enquanto os homens trazem dinheiro para casa. Essa ligação com a família de origem pode afetar o projeto de formação da própria família, tanto positivamente, quando a família acolhe e ajuda um novo casal, quanto retardando a formação de um novo núcleo. Muitas vezes o projeto do jovem de constituir sua própria família não é uma decisão apenas do casal, já que depende de arranjos entre grupos familiares, pois em algumas famílias os jovens são os únicos responsáveis pelo sustento do grupo doméstico (FRANCH, 2004). Assim, a família pode ser para o jovem pobre tanto o porto seguro, ou seja, um apoio com que o jovem pode contar, como ser um “peso” financeiro ou ser motivo de atraso na realização de seus sonhos.

Segundo Mello (1995) quando o tema do estudo são as famílias, os instrumentos de análise devem ser criados a partir da pesquisa. No entanto, se partirmos para uma grande generalização, no caso das famílias das camadas populares urbanas brasileiras, temos que abandonar conceitos e preconceitos, ampliando nossas idéias tradicionais de família, já que esta pode significar: a família nuclear própria; a família composta por várias famílias nucleares que habitam juntas; a família que inclui parentes de parentes e compadres sem laços

consangüíneos e os aglomerados que moram perto uns dos outros e se mantêm unidos. Em certos casos, esses aglomerados constituem o resultado das construções dos filhos em torno da casa dos pais. As camadas mais pobres da população urbana não padecem de uma desorganização familiar acentuada, já que esta pressupõe uma família organizada e sem conflitos, o que não corresponde à realidade. O que há não é uma falta de organização familiar, mas sim um polimorfismo familiar.

De acordo com Bilac (1995) as análises das famílias populares são compostas geralmente por estudos empíricos, que se referem mais ao universo empírico estudado do que à discussão teórica sobre as classes sociais. Mas, apesar da diversidade de categorias empíricas estudadas, estas permitem uma certa generalização. Assim, a família popular é inicialmente nuclear podendo vir a ser ampliada por abrigar parentes ascendentes ou descendentes; se baseia na articulação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, podendo recorrer ao trabalho feminino remunerado e ao de crianças e jovens, embora busque prolongar a escolarização dos filhos. Nestas famílias, o fluxo de riqueza não corresponde ao modelo tradicional, no qual os filhos são os receptores dos investimentos materiais, emocionais e simbólicos dos pais. Este fluxo parece ser, antes, circular (pais p/ filhos p/ pais), pelo menos em relação aos investimentos materiais, com exceção do status paterno. Nesse caso, Bilac (op. cit.), baseada no trabalho de Zaluar (1985), revela que nenhum outro status familiar parece estar vinculado claramente aos papéis de “doadores” ou “receptores” em todas as fases do ciclo de vida doméstico.

A figura paterna parece ser para os jovens tão escassa e precária que apenas em um dos grupos (grupo I do Cesarão) ela foi mencionada, embora de forma negativa. Neste caso, o pai estava desempregado, era alcoólatra, espancava os filhos e acabou abandonando-os. Entretanto, os jovens situam como ponto de chegada a figura masculina e provedora, isto significa que embora muitos não tenham o pai como provedor e referência familiar, a figura

paterna protetora e provedora ainda está marcada culturalmente e psiquicamente no ideal de vida destes jovens.

As famílias pobres chefiadas por mulheres não representam o exercício de um modelo alternativo de relações familiares, mas sim a impossibilidade de realização do modelo preferencial: mãe em casa, pai no trabalho, criança na escola. As sucessivas uniões destas mulheres representam, acima de tudo, os esforços para manter a figura do provedor em casa, mesmo não sendo este o pai biológico de toda a prole. Esta sucessão continuada de provedores demonstra os limites objetivos ao exercício deste papel, que pode ser inviabilizado pelo desemprego, pelo alcoolismo, pelas doenças ou pelas migrações. Porém, esta impossibilidade da existência de um provedor estável não acaba com o grupo familiar, pois este é apoiado na relação mãe-filho (BILAC, 1995). É o caso da única jovem protagonista de toda a análise que apesar de criar os filhos sozinha, consegue que seu padrão se apaixone por ela, e “assuma ela e seus filhos”, provendo os estudos destes numa escola particular.

Para Sarti (1995) a família pobre urbana é estruturada como um grupo hierárquico, seguindo um padrão de autoridade patriarcal, onde há a precedência do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos. O homem é o provedor e chefe da família; já a mulher é a dona-de-casa e a chefe, é quem organiza a casa. A autoridade doméstica da mulher é baseada no seu papel de gênero, de mãe e dona-de-casa, e está relacionada à forte valorização simbólica da figura da mãe, uma vez que a mulher para ser reconhecida precisa ser mãe, senão será apenas potencialidade, algo incompleto.

Esta valorização simbólica da figura de mãe e cuidadora aliada à falta de oportunidades e perspectivas profissionais para as jovens pobres parece explicar em parte, o alto índice de gravidez neste segmento. Para estas jovens, a maternidade pode ser a única forma de serem reconhecidas socialmente, o que pode explicar também o surgimento de

apenas uma jovem como protagonista, sendo esta mãe solteira de vários filhos e desempregada.

A mulher é quem detém o controle do dinheiro, que é uma atribuição de seu papel de dona-de-casa. A casa é identificada com a mulher e a família com o homem. No entanto, a maior autoridade é conferida ao “chefe da família”, em relação à “chefe da casa”, assim como ocorre a precedência do homem sobre a mulher, e da família sobre a casa. Esta estrutura hierárquica que é a família, tem relações de direitos e deveres recíprocos. Portanto, nos casos de mães solteiras ou separadas, embora suas unidades domésticas sejam matrifocais, não necessariamente se altera o padrão de autoridade da figura masculina, que pode ser transferida para um parente consanguíneo, pai, irmão ou filho. Mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora dos recursos econômicos da família, a identificação do homem com a figura da autoridade não necessariamente se altera em todas as suas dimensões, embora ocorram mudanças importantes nas relações de autoridade nestes casos. A autoridade masculina é abalada se o homem não cumpre suas funções de provedor da família, garantindo o teto e o alimento desta. O homem que perde sua função de provedor, perde com ela a autoridade e abala a base do respeito que seus familiares têm com ele. Esta perda da figura masculina de autoridade é buscada pela família através da substituição com outros homens da rede familiar. Essa substituição também pode ocorrer nos casos de separação conjugal e de novos casamentos, em que o marido não necessariamente ocupa o lugar masculino em relação aos filhos de sua mulher:

“Os freqüentes casos de separação e a freqüente ocorrência de gravidez entre as adolescentes leva a uma divisão dos papéis masculinos e femininos entre diversos homens e mulheres na rede familiar, deixando de se concentrar no núcleo conjugal”. (SARTI, 1995: 138-139)

Quando os filhos não são do mesmo pai e da mesma mãe, a rede de obrigações e deveres entre pais e filhos no núcleo conjugal se modifica e se amplia para fora deste núcleo. Os papéis femininos, quando não são exercidos pela mãe-esposa-dona-de-casa, também são transferidos para outras mulheres da família. As separações conjugais e a incorporação no núcleo conjugal dos filhos da filha solteira abalam a divisão tradicional dos papéis e rompem a reciprocidade no nível conjugal, mas reafirmam os vínculos (implicando solidariedade e conflito) com a rede familiar mais ampla. Isso reforça a ambigüidade da estrutura das relações familiares, que são movidas entre a reciprocidade e a autonomia (SARTI, 1995).

Carvalho (1995) afirma que com a inserção da mulher no trabalho cada vez mais significativa e com a entrada precoce do adolescente neste para reforçar a renda familiar, as relações de poder intrafamiliares também se alteraram. Para a maioria das famílias pobres, o trabalho é informal, sem vínculo empregatício, descontínuo e financeiramente insuficiente.

Através do relato dos jovens na dinâmica analisada vimos o quanto o trabalho e a profissão estão relacionados com a manutenção ou constituição da família. Muitos autores também afirmam que a família é a causa do trabalho, ou seja, é pela família que o sujeito trabalha; ela é a razão de ser do seu esforço e dedicação ao trabalho. De acordo com o trabalho de Zaluar (1985) na Cidade de Deus, não é uma ética do trabalho que leva os membros da família a aceitarem a disciplina do trabalho, mas uma ética de provedor. É desta forma que o trabalhador pode alcançar a redenção moral, ou seja, a dignidade pessoal. A categoria trabalhador é usada, também, para se opor à de bandido, à de bêbado, e indica o valor moral superior da pessoa assim referida. O trabalhador respeitável é, portanto, membro de uma família e contribui para sobrevivência desta. E é essa obrigação com os demais membros da família, sobretudo quando ele é o provedor principal, que faz o trabalhador considerar como positivo o trabalho, e que o faz ter respeito por si próprio e pelos outros.

Colbari (1995) também afirma a partir de sua pesquisa com operários brasileiros, que a família é a fonte geradora de motivação para o trabalho, pois é ela que está em primeiro lugar e é a razão principal do esforço, do sacrifício e da determinação em “vencer na vida”. A necessidade de recursos para assegurar e ampliar os padrões de consumo familiar é a mola que impulsiona a adesão ao trabalho. A família é a principal referência na articulação dos elementos que estruturam o discurso legitimador do trabalho no Brasil; ela é o núcleo básico de motivação para o trabalho, mas este é a condição para a vida familiar.

Para os trabalhadores pobres, o valor dado ao trabalho situa-se em prover a família. Esse sentido de trabalhar para a família contribui para a valorização do trabalho doméstico pela mulher e lhe dá o sentido necessário para sua identificação com essa atividade, como contrapartida da atividade masculina de provedor. Este sentido atribuído ao trabalho, a partir de uma referência à família, não é característico apenas dos pobres, mas constitui um traço de toda a formação cultural brasileira. O valor do trabalho nas famílias pobres está associado ao destino de seus rendimentos. O “bom trabalhador” é o bom provedor e não o bom profissional. Para as mulheres o importante é que o marido traga o dinheiro para casa, e o “bom marido” é sempre aquele que “trabalha, não joga, e não bebe” porque essas atividades significam desvio do dinheiro, rompendo os preceitos de sua obrigação moral de provedor. Essa condenação se relativiza se ele bebe e joga, mas traz dinheiro para casa (SARTI, 1995).

Sarti (op. cit.) acredita que embora o ethos masculino influencie as relações do homem com o trabalho, tal como demonstrou Zaluar (1985), por mais secundário que seja o lugar simbólico do trabalho remunerado da mulher na família conjugal, ela freqüentemente trabalha, ainda que intermitentemente, dividindo com os filhos as entradas e saídas do mercado de trabalho, de acordo com as necessidades da família.

Segundo Abramo (2005), a partir da pesquisa Retratos da Juventude Brasileira, que entrevistou jovens de todo o país e de diversas classes sociais, a família é a instituição em que

os jovens mais confiam, sendo a figura da mãe fundamental. No entanto, Sposito (2005) revela sobre a mesma pesquisa, que os resultados apontam que a importância da família ocorre em sentido inverso à renda, ou seja, os jovens mais pobres atribuem à família uma relevância maior do que os jovens com renda mais alta. Para esses últimos, a escola também tende a aparecer mais fortemente do que para os jovens com renda baixa. A importância destinada à família pelos jovens mais pobres, na visão de Sposito (op. cit.), se deve à estabilidade e aos mecanismos de sobrevivência mais estáveis proporcionados pelas trocas afetivas e simbólicas do meio familiar, que permitem que os jovens pobres possam sobreviver diante da ausência da ação pública e do retraimento de seus direitos.

A família, portanto, se constitui para os jovens pobres como a rede de sociabilidade mais próxima e atuante, já que as demais instituições como a escola e o governo realizam, em geral, um papel muito precário e ineficaz. Muitos problemas familiares citados pelos jovens pobres estão diretamente relacionados com a falta de recursos desta classe social, que vivencia muitas privações. A falta de recursos frequentemente desestabiliza a estrutura familiar: o desemprego dos pais, que obriga o jovem a sustentar sua família e a abandonar o seu estudo ou adiar seus sonhos profissionais, cria em geral, muitas insatisfações e problemas na própria dinâmica familiar. Mas, apesar de todas as privações e dificuldades, a família representou para os jovens do presente estudo, a instituição mais presente e mais relevante de suas vidas; foi ela quem mais o ajudou, seja financeiramente, seja por meio de incentivo. A única forma de ajuda em que a família não esteve predominantemente presente foi a ajuda por meio de indicação ou oferta de emprego, que pode ser explicada pela própria falta de contatos, de referências institucionais e profissionais da família.

3.2- Trabalho Juvenil: A disputa pela inserção e reconhecimento do jovem pobre no mercado de trabalho

Em todos os grupos de todas as comunidades analisadas, o projeto de vida dos jovens pobres é inserir-se no mercado de trabalho através de uma ocupação digna, e para a maioria destes esta ocupação representa não só uma forma de adquirir ganhos financeiros como visa obter prazer com a atividade e o reconhecimento da sociedade. No entanto, observamos também que os jovens pobres encontram muitas dificuldades para alcançarem este objetivo.

O trabalho na ética tradicional era considerado como um dever moral e social, onde o indivíduo, através da sua participação no processo de produção, pretendia uma auto-realização no plano da satisfação pessoal e no status social. Entretanto, para alguns jovens esta referência tornou-se impraticável, e esta degradação é vivida sob a forma de crise. Portanto, a relação com o trabalho mudou, enquanto antes o trabalho era importante em si pela participação que assegurava ao projeto coletivo da sociedade industrial, hoje ele se torna relevante para o próprio indivíduo, já que pode contribuir para o seu projeto singular (BAJOIT E FRANSSSEN, 1997: 82-83).

Para a maioria dos jovens a transição para a vida adulta é marcada pela falta de uma atividade em condições de ampliar e consolidar perspectivas de futuro. O jovem começa a se desvincular dos seus velhos papéis, mas não encontra espaço para desempenhar os novos, relacionados à vida produtiva e seus desdobramentos (RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO JUVENIL, 2003).

O reconhecimento social através da inserção no mercado de trabalho e conseqüente ascensão social, tão desejados pelos participantes, encontram vários obstáculos. Primeiramente estes jovens vivenciam um contexto de carência de recursos: o sistema educacional público é marcado pelo descaso e pela insuficiência; os jovens pobres não possuem condições econômicas de investirem numa preparação profissional que lhes dê mais

chances de competir com as exigências das mudanças tecnológicas presentes no disputado mercado de trabalho contemporâneo; há uma carência de referenciais e modelos profissionais que possam servir de guia e de auxílio para estes jovens; a rede de sociabilidade do jovem parece se resumir na família, que também é desprovida de recursos. Além destas dificuldades, o jovem pobre tem que enfrentar as transformações do mundo do trabalho que influenciam a vida dos mais diversos segmentos sócio etários e econômicos, onde a tecnologia propiciou a redução do número de empregos, e onde a terceirização e o trabalho informal e precário se expandiram.

A busca pelo trabalho pode ser dificultada também pela própria condição do jovem pobre, que carrega muitas marcas estigmatizadas pela sociedade, como sua idade e seu padrão sócio-econômico. Muitos participantes contaram em tom de indignação, que os empregadores querem contratar apenas jovens com experiência profissional, não dando oportunidade para aqueles que por nunca terem trabalhado, não têm a experiência exigida. De acordo com a pesquisa de Abramovay (2001), o grande obstáculo que os jovens enfrentam para conseguir o seu primeiro emprego tem como causas além das qualificações profissionais requeridas pelo empregador, o local de moradia do jovem, que não pode ser violento e a aparência (ter o corpo esbelto e pele clara), fatores que dificultam ainda mais o ingresso dos jovens da periferia em melhores postos de trabalho (ABRAMOVAY, 2002).

Os jovens são a parcela da população que mais sofre com o desemprego, no caso dos jovens pobres acrescentam-se as dificuldades oriundas de uma educação pública de baixa qualidade nos ensinos médio e fundamental. Para compreendermos melhor as dificuldades destes jovens de se inserirem no mercado de trabalho, precisamos conhecer as principais características do “novo mundo do trabalho” como nos dizem Teixeira e Oliveira (Org, 1998): desemprego crescente, aumento das mulheres na PEA (População Economicamente Ativa), aumento dos trabalhadores em tempo parcial com contratos de trabalho não padronizados e/ou

precários, queda da taxa de sindicalização e/ou não reconhecimento dos sindicatos, expansão do individualismo e declínio da ética da ação coletiva, desemprego juvenil crescente e informalidade.

O desemprego juvenil tem características universais independentes do nível de desenvolvimento, do crescimento e do desemprego total. No entanto, ele também se reduz quando o desemprego total cai. Mas, quando há uma desaceleração ou contração econômica são os jovens que recebem o maior impacto do desemprego, e no auge, são os últimos a se beneficiarem, devido ao capital humano (educação e experiência) que possuem e aos custos associados à rotatividade. As possibilidades de encontrar trabalho são afetadas significativamente pelas diferenças de idade, escolaridade e gênero. Quanto mais jovem e menor escolarização o sujeito possuir, maiores são as taxas de desemprego, porque seu capital humano acumulado é menor. As mulheres tendem a registrar um maior desemprego, tanto pela discriminação como pela sua menor disponibilidade para qualquer trabalho, face à necessidade de desempenhar outras funções no lar (TOKMAN, CORROCHANO e GOUVÊA, 2003).

Outros estudos também revelaram maiores taxas de desemprego entre a população feminina. De acordo com a pesquisa do Relatório de Desenvolvimento Juvenil de 2003, no Estado do Rio de Janeiro 37,8% das jovens de 20 a 24 anos não trabalham nem estudam, esta proporção é de 15,4% em relação aos rapazes, sendo que os jovens que não trabalham nem estudam estão mais concentrados nos baixos estratos de renda. São esses jovens, segundo a pesquisa, que com maior frequência e em maior tempo, dedicam-se aos afazeres domésticos. Além disso, as altas taxas de jovens sem atividades (excetuando-se os afazeres domésticos) entre as mulheres, pode ser explicada pela manutenção dos padrões tradicionais da divisão sexual do trabalho apesar das recentes mudanças na estrutura da família, nas relações de gênero e nos papéis sexuais. Este fato pode explicar a maioria de protagonistas do sexo

masculino e apenas uma jovem representando uma protagonista do jogo, que apesar disso, se encontrava muito submetida aos homens, pois suas ações eram muito mais determinadas por eles do que por ela própria.

Esta desigualdade de gênero em relação ao mercado de trabalho não é apenas uma realidade do Rio de Janeiro, mas de todo o nosso país. Segundo a pesquisa organizada por Abramo (2005), no Brasil, a proporção de homens (82%) na PEA (População Economicamente Ativa) é maior que a de mulheres (71%) em todas as faixas etárias (de 15 a 24 anos), sendo o índice de desemprego destas também mais alto que entre os homens. Para os homens, a porcentagem de desempregados (somando quem já trabalhou e está desempregado com os que ainda estão procurando emprego) é 35% , e para as mulheres a taxa é de 46%. As mulheres também estão muito mais submetidas à precariedade do trabalho que os homens, e isto se agrava com a idade (principalmente a partir dos 18 anos). Enquanto 48 % dos rapazes de 21 a 24 anos trabalham de modo informal, 62% das moças da mesma idade encontram-se nesta situação. A desigualdade de gênero também está presente na remuneração, pois 36% dos rapazes que trabalham ganham até meio salário mínimo por mês e no caso das moças esta proporção sobe para 59%.

De acordo com a pesquisa organizada por Zaluar (2004) com jovens estudantes da rede pública do Rio de Janeiro, apesar do êxito escolar ser mais notável entre as meninas, a profissionalização e as perspectivas no mercado não se mantêm maiores para elas, desconsiderando o emprego doméstico como alternativa, já que é atualmente regulamentado pelas leis trabalhistas e mais protegido das irregularidades do mercado de trabalho formal. No entanto, a profissão de doméstica não parece estar nos planos das jovens, a não ser em uma situação transitória, de extrema necessidade ou privação, como no caso da jovem protagonista que pede para trabalhar na casa de uma senhora pois encontrava-se morando na rua com seus filhos.

Além da diferença da inserção no mercado de trabalho entre jovens do sexo masculino e feminino, observamos através do trabalho de Gomes (1997), que também há diferenças de gênero quanto ao momento crítico pelo qual passam muitos jovens, onde lhes é imposta uma escolha. Enquanto para a jovem há em geral, três momentos decisivos: quando deve escolher entre a vida doméstica e a escolar, ou a maternidade e a escola, ou o emprego e a escola; para o jovem o conflito é geralmente entre escola e trabalho. E em ambos os casos, freqüentemente é a escola a escolha preterida. A escolaridade é percebida como tendo pouco impacto para os jovens pobres na vida futura deles, por isso o esforço a ser despendido na condição de aluno é sentido como demasiado e não parece compensador, já que a maior escolaridade traz a ameaça de afastamento da família, dos amigos e dos vizinhos.

Na atualidade diversos autores destacam como preocupante não só o aumento do desemprego, em especial o juvenil, como o crescimento do número de empregos precários. Para Tokman, Corrochano e Gouvêa (2003), a qualidade dos empregos gerados nas últimas décadas foi deteriorada devido ao processo de globalização e à privatização e liberalização que transformou o emprego em informal, precário e concentrado no setor terciário progressivamente. Nos anos 90 aumentou a participação do emprego informal que contribuiu em média no Brasil com cerca de 7 de cada 10 novos postos gerados; os do setor terciário representaram 9 de cada 10 postos adicionados e mais da metade dos novos postos não possuem cobertura adequada de proteção social e trabalhista. A informalidade afeta mais os jovens que os adultos e a importância dos empregos é maior quanto menor for a idade dos jovens.

Martins (1997) destaca que o setor da economia mais atingido pela redução dos postos de trabalho foi o industrial e que a abertura de emprego no setor terciário não conseguiu absorver o número de desempregados. De acordo com dados do IBGE (2002) publicados no CIDE (Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, 2003), o setor de

prestação de serviços ocupa com 29% o primeiro lugar na participação da mão-de-obra nos setores de atividades econômicas do Estado, seguido pelo comércio com 16%, pela indústria de transformação com 10% e pela indústria da construção com 8%.

A precarização do trabalho está vinculada ao grau de proteção, à estabilidade trabalhista, ao reconhecimento legal da situação contratual e à intensidade das horas trabalhadas e é na informalidade que existe uma alta concentração de trabalho precário e muitos destes são desenvolvidos nos setores terciários. Entretanto, a precarização não significa necessariamente ilegalidade, uma vez que pode estar de acordo com a legalidade, mas introduzindo condições de desproteção, instabilidade e exploração dos jovens trabalhadores. Os jovens são empregados sem contratos de trabalho em maior proporção que os adultos e em particular os mais jovens são os mais afetados. Cerca de 66% dos jovens entre 15 e 19 anos não possuem contrato no Brasil e os adultos nessa situação representam 32% ao final dos anos 90 (TOKMAN, CORROCHANO e GOUVÊA, 2003).

Pais, (apud Martins, 1997: 100) enfatiza as dificuldades de inserção dos jovens no mercado de trabalho: a diminuição das oportunidades de empregos para os jovens devido à introdução de novas tecnologias e às exigências de maior qualificação e experiência; a mobilidade ocupacional dos jovens com a circulação por diversas situações de trabalho (formação, aprendizagem, precário, em tempo parcial, etc.) e de emprego (desemprego, inatividade, emprego). Cada vez mais jovens passam por um período longo antes de ingressarem na inserção profissional. Este período é chamado por Pais de interregno entre a escola e o emprego e compreende um prolongamento da juventude, seja pela ampliação do tempo na escola, seja pela permanência na casa dos pais.

A escassez de empregos principalmente para o jovem é tão grande e a disputa por um emprego é tão acirrada que, segundo a pesquisa de Martins (op. cit.) em empresas metalúrgicas brasileiras, mesmo os jovens portadores de alguma qualificação, ou com um

grau maior de escolaridade estão realizando atividades aquém de sua capacidade e com dificuldades de ascensão profissional.

Para Rocha (2003) embora a forma desejável de os indivíduos obterem renda necessária para evitar a pobreza seja pela inserção no mercado de trabalho, no Brasil devido às características estruturais de seu mercado de trabalho, mesmo os trabalhadores em atividades formais recebendo o salário mínimo podem ser pobres, em função da composição de sua família e do baixo valor desse salário. A rápida especialização do mercado de trabalho provocou um número insuficiente de postos de trabalho e um aumento considerável da participação da mão-de-obra qualificada no total dos trabalhadores ocupados, resultando no aumento da informalidade e na exclusão dos trabalhadores com baixo nível de escolaridade do mercado de trabalho. Estas modificações no mercado de trabalho brasileiro têm contribuído para o aumento da pobreza metropolitana. A baixa qualificação da mão-de-obra, em descompasso com o nível de desenvolvimento produtivo atingido pelo país e com as necessidades do mercado, tem implicações sobre a incidência de pobreza, já que limita as possibilidades de crescimento econômico e conseqüentemente do aumento da renda, resultando na manutenção de elevados níveis de desigualdade de rendimento.

Portanto, se o jovem pobre conseguir ultrapassar todas as barreiras que o separam do mercado de trabalho, isto não é garantia de que ele conseguirá suprir suas necessidades básicas e de sua família. Assim, podemos compreender o motivo de alguns jovens participantes terem enfatizado que gostariam de ter um “bom emprego”, suficiente para sobreviver e dar uma boa educação para sua família, pois nem todo emprego ou trabalho é capaz de suprir.

3.3- O sentido do trabalho para o jovem pobre

O sentido do trabalho para o jovem desta análise parece sintetizar os valores do reconhecimento social relacionados à ascensão social e moral, à possibilidade de manter e constituir família, aliado em grande parte à realização profissional. Mas, mergulhado numa infinidade de problemas, cuja causa maior é a carência de recursos e de oportunidades, o jovem ressalta a importância de estudar e de concentrar sua dedicação e seu esforço na busca pela realização de seu sonho profissional ou de inserção no mundo do trabalho. Entretanto, esta consciência da necessidade do esforço, não gera na prática ações concretas; ela parece ser apenas uma possibilidade do jovem se afirmar como um sujeito capaz, mesmo na infinidade de adversidade que o cerca.

A identidade é um conjunto de representações que a sociedade e os indivíduos têm sobre a experiência humana, que é múltipla tanto no plano psíquico como no plano social. A construção dessas representações dependem do tipo de sociedade, do lugar social que o indivíduo ocupa na sociedade, ou seja, ela é construída no plano simbólico da cultura (MARQUES, 1997: 67). O caráter social da identidade implica uma relação de pertencimento social, que se constrói e reconstrói na interação entre indivíduos, dentro de um espectro diferenciado de oportunidades e restrições. As diferentes gradações de oportunidades geram a possibilidade de que, muitas vezes, existam distintas formas de identificação, cujas possibilidades e cujos limites estão estabelecidos fundamentalmente pela posição dos outros, e não colocados pelo indivíduo ou definidos de modo compartilhado pelos grupos objetivando conseguir seus próprios espaços de reconhecimento social. Assim, no caso da juventude, vão existir setores e grupos com distintas possibilidades de reconhecimento pela sociedade. Para os jovens pobres, o trabalho continua sendo percebido e incorporado como uma referência de primeira ordem, não só por proporcionar a sobrevivência material, mas pelas possibilidades de reconhecimento social e de alguma realização pessoal. A sociedade analisa o jovem pobre

e o classifica em categorias de maior ou menor reconhecimento social. Deste modo, o trabalho, para eles, continua sendo visto em sua capacidade de proporcionar uma identidade digna e positiva e, mesmo que distante, uma referência sempre desejada (QUIROGA, 2002).

A escola é considerada pelos jovens desta análise como a instituição que os conduzirá à profissionalização ou à inserção no mercado de trabalho. Mas, ela é paradoxalmente a instituição que muitos não frequentam ou não gostariam de frequentar. Esta contradição pode ser compreendida pela ineficácia do ensino público, pela constatação de que a vida de seus pais e avós não mudou com esta escola e pelo conseqüente descrédito de que esta instituição mudará suas vidas.

De acordo com a pesquisa de Marques (1997) com jovens estudantes de escolas públicas noturnas da Bahia, o trabalho para os jovens funciona como um rito de passagem do mundo infantil para o adulto, mas principalmente como um projeto de família em melhorar de vida, que inclui o grande esforço das famílias para manter seus filhos na escola. Para estes jovens, o trabalho não representa apenas a garantia de um ganho financeiro, mas também a ampliação de suas possibilidades de sociabilidade através de laços de amizade, de coleguismo, de solidariedade. Marques afirma também que é muito limitado tentar compreender as causas da inserção precoce dos jovens no mundo do trabalho apenas através da situação de marginalidade e pobreza, pois a necessidade de trabalhar também se constrói no próprio processo de socialização do jovem, na afirmação de sua identidade. Desta forma, trabalhar é garantir uma certa autonomia e uma certa liberdade, ou seja, é poder tomar decisões sobre a própria vida e ter autonomia para fazer uso do seu dinheiro.

O trabalho pode ser observado pelo jovem como um meio de obter os bens de consumo e de lazer dentro do padrão moral de trabalhador, fugindo do estigma que rotula o jovem pobre como criminoso em potencial.

Gouveia (2000), baseada em Alvim, (1992) ressalta que o trabalho tanto no imaginário social como em certa produção teórica, é considerado como sendo capaz de suprir as lacunas do sistema educacional público junto à demanda familiar de um aumento do orçamento doméstico e de proteção contra a ameaça de ingresso na criminalidade. Deste modo, a positividade do trabalho para os jovens pobres pode ser explicada como um antídoto à proximidade e exposição desses jovens ao circuito da criminalidade violenta.

O trabalho tem como vantagem o fato de permitir que o jovem no tempo presente possa ser reconhecido socialmente e se inserir na lógica de bens de consumo, já a escolarização como é um processo a longo prazo, cujos resultados só poderão vir no tempo futuro, é mais facilmente abandonada.

No estudo de Corrochano (2001) com jovens operários da região do ABC paulista, o sentido primeiro do trabalho vem associado à renda e ao emprego formal. Entre as jovens operárias, o trabalho adquire um sentido predominante de independência pessoal. A maioria das mulheres solteiras e casadas busca a independência da esfera doméstica e de seus parceiros. Grande parte das jovens operárias projetam mobilidade no interior da fábrica, porém não pretendem ingressar no ensino superior. A escolaridade básica é o máximo que pretendem alcançar, mas têm muitas dificuldades para a volta à escola como casamento, falta de vagas, trabalho doméstico. Suas expectativas de ascensão estão mais relacionadas ao trabalho que à escola, pois como sua vida escolar não é marcada positivamente, não possuem planos ligados à escola, sua vida está mais centrada no trabalho enquanto meio para aquisição de bens de consumo e de lazer (TOKMAN, CORROCHANO e GOUVEIA, 2003).

Os jovens pobres brasileiros mesmo participando de espaços de formação para o trabalho, internalizam um forte medo de não conseguirem inserir-se no mercado laboral futuro, o que significa o alijamento de bens, serviços e processos vividos na sociedade; a privação de identificações e integrações que o trabalho propicia; a negação de

reconhecimentos garantidos pela integração ao seu cotidiano como dignidade e honestidade. O medo do desemprego leva os jovens à submissão a todo tipo de autoridade superior, mesmo que autoritária. Os jovens pobres ao não terem “garantia” de sua inserção pelo trabalho têm o seu reconhecimento social comprometido, e sua imagem social prejudicada. Eles sabem e sentem que são qualificados pela sociedade de modo desvalorizado, pois esta, de um modo geral, tende a tratar os segmentos sociais não vinculados ou precariamente inseridos na esfera do trabalho de forma preconceituosa. Por isso muitos jovens pobres buscam realização, legitimidade, reconhecimento e proteção em outras esferas da vida social, através da aproximação mais intensa com amigos e a convivência entre iguais; as relações cotidianas informais no universo conhecido de sua vizinhança, marcadas pela compulsória disponibilidade de tempo livre; aos grupos de juventude institucionalizados, predominantemente naqueles formados pelas igrejas; à família, enquanto retaguarda, com configurações bem diversas; à cultura (QUIROGA, 2002).

Muitos jovens pobres têm uma postura mais instrumental em relação ao trabalho como os jovens pobres da pesquisa de Quiroga (2002) e os de Guimarães (1998) que não querem fazer do trabalho o centro de suas vidas, não querem “se matar de trabalhar” como seus pais, mas alguns ainda aspiram a que o trabalho venha a ser algo mais que apenas ganhar dinheiro, constituindo um espaço onde possam se realizar pessoalmente, como a maioria dos jovens participantes aqui estudados.

Colbari (1995) nos fala que um dos sintomas da sociedade moderna é a desvalorização do trabalho por meio de sua divisão, pelo padrão de desenvolvimento tecnológico incorporado, que retirou-lhe o prazer e a satisfação íntinseca ao exercício profissional e de criatividade humana. Desta forma, restou ao trabalho somente a sua razão instrumental utilitária, a sua capacidade de prover as necessidades básicas, de viabilizar o consumo de bens.

No Brasil há o crescimento tendencial da inclinação instrumentalista, desencadeada fortemente pela desmitificação do trabalho, enquanto possibilidade de realização pessoal para os jovens pobres (QUIROGA, 2002). Bajoit e Franssen (1997) afirmam que a dificuldade dos jovens de concretizarem suas expectativas de auto-realização explica a relação puramente instrumental deles com o trabalho. Ou seja, para muitos jovens as preocupações econômicas “um trabalho a qualquer preço” ou de status social prevalecem sobre as características próprias do trabalho. As expectativas com relação ao trabalho são reduzidas à uma fonte de ganhos, uma ocupação de tempo, um status social; já a dimensão expressiva do trabalho que compreende se realizar pessoalmente e ser útil desaparece. Deste modo, a auto-realização é transferida para a esfera do privado e da sociabilidade seletiva.

Muitos jovens pobres por não executarem tarefas valorizadas e prazerosas vêem o trabalho apenas como meio de subsistência, o prazer é apenas vivenciado no relacionamento com os amigos, nos namoros e no lazer.

Rocha (2003) atribui em parte o agravamento da pobreza metropolitana ao rápido processo de exclusão do mercado de trabalho da mão-de-obra menos qualificada, que se mantém mesmo em períodos de expansão econômica. Por isso, para que ocorra a longo prazo, a redução da pobreza e da desigualdade de renda no Brasil, são necessárias mudanças no sistema de ensino que garantam o acesso à escola e à educação de boa qualidade para as populações pobres. Rocha (2003) afirma também, a partir de estudos, de Amadeo (et al., 1994) que as desigualdades de rendimentos no mercado de trabalho são criadas principalmente devido as diferenças educacionais entre os indivíduos.

Segundo Abranches (1994) o mito da “cultura da pobreza”, segundo o qual os pobres não melhoram suas condições de vida porque não querem, desfaz-se sempre nas suas experiências empíricas e históricas. Os pobres não conseguem melhorar porque as oportunidades são menos acessíveis a eles, e porque não lhes sobra tempo e espaço para

acumular, ainda que gratuitamente, os recursos necessários para alcançar melhores condições de vida:

“Para sobreviver, consomem mais horas trabalhando ou em busca de qualquer trabalho, horas que são subtraídas à educação, à busca de melhores opções de trabalho e renda, aos cuidados com a saúde, ao exercício da criatividade, à ação política e ao lazer”.(ABRANCHES, SANTOS e COIMBRA, 1994: 17)

Apesar do Brasil estar vencendo os desafios quantitativos da inclusão educacional de crianças e adolescentes no ensino fundamental, ainda apresenta sérios déficits em relação à qualidade de seu ensino. Embora a dificuldade de inserção no mercado de trabalho atinja os jovens de todos os estratos de renda, para o jovem não pobre ainda resta a continuidade dos estudos e a especialização, tornando-se mais competitivo. O jovem pobre, por não ter condições materiais de continuar seus estudos, é submetido à exclusão ou aos trabalhos marginais no contexto social; com isso, perpetua-se o círculo vicioso da pobreza (RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO JUVENIL, 2003).

Diversos estudos afirmam a relevância da escolarização na disputa pelo emprego, o que, no entanto, não garante necessariamente a tão desejada ascensão social. Os empregos com maiores conteúdos educacionais são os que crescem mais rápido na maioria dos países. No Brasil os postos com ensino superior crescem, mas numa taxa inferior aos com ensino médio. Embora o ingresso no mercado formal esteja cada vez mais vinculado à experiência e escolaridade mais elevada, isso não significa melhores cargos e salários e maiores chances de ascensão profissional, principalmente para os jovens (TOKMAN, CORROCHANO e GOUVÊA, 2003). O ensino médio ainda oferece uma importante valorização no contexto social de jovens pobres, sendo uma vantagem diferencial para a inserção no mundo do trabalho, em relação aos jovens que não conseguiram terminar essa formação. Mas completar o curso médio não permite a mobilidade social que os pais projetaram para as trajetórias dos

filhos. Geralmente quando a oportunidade existe, é a de ser um trabalhador braçal (FRANCH, 2004).

Os jovens que abandonam o sistema educacional são penalizados com maiores taxas de desemprego, pela mudança na estrutura de emprego e também pelas menores remunerações que obtêm quando encontram trabalho porque incorporam-se prematuramente ao emprego com uma educação incompleta e sem experiência. Apesar dos sistemas educacionais realizarem um trabalho para que o jovem se insira na universidade, não existem vinculações com o mercado de trabalho ao longo do ciclo ocupacional (TOKMAN, CORROCHANO e GOUVÊA, 2003).

Franch (2004), a partir de Silva e Kassouf (2002), mostra que o papel da escolaridade na hora de se empregar é importante, mas não definitivo. Os anos de escolarização influenciam positivamente na capacidade dos jovens se empregarem, mas seu peso é muito inferior ao da experiência. Franch (2004) mostra também com base no estudo do DIEESE (2001) sobre mercado de trabalho no Brasil, que a capacidade de se empregar aumenta expressivamente apenas quando o candidato possui curso superior completo. Sendo a universidade um sonho de difícil acesso para a maioria dos jovens pobres, suas chances de se empregar, ao menos em trabalhos que favoreçam uma certa realização do jovem também diminuem.

Apesar da desvalorização dos títulos de cursos superiores, obter um diploma universitário ainda é um indicador de ascensão social. Geralmente os que têm curso superior têm melhor remuneração, mesmo que esta seja também influenciada por fatores como raça, gênero e origem social. Embora nem sempre concluir o curso superior possibilite maior nível de renda, ele possibilita uma ascensão em termos de status e uma mudança subjetiva do indivíduo frente ao mundo (MARIZ, FERNANDES e BATISTA, 2003).

Carmo (2001), a partir de Bourdieu e Passeron (1981), nos fala que a própria escola é portadora de mecanismos que transformam as desigualdades sociais em escolares. Estes autores desmistificam o “dom” ou a aptidão de determinado aluno para o estudo, pois para eles, o que é apresentado como “natural” em algumas pessoas é de fato herança cultural de classe social:

“As crianças das camadas populares já chegam à escola portando desigualdades, e a chamada “igualdade de oportunidades” raramente consegue promover, na prática a superação das desvantagens dos filhos das classes trabalhadoras” (CARMO, 2001: 25)

O sistema escolar promove a exclusão, que é maior nas classes menos favorecidas, mantendo assim a divisão de classes e de oportunidades. A entrada nos cursos mais concorridos das universidades públicas é quase impossível para as classes desfavorecidas, mas é corriqueira para os filhos de famílias de classe média e alta. Se o aluno pobre consegue superar o obstáculo econômico, ele ainda tem que enfrentar a barreira cultural. A escola é para a população pobre a única via de acesso à cultura letrada, mas se ela tem a missão de ser a via da democratização da cultura, em sua prática, ela pressupõe a valorização da cultura de elite, consagra a desigualdade, ignorando que as crianças chegam a ela em situações culturais desiguais e diferenciadas (CARMO, 2001).

Para Sposito (2005) as mudanças ocorridas nos últimos anos na esfera do trabalho, tornaram os caminhos para a entrada na vida adulta mais complexos e menos lineares. Assim, a forma como os jovens vivenciam essa etapa da vida também mudou, já que a escolaridade não garante mais a entrada no mundo do trabalho. Os dados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira” apontam um significativo crescimento do acesso à escola por parte dos jovens brasileiros. No entanto, essa abertura de oportunidades escolares acentuou-se na década de 90 e ocorreu sob uma forte crise econômica que estagnou o crescimento, acentuou desigualdades e fez aumentar os índices de desemprego. Neste período, houve também um reordenamento

do sistema de educação pelo governo federal, provocando alterações curriculares e medidas de correção de fluxo, atenuando reprovações e evasões, o que favoreceu uma queda na qualidade de ensino ainda maior. Sallas (1999) a partir de Bourdieu (1997), destaca que apesar do aumento do número de vagas no sistema escolar, os indivíduos sentem-se excluídos no interior do sistema, já que a estrutura da distribuição diferencial dos benefícios escolares e dos benefícios sociais correlativos foi mantida. No nosso país, além da distância entre a escola e o aluno, há também a proletarização do professorado e a conseqüente queda na qualidade do ensino, que produzem essa exclusão, principalmente em programas de correção referentes à repetência.

A falta de referências escolares e profissionais do jovem contribui para o descrédito deste quanto à escola em termos concretos de transformação de sua vida, já que a valorização do estudo parece estar na idealização de um futuro que nunca chega. Guimarães (1998) em sua pesquisa com jovens estudantes de escolas públicas da Zona Oeste e Norte do Rio de Janeiro constatou que a escolaridade não representa para estes uma possibilidade real de mudança em suas vidas, de forma a projetarem no futuro um sentido e uma utilidade para os estudos. Até mesmo os jovens que almejavam uma profissão de nível superior não relacionaram os estudos com a profissão e afirmaram não estudarem. Em relação às referências familiares do jovem em prol do projeto de futuro deste, Guimarães afirma:

Mesmo em situações em que um projeto de futuro é claramente estabelecido, algumas análises reconhecem a fragilidade da estimulação dos jovens na direção pretendida, dada a pouca familiaridade dos pais com as estratégias relacionadas à vida escolar e ao direcionamento dos estudos, que seria necessário mobilizar para encaminhar o jovem em direção aos objetivos desejados.

(GUIMARÃES, 1998: 216).

A visão que os jovens pesquisados por Guimarães (1998) tiveram da escola foi como fonte de instrumentalização para a inserção na vida social e cultural através da apropriação mínima dos códigos de acesso à cultura letrada, ou através dos certificados escolares, como

tentativa de fuga às precárias condições de vida diante do aumento das exigências de credenciais educacionais para inserção no mercado de trabalho. O diploma permite também aos jovens escaparem da reprodução da profissão dos pais, principalmente as meninas cujas mães são domésticas. A escola pública pouco oferece ao aluno pobre pela via da apropriação dos conteúdos da formação geral, e tampouco lhe proporciona um ensino profissionalizante capaz de favorecer sua inserção em ocupações de qualificação.

A escola pública pode representar para muitos jovens mais um espaço de socialização do que um espaço de aprendizado que possibilite a futura inserção profissional e a conseqüente ascensão social. É o caso dos jovens alunos da escola noturna do estudo de Marques (1997), onde a escola representa para eles uma função sociabilizadora, representando um lugar entre o cansaço do trabalho e os problemas com a família, um espaço para o namoro, a brincadeira e o encontro com os amigos.

Em relação às escolas públicas do Rio de Janeiro, Peregrino (2003) destaca que vem se aprofundando um vazio institucional relacionado à crise da legitimidade de seu papel nas sociedades capitalistas agudizado pela atual hegemonia neoliberal. A escola, portanto, não pode ser mais vista como espaço possibilitador de ascensão social. Assim, a entrada prematura de jovens pobres no mundo do trabalho, consiste numa relação permanentemente descontínua, em que o trabalho consiste em buscar emprego, onde há uma relação igualmente episódica e descontínua com a escola.

De acordo com Gomes (1995) a maioria das famílias pobres que depositou na escolarização prolongada dos filhos a esperança de vida melhor para eles, frustrou-se, pois embora a escola tenha garantido o trabalho materno, enquanto a criança nela permanecia; à aquisição da cidadania e o desenvolvimento da sociabilidade de crianças e de jovens; à medida que estes cresciam, as dificuldades escolares se revelavam quase insuportáveis, e o trabalho precoce cada vez mais se impunha. Além disso, as oportunidades ocupacionais que

surgiam eram escassas e não exigiam muito além de uma competência escolar mínima, mesmo aos jovens mais escolarizados. Assim, a escola deixou de ser um instrumento não só de ascensão social como de garantia de sobrevivência.

As imagens da educação identificadas nas camadas pobres do Estado Rio de Janeiro são de um proletariado urbano preocupado com a inserção no processo produtivo e alimentando alguma expectativa de ascensão social por meio da educação, que atualmente se baseia na informação e na rapidez de comunicação por meio da informática, exigindo conhecimento técnico especializado, o que estimula o desinteresse ou a facilidade dos jovens desistirem dos estudos. Mesmo assim, há o reconhecimento ainda que vago do valor da educação, indicando que existe uma predisposição dos jovens de investir nela por um longo período (ZALUAR, 2004: 118).

Enfim, apesar do ensino público no Rio de Janeiro ser em geral precário e insatisfatório, não possibilitando aos jovens de baixa renda ascenderem a condições de vida melhores, a escolarização ainda é vista por eles como a única forma de conseguirem ter uma formação superior ou um trabalho digno. Resta nos jovens a esperança, ainda que escassa, de que a “*vida melhora*”, de que os governos “*trabalhem pelos pobres*” e de que a escola signifique realmente um lugar onde possam realmente aprender e a partir disto, realizarem seus sonhos.

Considerações Finais

Os resultados aqui apresentados revelam a identificação do jovem pobre com a figura do trabalhador no intuito de obter o reconhecimento social e a possibilidade de uma posição na sociedade, dada pela assunção ao papel de chefe de família, de provedor, como também do valor afetivo e moral investido na instituição familiar.

Dentre as dificuldades encontradas pelo jovem pobre como os problemas familiares, as dificuldades com estudo e/ou trabalho e a falta de recursos, a ausência de aportes (sejam escolares, educacionais, de lazer, culturais e simbólicos) se revelou a principal e mais significativa dificuldade, pois refletiu nos demais problemas. A privação de recursos e oportunidades traz para o jovem pobre um ônus psicológico que prejudica a possibilidade de visualização das ações necessárias para a conquista do seu projeto de vida.

A importância da determinação e da força de vontade enfatizada pelos jovens foi acompanhada pela necessidade de ajuda através de incentivo, ajuda financeira e indicação para emprego. Os jovens reconhecem que não basta apenas o esforço e a dedicação, se não possuírem uma rede social (família, escola, governo, amigos...) que realmente auxilie na busca pela realização de seus objetivos.

A família, principal rede de sociabilidade e a mais presente em todos os grupos, representou para o jovem pobre a instituição de apoio e de sustentação psicológica. A forte relevância atribuída à família pelo jovem pobre pode ser em grande parte devido a ausência de outras instituições e redes, como a escola e o governo, que possam cumprir com eficiência suas funções e sejam suportes de auxílio e sustentação. Os problemas familiares dos jovens pobres geralmente estão diretamente relacionados com a falta de recursos, que conseqüentemente desestabiliza a estrutura e a dinâmica familiar, assim como o desempenho do jovem na busca de suas metas.

A maioria dos jovens acredita nas ações assistencialistas de caráter imediato do poder público, ou seja, nos programas de ajudas financeiras e de inserção nas universidades públicas via sistema de cotas. Mesmo descrentes em possíveis medidas governamentais de longo prazo, como a melhoria da qualidade do ensino público médio e fundamental, cultivam a esperança de que o poder público possa solucionar suas dificuldades.

Parece que para os jovens, o objetivo profissional não vem acompanhado de estratégias claras, com etapas encadeadas, mas sim por um discurso, que destaca principalmente o esforço e a determinação do sujeito, o que nos leva a pensar que isso seja uma consequência da combinação da falta de referências relativas à profissão almejada, e da falta de recursos materiais e de oportunidades como o acesso a um ensino de qualidade. Portanto, se os recursos disponíveis aos jovens não são suficientes e nem eficientes, o que resta para eles é apenas o próprio esforço e a “força de vontade” que muitos enfatizaram. No entanto, apesar de muitos jovens terem valorizado o bom desempenho nas atividades escolares, a maioria nem estuda. Esta discrepância pode ser compreendida pelo fato de não terem referências profissionais ou escolares na família de modo que fiquem visíveis para eles a lenta e laboriosa concatenação de ideais, ações e resultados na construção do projeto de vida.

Este abandono da escola por parte dos jovens pobres de acordo com (CASTRO, CORREA e colaboradores: 128, 2005), subtrai de suas vidas o único suporte institucional que mediatiza suas relações com a sociedade mais ampla. Fora da escola, os jovens encontram-se sem qualquer apoio que possa facilitar o trabalho psíquico de escolhas e decisões pessoais.

Os jovens verbalizaram seu sonho de futuro, mas não relacionaram sua vida presente com ele, e muitas vezes não souberam dizer nem que ações deveriam realizar no presente para que o futuro desejado fosse concretizado, pois para a maioria deles parece não haver relação entre o que eles estão fazendo hoje com o que querem ser amanhã.

O futuro desejado não está amparado nem por ações concretas, nem por antecipações de ordem cognitiva e emocional para que se torne realidade. Os ideais profissionais ou relativos ao trabalho destes jovens parecem se dar num vazio, num espaço sem referências próximas e tangíveis que ofereçam subsídios reais para que possam se sentir motivados a construir um futuro distinto daquele de seus pais. O jovem para agir em prol da sua construção necessita dispor de outros modelos (além dos pais) que tenham instituído e percorrido o trajeto de tornar-se adulto, de forma que possam compreender como este trajeto pode ser realizado de múltiplas maneiras e como se legitima o caminho singular que cada um deve fazer (CASTRO, CORREA e colaboradores: 131-132, 2005).

É importante que outras esferas e instituições, que não apenas a família do jovem pobre, possam participar ativamente da vida dele, para que tenha modelos, referências profissionais e apoios que possam guiá-lo ao longo de seu percurso, cujo objetivo é a inserção numa profissão ou trabalho. Há urgência no estabelecimento e fortalecimento de uma rede social eficaz que contemple várias esferas que possibilitem minimizar a situação de desamparo do jovem pobre.

É preciso avaliar e rever os projetos pedagógicos que aplicam mecanicamente teorias acerca de qual seria a escola mais adequada aos valores e objetivos da população pobre sem ouvir esta população que é internamente diferenciada por sexo, idade, religião, etnia e local de residência (ZALUAR, 1994: 104).

É necessário que políticas públicas sejam planejadas para esta população visando diminuir também as desigualdades de gênero, que colocam a jovem mulher muito mais numa posição de mãe e de cuidadora do que de sujeito capaz de sonhar e realizar seu projeto de vida por meio de sua profissionalização e inserção no mercado de trabalho. As políticas públicas devem ser pensadas à luz da escuta atenta e pormenorizada do que pensam os jovens pobres e não por uma visão assistencialista que conclui que a sua função é assistir as camadas pobres

com o intuito de conter a possível “ameaça” dos desgarrados e excluídos da sociedade, distantes dos bens culturais e de uma vida digna.

Referências

ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, H. e BRANCO, P.P.M. (orgs) *Retratos da juventude brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação - Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo: ANPED, n 5 e 6, p.25-36, maio/ago., set/dez., 1997.

ABRAMOVAY, M. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: Unesco, Bid, 2002.

ABRANCHES, S. H. Política Social e combate à pobreza - a teoria da prática. In: ABRANCHES, S. H.; SANTOS, W. G.; e COIMBRA, M. A. *Política Social e combate à pobreza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.

ALVIM, R. e PAIM, E. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, R. e GOUVEIA, P. (orgs) *Juventude Anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

ALVITO, M. Um bicho-de-sete-cabeças. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.(orgs) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BAJOIT, G. e FRANSSEN, A O trabalho, busca de sentido. In: *Revista Brasileira de Educação - Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo: ANPED, n 5 e 6, maio/ago., set/dez., 1997.

BEZERRA, B. A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade contemporânea. In: SOUZA, S. J. (org) *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

BILAC, E. D. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, T.; DUARTE, L. F. (org) *Família em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

BROCKINEIER, J. e HARRÉ, R. Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. In: *Psicologia: Reflexão Crítica*, pg 525-535, 2003.

BURGOS, M. B. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.(orgs) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CARMO, P. S. D. Juventude no singular e no plural. In: CARMO, P.S.D. *As caras da juventude*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001.

CARNEIRO, C. *Tempo e destino no contemporâneo: uma leitura do sujeito através da adolescência*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia, UFRJ, 2002.

CARRETEIRO, T. C. Sofrimentos Sociais em Debate. In: *Psicologia USP*, v 14, n.3, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acesso em: 15, Agosto, 2005.

CARVALHO, M. D. C. B. A priorização da família na agenda da política social. In: CARVALHO, M. D. C. B. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 1995.

CASTRO, L.R. *A Aventura Urbana – Crianças e Jovens no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CASTRO, L.R., CORREA, J. e colaboradores. *Mostrando a real: um relato da juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 2005.

CASTRO, M. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza*. Brasília: Unesco, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Bid, 2001.

CIDE Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro. Caderno de dados de referência. Rio de Janeiro, Janeiro de 2005.

COLBARI, A. L. *Ética do trabalho*. São Paulo: Letras e Letras, 1995.

CORROCHANO, M. C. E J. L. GOUVÊA A dança das cadeiras: os jovens e os mundos do trabalho no Brasil contemporâneo. In: TOKMAN, V.; CORROCHANO, M. C. e GOUVÊA, J. L. *Desemprego juvenil no Cone Sul: Uma análise de década..* Opções Prosur, Fundação Friedrich Ebert, 2003.

FRANCH, M. “Praticamente como um adulto” Dilemas da transição de jovens pobres do Recife. In: ALVIM, R., FERREIRA, E. E QUEIROZ, T. (Orgs) “*Reconstruções da Juventude Cultura e Representações Contemporâneas*. João Pessoa: Universitária (PPGS/UFPB), 2004.

GOMES, J. V. Família: cotidiano e luta pela sobrevivência. In: CARVALHO, M. D. C. B. A *família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 1995.

_____. Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. In: *Revista Brasileira de Educação - Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo: ANPED, n 5 e 6, p. 53-62, maio/ago., set/dez., 1997.

GONZAGUINHA. E vamos à luta. Intérprete: Gonzaguinha. In: *Gonzaguinha perfil*. Manaus: Som livre, 2004. 1 CD. Faixa 7.

GOUVEIA, P. “Juventude-adolescente pobre” e “valor-trabalho”. In: ALVIM, R. e GOUVEIA, P. (orgs) *Juventude Anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

GUIMARÃES, M. E. *Escolas, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

HENWOOD, K. Qualitative inquiry: perspectives, methods and psychology. In: Richardson, J.T.E.(Ed) *Handbook of Qualitative Research Methods for Psychology and the Social Sciences*, Leicester, UK, 1996.

LEEDS, E. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.(orgs) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LEVI, G e SCHMITT, J. C. (orgs). *História dos jovens*, vol 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAGGESSI, M. “Os presos voltam mais agressivos para a rua.”Entrevista concedida ao *Jornal O Globo* em 11 de setembro de 2005.

MARIZ, C. L.; FERNANDES, S.R.A e BATISTA, R. Os universitários da favela. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.(orgs) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MARQUES, M. O. S. Escola noturna e jovens. In: *Revista Brasileira de Educação-Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo: ANPED, n 5 e 6, p. 63-75, maio/ago., set/dez., 1997.

MARTINS, H. H. T. S O jovem no mercado de trabalho. In: *Revista Brasileira de Educação-Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo: ANPED, n 5 e 6, p. 96-109, maio/ago., set/dez., 1997.

MELLO, S. L. D. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M. D. C. B. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ, 1995.

MINAYO, M. C. D S (et al) *Fala Galera: Juventude, Violência e Cidadania na cidade do Rio de Janeiro* Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PAULA, E B. D. (et al.) *Manual para elaboração e normalização de dissertações e teses /* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sistema de Bibliotecas e Informação; 3. ed. rev., atual. e ampl. -- Rio de Janeiro: SiBI, 2004.

PEREGRINO, M. E o bonde abalou! Contenção, juventude e embate nas escolas do Rio. In: FRAGA, P.C.P e IULIANELLI, J. A. S. (org) *Jovens em Tempo Real*. Rio de Janeiro, DP & A, 2003.

POTTER, J. Discourse analysis and constructionist approaches: theoretical background. In: Richardson, J.T.E.(Ed) *Handbook of Qualitative Research Methods for Psychology and the Social Sciences*, Leicester, UK, 1996.

PROJETO JOVEM TOTAL. *Sub-Projeto: Grupos de Reflexão*. Mimeo, UFRJ: NIPIAC, 2002.

QUIROGA, C. “O (não-) trabalho: identidade juvenil construída pelo avesso?”, *Revista da Praia Vermelha*, 7, p. 22-55, 2002.

RASTA, J; KATIA. Rap da Felicidade. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.(orgs) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, p.102-103, 2003.

ROCHA, S. *Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?* Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, L. Juventude e pobreza no bairro de Peixinhos: questionamentos e alternativas. In: ALVIM, R., FERREIRA, E. e QUEIROZ, T. (Org) *Reconstruções da juventude Cultura e Representações Contemporâneas*. João Pessoa: Universitária (PPGS/UFPB), 2004.

SALES, T. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 25, ano 9, p. 26-37, Junho, 1994.

SALLAS, A L. F. (coord) *Os jovens de Curitiba: desencantos e esperanças, juventude, violência e cidadania*. Brasília: UNESCO, 1999.

SANTOS, C. E. A. D. Minha cor. Intérprete: Carlos Eduardo Alves dos Santos In: *Mandando a Real*. Rio de Janeiro: NIPIAC, 2004. 1VHS.

SARTI, C. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, T.; DUARTE, L. F. (orgs) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. e BRANCO, P.P.M. (orgs) *Retratos da juventude brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

TEIXEIRA, F. J. S. e OLIVEIRA, M. D. A.D.(orgs) *Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Fortaleza, Universidade Estadual do Ceará, 1998.

TOKMAN, V. e GOUVÊA, J. L. Desemprego juvenil no Cone Sul: causas, conseqüências e políticas. In: TOKMAN, V.; CORROCHANO, M. C. e GOUVÊA, J. L *Desemprego juvenil no Cone Sul: Uma análise de década..* Opções Prosur, Fundação Friedrich Ebert, 2003.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIANNA, H.; RIBEIRO, B. e BARONE, J. Alagados. Intérprete: Herbert Vianna. IN: *Paralamas do sucesso*. São Paulo: Emi-Odeon, 1995. 1 CD. Faixa 4.

VIEIRA, M. S. S. Juventude e o uso intensivo de droga na atualidade. In: ALVIM, R., FERREIRA, E. E QUEIROZ, T. (Organiz) "*Reconstruções da juventude Cultura e Representações Contemporâneas*". João Pessoa: Universitária (PPGS/UFPB), 2004.

WASELFISZ, J. J. *Relatório de desenvolvimento juvenil 2003*. Brasília:Unesco, 2004.

_____ *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. Brasília: Unesco; Cortez, 1998.

ZALUAR, A. “A Máquina e a Revolta” *As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ Crime, medo e política. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.(orgs) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____ *Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

